Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

REGULADORES

DO

Rito Francez.

GRÁOS MYSTERIOSOS.

VENERAVEL.

Rio de Janeiro.

1834.

REGULADORES

DO

Rito Francez.

GRÁOS MYSTERIOSOS.

VENERAVEL.

TYP. IMP. E CONST. DE SEIGNOT-PLANCHER E C^{a},
Rua d'Ouvidor, N. 95.

REGULADORES

DOS

GRÁOS MYSTERIOSOS,

OU DAS

QUATRO ORDENS SUPERIORES

do Rito Francez.

PRIMEIRA PARTE.

VENERAVEL.

RIO DE JANEIRO.

1834.

PRIMEIRA ORDEM.

GRÁO

DE ELEITO SECRETO.

O PRESIDENTE se chama *Sapientissimo.*

O 1° VIGILANTE. . » . *Grande Inspector.*

O 2° VIGILANTE. . » . *Severo Inspector.*

REGULADORES
DOS
GRAOS MYSTERIOSOS.

PRIMEIRA ORDEM.

Grão de Eleito Secreto.

SAPIENTISSIMO.

ABERTURA.

Quando o Conselho se reunir, todos os II.·. estaráõ condecorados, a excepção da fita que devem trazer no braço esquerdo.

O Sapientissimo se põe ao pé do altar, e condecora com a fita preta todos os II.·. hum depois do outro, segundo as suas dignidades e officios. Depois o Sap.·. diz.

P. I.·. Grande-Inspector, qual he o primeiro dever de hum Grande-Inspector Eleito?

R. Sap.·., he saber se todos os II.·. são Eleitos.

O Sap.·. —Certificai-vos, Grande-Insp.·.

(O Grande-Insp.·. certifica-se, e dá conta ao Sap.·.)

P. Qual he o segundo dever de hum Eleito?

R. Sap.·., he vêr se os trabalhos estão cobertos.

O Sap.·. —Certificai-vos, Grande-Insp.·.

(O Grande-Insp.·. certifica-se, e diz o que achou ao Sap.·.)

P. Sois Eleito Secreto?

R. Conheço huma caverna, huma alampada me illuminou, e huma fonte estancou a minha sede.

P. Que horas são?

R. A Estrella d'alva que apparece nos annuncia que o sol vai levantar-se, e que he tempo de nos pôrmos á obra.

O Sap.·. —Como este justo designio vos anima, e que o sol vai levantar-se, grande e severo Insp.·., II.·. Eleitos Secretos, o Conselho vai abrir-se. —A mim, meus II.·.

(Todos os II.·., guiados pelo Sap.·., fazem o signal e applaudem. o Sap.·. bate oito pancadas iguaes e huma lenta.)

O Sap.·. —O Conselho dos Eleitos está aber-

(Bate e diz:)

O Sap.·. — A vossos lugares, meus II.·.

(O Secretario faz a leitura da prancha dos ultimos trabalhos, e depois disto introduzem-os visitantes, se os houver.)

O Sap.·. — I.·. Sev.·. Insp.·., levai com vosco dous Eleitos; examinai escrupulosamente o exterior da Camara do Conselho: cumpre que eu tenha a certeza de que não podemos ser ouvidos.

(O Sev.·. Insp.·. sahe, acompanhado por dous Eleitos. Hum momento depois bate-se á porta como Mestre.

Depois do Grande-Insp.·. ter annunciado, o Sap.·. diz:)

O Sap.·. — Qual he o Mestre temerario que ousa vir perturbar os nossos trabalhos? Fazei ver quem bate, I.·. Grande-Insp.·.

(O Grande-Insp.·., depois de o ter sabido por meio do I.·. Mestre de Ceremonias, diz:)

O Grande-Insp.·. — São os Eleitos enviados á pesquiza, que se apoderárão de hum dos obreiros do Templo, e o conduzem.

O Sap.·. — Franqueai-lhes a entrada.

(As portas abrem-se; o I.·. Insp.·. conduz o Candidato ao Occidente, dizendo:)

O I.·. Insp.·.-Eis hum dos obreiros do Templo, que achamos perto d'aqui; ignoramos os seus designios.

(Todos os Eleitos gritão *vingança*, e voltão seus punhaes para o Recipiendario. Ao mesmo tempo, o Grande-Insp.·. lhe põe hum punhal sobre o coração, prestes a traspassa-lo.

Depois de hum momento de silencio:)

O Sap.·.—Quem es tu?

(O Sev.·. Insp.·. lhe dicta as respostas.)

R. Eu me chamo *Joaben*, Maçon da classe dos Mestres.

P. Que queres?

R. Lançar-me a vossos pés, e pedir-vos a graça de ser o vingador d'Hiram.

O Sap.·.—Quebrai suas prisões; esteja livre, como deve estar todo o Maçon.

(Desatão-no.)

O Sap.·.—Confirmai-nos, meu I.·., pelas vossas respostas, a verdade do que acabais de avançar.

P. Sois Mestre?

P. Experimentai-me.

(O Sap.·. faz as perguntas tiradas da Instrucção do gráo de Mestre, para examinar se elle a sabe.)

O Sap.·.—Dai o toque, as palavras, e o signal de Mestre ao I.·. Grande-Insp.

(Dá tudo ao Grande-Insp.·.)

O Sap.·.—II.·., que compondes o Conselho estais satisfeitos?

(Todos os II.·. levantão a mão direita, que fazem cahir ao mesmo tempo sopre a coxa direita, em signal de approvação.

O Sap.·.—Como o I.·. reune todos os suffragios, I.·. Grande-Insp.·., fazei-o avançar nove passos (tres de Aprendiz, tres de Companheiro, e tres de Mestre) até ao Trono, para vir prestar o juramento entre nossas mãos.

(O I.·. Grande-Insp.·. o faz avançar até ao Trono, aonde tendo chegado, lhe faz pôr o joelho direito em terra, a mão direita sobre o livro da Sabedoria, e segurar com a mão esquerda hum compasso que suspende hum malhete.

O Sap.·. colloca o seu punhal sobre a testa do I.·., e o I.·. Grande-Insp.·. lhe põe o seu sobre as costas, depois o Sap.·. diz:)

O Sap.·.—Meu I.·., se são sinceras as vossas disposições, pronunciai commigo:

JURAMENTO.

« Eu prometto, á fé de Maçon, perante o « Grande Architecto do Universo, e desta As- « sembléa, nunca revelar a homem algum que « não tenha feito o que agora faço, o segre- « do dos Eleitos. Prometto preencher escru- « pulosamente todas as obrigações, e susten- « tar os meus juramentos: aliás sirva a mais « horrivel morte de expiação ao meu perjurio; « seja o meu corpo o pasto das aves carni- « voras, e fique a minha memoria em exe- « cração aos filhos da viuva em toda a terra.»

(Prestado o juramento, o Sap.·. diz:)

O Sap.·. — I.·. Grande-Insp.·. fazei voltar o I.·. ao Occidente, e dar os passos retrogra- dos para saber que nada se faz sem desgos- tos, e que nunca deve offender-se das morti- ficações ordenadas por deliberação da Loja, sendo a humidade o verdadeiro caminho da perfeição Maçonica: fazei-o tomar lugar entre nós.

(Logo que chega ao Occidente, o Grande- Insp.·. o faz assentar sobre hum tamborete entre elle e o L·. Sev.·. Insp.·., e então o Sap.·. diz:)

O Sap.·.—II.·. Eleitos, meus II.·.! depois que hum horroroso assassinato nos privou do Architecto que, por suas virtudes e luzes, tinha merecido a direcção do Edificio feito para nelle se cantarem os louvores do Grande Architecto do Universo, todos os obreiros estão em consternação, e em luto universal; a Estrella da manhã não chama mais os obreiros ao trabalho. Tenho implorado aquelle que torna vãos todos os trabalhos dos homens, quando elle mesmo não edifica. Dignou-se de ouvir minhas preces, e não quer que o crime fique por mais tempo impune. Hum incognito se me offertou, e me revelou o escondrijo dos assassinos d'Hiram. Esta descoberta merece o maior segredo e a mais prompta deliberação.

(Nestes instantes todos os II.·. gritão: *Vingança!*)

O Sap.·.—(*Dirigindo a palavra ao Recipiendario.*) I.·. Mestre, vosso zelo a preencher esta commissão, sem duvida iguala ao dos outros membros do meu Conselho. Mas eu não quero dar a preferencia a nenhum: a sorte vai decidir quem ha de ser escolhido.—I.·. Mestre de ceremonias, fazei o vosso dever.

(O I.·. Mestre de ceremonias apresenta o

scrutinio ao Candidato, que tira hum papel sobre o qual está escrito *Joaben*, e o apresenta depois a todos os Eleitos. Então o Sap.·. diz:)

O Sap.·. — *Joaben*, vossos votos estão preenchidos; sede o chefe de huma tão nobre empreza. Não tenho necessidade de fazer-vos sentir toda a importancia do emprego que vos confio. Ide do lado de Joppa, perto de huma caverna junto ás margens do mar, chamada *Caverna Benacar;* ali achareis Abibalc e seus cumplices; diligenciai conduzi-los. Lembrai-vos que não deveis attentar ás suas vidas sem que a vossa esteja em perigo..... Parti.

(Então se faz a viajem. O Severo-Inspector acompanha o Recipiendario; e depois de a terem feito, entrão, tendo o ultimo na mão direita hum punhal, o braço levantado prestes a ferir, e o esquerdo extendido ao longo do corpo; colloca-se ao Occidente, exclamando: *o crime está punido.*)

O Sap.·. — Que huma tão justa vingança sirva de exemplo aos perversos, e lhes mostre o fim que espera os culpados; que durante tres dias as cabeças dos assassinos estejão expostas com suas ferramentas, no interior das obras;

estes tres dias expirados, suas ferramentas serão despedaçadas, suas cabeças queimadas, e as cinzas lançadas aos ventos, para que delles não fique memoria entre os homens e os Maçons; e fique o conhecimento do crime e da sua justa punição para sempre concentrado entre os Maçons.

(A cortina se levanta, e deixa ver as cabeças expostas, como já foi dito.

O Sap.·. continua, e diz:)

O Sap.·.—Sabei, meu I.·. que tudo o que se passou e tudo quanto haveis executado, he feito para recordar-vos, da maneira a mais forte, as primeiras obrigações que contrahistes entrando na Ordem, e a punição justamente merecida de quem se torna perjuro. Tudo vos annunciou a vingança; mas a Ordem está bem longe de inspirar-vos hum semelhante sentimento, ao contrario ella vos ordena de nunca esquecer que o braço armado sem a sanção de hum poder legitimo, só póde ser criminoso.

Vinde agora, meu I.·., receber a recompensa que haveis merecido. E vós todos, meus II.·., ajudai-me a fazer hum Eleito.

(O Mestre de ceremonias conduz o Recipien-

dario ao Trono, para ali renovar o seu juramento, durante o qual todos os Eleitos estão voltados para elle, com a mão extendida. O Sap.·. lhe põe o seu punhal sobre o hombro direito, e lhe diz:)

O Sap.·. — Em nome do Grande-Oriente de...., no seu Grande Capitulo, e pelos poderes que me forão conferidos pelo Capitulo...., vos faço Eleito.

(Põe-lhe a fita preta, e o reveste com o avental de Eleito.)

O Sap.·. — Temos neste gráo, como nos precedentes, hum signal, huma palavra e hum toque.

SINAL.

O signal se faz por aquelle que o pede, tirando o seu punhal com a mão direita, e levantando-o como para ferir. O que responde, fecha o punho da mão direita, e assim fechado, o levanta e depois o volta.

TOQUE.

O toque, para o que o pede, he, depois de ter fechado a mão direita, levantar o polegar,

e apresenta-lo áquelle a quem se pede. Este deve responder pegando no polegar com toda a mão direita. *(Repete-se alternativamente tres vezes a mesma cousa.)*

PALAVRA SAGRADA.

A palavra sagrada he N...., que significa *Vingança.*

PALAVRA DE PASSE.

A palavra de passe he A....

Ide agora, meu I.·., fazer-vos reconhecer por todos os II.·., dando-lhes o signal, a palavra e o toque, começando pelo I.·. Grande Insp.·.

(Feito isto, o Sap.·. o proclama, dizendo:)

O Sap.·. — II.·. Grande e Severo-Inspectores II.·. Eleitos Secretos, reconhecereis para o futuro ao I.·. N...., na qualidade de Membro do Conselho dos Eleitos Secretos do Capitulo de...., na sua primeira Ordem.

(Os II.·. Grande e Severo-Inspectores repetem o annuncio. Todos os Eleitos, guiados pelo Sap.·. applaudem.

O I.·. novamente recebido agradece; o seu

applauso he semelhantemente coberto pela mesma bateria.)

O Sap.·. — *(Dirigindo-se ao Recipiendario)*: I.·. de novo admittido ao Conselho dos Eleitos, o desejo de adquirirdes novos conhecimentos Maçonicos, vos fez sollicitar o primeiro gráo superior á Maçoneria symbolica. Figurastes-vos sem duvida ver descobertos os diversos objectos que o emblema vos tinha occúlto nos precedentes gráos; não temais ver frustrada a vossa esperança; mas a carreira que deveis ainda percorrer he longa e penosa; hum zelo infatigavel adoçará vossos trabalhos; tendes penetrado por entre as trevas da noite; a luz brilhou a vossos olhos desde o instante da vossa iniciação; cada dia ella vos illuminará ainda mais, e se tiverdes a força de persistir, alcançareis o verdadeiro fim.

Tomai lugar, meu I.·., prestai attento ouvido á instrucção que vos vai ser feita; ella vos illuminará sobre o que apparece a vossos olhos, e que até ao presente não podestes entender.

(O Mestre de Ceremonias lhe faz tomar o seu lugar; depois o I.·. Orador recita hum discurso, ao qual ajunta a historia do gráo.)

INSTRUCÇÃO.

P. Sois Eleito Secreto?

R. Conheço huma caverna, huma alampada me illuminou, e huma fonte aplacou a minha sede.

P. Que fizestes nesta qualidade?

R. Fui encarregado de huma Commissão importante, de que recebi o premio.

(Mostra a sua fita.)

P. Qual era o vosso projecto?

R. Vingar o crime.

P. Qual era a vingança permittida aos Maçons?

R. A justa punição dos assassinos de seu respeitavel Mestre, com ordem expressa do Rei.

P. Em que lugar se formou o projecto de vingança?

R. Em hum Conselho Secreto.

P. A que hora?

R. Na obscuridade da noite.

P. Quando partistes?

R. Antes do dia.

P. Quem vos illuminava?

R. A Estrella d'alva.

P. Por onde começastes?

R. Pela detruição de dous culpados.

P. Aonde os descubristes?

R. Fugindo ao través de rochedos escarpados.

P. Fostes mais longe?

R. Penetrei no interior de huma horrivel caverna.

P. Quem achastes alli?

R. O Traidor, que acabava de entrar, e se dispunha ao repouso.

P. Que aconteceu?

R. Cheio de medo ao aspecto de hum Mestre, a si mesmo fez justiça.

P. Que vos restava a fazer?

R. Nada, porque estava completa a vingança.

P. Que horas crão então?

R. O Sol acabava de occultar-se.

P. Que idade tendes?

R. Nove semanas sobre sete annos, por causa das nove semanas que se passárão antes da punição do crime.

P. Que significa a formula da vossa recepção?

R. O que se passou na formação e na execução do projecto.

P. Donde procedem as oito luzes, e huma maior separada do resto?

R. Representão os nove Eleitos; a maior indica o seu Chefe.

P. Que denotão as outras seis luzes?

R. Os seis Mestres que se lhes reunirão com titulo de Eleitos, depois da sua volta.

P. O que significão as côres da Camara do Conselho?

R. O preto significa á atrocidade do crime; as chamas exprimem o nosso ardor na vingança; e o vermelho denota que ella só póde extinguir-se no sangue dos culpados.

P. Que significão as inscripções que se vêem sobre os pilares em que estão postas as cabeças?

R. Que o Ceo, juiz das acções dos homens, he o mais certo vingador, e que nunca deixa o crime impune.

P. Que significa o cão?

R. Que o menor indicio muitas vezes serve para descubrir o culpado.

P. Que significa a caverna?

R. Que nada ha tão obscuro e tão occul-

to, que possa pôr os perversos a abrigo dos supplicios ou dos remorsos.

P. Que significa o braço com hnm punhal na mão?

R. Que os nossos devem sempre estar promptos a ferir tudo quanto offende ou fere a virtude.

P. Que significa a Estrella d'alva, e as outras oito?

R. A hora da partida e o numero dos Eleitos. Ao mesmo tempo significa que mui cedo devemos começar, quando se trata de fazer huma boa acção.

P. Que significa a escada talhada na rocha, e difficil?

R. Que he necessario transpôr os lugares mais escabrosos para conseguir a destruição do vicio.

P. Que significa a alampada?

R. Que recebemos huma luz imprevista nos procedimentos dictados pelo Grande Architecto.

P. Que significa a fonte achada inopinadamente?

R. Que a Providencia nunca abandona em as urgentes necessidades.

ENCERRAMENTO.

P. Que vos resta fazer?

R. Nada, porque tudo está completo.

P. Que idade tendes?

R. Nove semanas sobre sete annos, por causa das nove semanas que se passárão antes da punição do crime.

P. Que horas são?

R. He a hora em que sahi da caverna, e a hora em que o Sol acaba de occultar-se.

O Sap.·. — Como nada resta a fazer, e que o Sol acaba de occultar-se, II.·. Grande e Severo Inspectores, II.·. Eleitos Secretos, o Conselho vai encerrar-se. — A mim, meus II.·.

(Todos os II.·., guiados pelo Sap.·. fazem o signal e applaudem.

O Sap.·. bate oito pancadas e huma lenta, e diz:)

O Sap.·. — O Conselho dos Eleitos está fechado, retiremo-nos em paz.

(Bate huma vez, todos deixão as suas insignias, e se retirão em paz.

ENCERRAMENTO.

P. Que vos resta fazer?

R. Nada, porque tudo está completo.

P. Que idade tendes?

R. Nove semanas sobre sete annos, por causa das nove semanas que se passárão antes da punição do crime.

P. Que horas são?

R. He a hora em que saúl da caverna, e a hora em que o Sol acaba de occultar-se.

O Sap.·. — Como nada resta a fazer, e que o Sol acaba de occultar-se, II.·. Grande e Severo Inspectores, II.·. Eleitos Secretos, o Conselho vai encerrar-se. — A mim, meus II.·.

(Todos os II.·., guiados pelo Sap.·. fazem o signal e applaudem.

O Sap.·. bate oito pancadas e huma lenta, e diz:)

O Sap.·. — O Conselho dos Eleitos está fechado, retiremo-nos em paz.

(Báte huma vez, todos deixão as suas insignias, e se retirão em paz.

SEGUNDA ORDEM.

GRÁO D'ESCOCEZ.

O PRESIDENTE	se denomina	*Muito Grande.*
O 1° VIGILANTE	. . .	*Grande 1° Vigilante.*
O 2° VIGILANTE	. . .	*Grande 2° Vigilante.*
TODOS OS IRMAOS	. . .	*Grandes-Officiaes, Sublimes Mestres.*

REGULADORES
DOS
GRAOS MYSTERIOSOS.

SEGUNDA ORDEM.

Grão d'Escocez.

MUITO GRANDE.

ABERTURA.

P. Primeiro Grande Vigilante, estamos cobertos?

R. Muito Grande, estamos cobertos.

P. Quem vos conduzio aqui, meu irmão?

R. O amor do meu dever, e o desejo de attingir a alta sciencia.

P. Que tendes que vos torne digno della?

R. Hum coração puro, zeloso, partidista da virtude e da verdade.

P. Onde trabalhais?

R. Em huma abobada subterranea.

P. Qual he o objecto dos vossos trabalhos?

R. O conhecimento da arte d'aperfeiçoar o que está imperfeito, e de chegar ao thesouro da verdadeira moral.

P. Qual foi a vossa recompensa?

R. Fui admittido em hum lugar de luz e de gloria onde terminei os meus trabalhos.

P. Que idade tendes?

R. Nove annos.

P. Que horas são?

R. Meio dia.

P. Que entendeis por isto?

R. Que o sol, no seu zenith, illumina a nossa Obra.

O Muito Grande.—Como o Sol está no seu zenith, hé tempo de nos entregarmos ao trabalho. II.·. 1° e 2° Grandes VV.·. annunciai que vou abrir a Sublime Loja dos Grandes Eleitos no Capitulo de .... pelos mysterios costumados.

(Os Grs.·. VV.·. fazem o annuncio.

Depois de feito, o Muito Grande dá tres pancadas. O 1° Grande Víg.·. dá cinco, o 2° Grande Vig.·. sete; o Muito Grande nove; o que produz 24 pancadas e tres intervallos.)

O Muito Grande. — II.·. 1° e 2° Grande Vigilantes, fazei-me chegar a palavra.

(Os VV.·. executão a ordem, e depois o Muito Grande diz:)

O Muito Grande. — A mim, meus II.·.

(Todos os II.·., guiados pelo Muito Grande, fazem o signal de faxa, e applaudem por tres, cinco, sete, e nove, dizendo tres vezes *houzé.*)

O Muito Grande. — Grandes VV.·., Grandes-Officiaes Sublimes Mestres, a abobada secreta está aberta, e os trabalhos dos Grandes-Eleitos no Capitulo de .... na sua segungunda ordem.

(Os VV.·. repetem o annuncio. O Muito-Grande bate, e diz:)

O Muito-Grande. — A vossos lugares, meus II.·. — (Todos os II.·. tomão os seus lugares. O Secretario faz a leitura dos ultimos trabalhos, depois do que os Visitantes são introduzidos, se os houver.)

RECEPÇÃO.

(Estando tudo disposto, o Muito Grande deixa o seu lugar, e marcha em frente; depois se seguem os VVig.·., e em seguimento

os Dignitarios e todos os II.·., dous a dous. Observa-se o maior silencio.

Chegados todos á Camara de Preparação, os II.·. se collocão em duas linhas, na mesma ordem que na Camara precedente, conservando-se em pé, e com a espada na mão.

O Muito Grande, dirigindo a palavra ao Recipiendario, lhe diz:)

O Muito-Grande. — Que pedis, meu I.·.?

(O Recipiendario dá huma resposta qualquer.

Todos os II.·., guiados pelo Muito-Grande, inclinão-se para o Recipiendario, em forma de saudação, e voltão na mesma ordem á Camara de Recepção. Os dous sacrificadores e os dous Purificadores poem o Recipiendario entre elles, e terminão a marcha. O I.·. Preparador segue immediatamente.

Todos os Officiaes nos seus lugares, e o Recipiendario collocado entre os dous VV.·.

O Muito-Grande faz ao Recipiendario algumas perguntas tiradas do cathecismo do Gráo precedente.)

P. Sois Eleito?

R. Conheço huma caverna, huma fonte estancou a minha sede, &c.

(Depois de algumas outras perguntas, o Muito-Grande diz:)

O Muito-Grande. — Meu I.·., vossos precedentes trabalhos sem duvida vos animárão a fazer novas descobertas, e as promessas que vos têem sido feitas excitárão o vosso zelo. Devemos presumir que o passo actual vos he inspirado pelo amor dos conhecimentos do bem e do verdadeiro. Ides ser entregue ás mais fortes provas, e exigimos de vós o maior dos sacrificios: sentis a coragem e a resignação necessarias?

(Deve responder: *Sim.*)

O Muito-Grande. — II.·. Sacrificadores, conduzi a victima ao altar.

(Os dous Sacrificadores conduzem o Recipiendario ao altar dos sacrificios, á roda do qual o fazem girar tres vezes, e depois o fazem pôr o joelho em terra, pegão hum no machado e outro no cutelo que achão sobre o altar, e se conservão n'esta attitude até depois das seguintes perguntas: (*)

(*) O Recipiendario deve estar voltado com a face para o Meio-dia, o corpo dirigido para Oeste, e a ca-

O Muito-Grande. — *(Dirigindo-se ao Recipiendario.)* — Meu irmão, tendes observado escrupulosamente as obrigações Maçonicas que contractastes?

R. Sim.

P. Se tendes a infelicidade de encerrar em vosso coração algum sentimento d'inimizade contra vossos irmãos, consentireis em depô-lo aqui?

R. Sim.

P. Consentis em immolar todas as paixões, indignas de hum homem virtuoso?

R. Sim.

O Muito-Grande. — Meu irmão, a vossa resignação vos faz achar graça perante nós. Nisto imitamos o Grande Architecto do Universo, no momento em que o seu mais fiel servidor ia consummar hum sacrificio maior do que se elle mesmo fosse a victima..... Levantai-vos.

(Os dous VV.·. conduzem o Recipiendario ao Occidente; logo que ali chega, o Muito Grande lhe diz:)

---

beça inclinada para o altar. O Sacrificador que tem o cutello lho dirige sobre o coração, e o do machado sobre a garganta.

O Muito-Grande. — Meu irmão, o sacrificio que exigimos he o de toda a acção, que não sendo dirigida pela esquadria e o compasso, póde offender a virtude. II.·. Purificadores, conduzi o Recipiendario ao Vaso d'ablução; fazei-o sahir purificado de tudo quanto póde ferir a innocencia.

(Os II.·. Purificadores o conduzem ao Vaso d'ablução, á roda do qual faz tres giros: depois o fazem metter nove vezes as mãos na agoa até o punho, e os pés até o tornozelo, nove vezes igualmente.

Os Purificadores enxugão com huma toalha os pés e as mãos do Recipiendario; depois o conduzem para entre os dous VV.·., e então o Muito-Grande lhe diz:)

O Muito-Grande — Acabai de purificar o Recipiendario, e conduzi-mo para prestar o seu juramento.

(Os Purificadores o conduzem ao altar, onde ardem perfumes; fazem-lhe dar tres giros á roda delle; e com a mão aberta e os dedos extendidos, lh'a fazem passar nove vezes pelo fumo do incenso que ali deve arder, e de lá

o conduzem ao Muito-Grande, que o faz prestar o seguinte juramento: (*)

JURAMENTO.

« Juro e prometto, perante esta Assembléa, « de nunca revelar os segredos, directa ou in- « directamente, aos Profanos, nem aos Ma- « çons inferiores; de nunca desprezar hum « bom Maçon, de qualquer estado ou condi- « ção que seja; de ajudar a meus II.·. com « os meus conselhos e serviços; de nunca pre- « judicar sua fortuna, seu estado, e sua hon- « ra; e no caso de infracção de meus jura- « mentos, me submetto a ser privado da ver- « dadeira luz, e me entrego ao desprezo dos sec- « tarios da virtude e da verdade. »

(Levantado o Recipiendario, os Sacrificadores o fazem recuar tres passos, e se retirão para o lado: depois o Muito-Grande lhe diz:)

O Muito-Grande. — Meu I.·., o juramento que acabais de prestar he hum novo laço que

(*) O Recipiendario se colloca como nos gráos precedentes, e o Muito-Grande apresenta a espada sobre a qual o Recipiendario deve pôr a mão direita.

vos une a nós; he tempo de recompensar o vosso zelo; ponde em nossas mãos o deposito precioso que tendes nas vossas.

(O Recipiendario, que está só neste momento, responde, e o Muito-Grande lhe diz:)

O Muito-Grande. — Meu I.·., o pedido que acabo de fazer-vos he dos mais essenciaes; e me he impossivel admittir-vos se não me entregardes o objecto que peço. Desejo que os II.·. me queirão dispensar desta formalidade; mas não posso encarregar-me de ultrapassa-la sem os ter consultado. Ide para o Occidente. II.·. 1° e 2° Grandes VV.·., ide recolher os votos, e vinde dar-me conta.

(Os VV.·. executão a ordem; depois o Muito-Grande diz:)

O Muito-Grande. — Meu I.·., he-me impossivel ir mais avante a respeito da vossa recepção; poderiamos ter algum temor sobre o que tendes visto e ouvido: mas vós nos pareceis hum bom Maçon; além disto o juramento que acabais de prestar nos dá confiança. Retirai-vos.

(O I.·. Preparador acompanha o Recipiendario para fóra dos trabalhos. Lá lhe ensi-

na a marcha e a palavra de passe; ajusta-lhe á roda do corpo huma corda verde, lançando-lhe hum dos extremos por cima do hombro esquerdo, e lhe entrega hum triangulo de ouro suspenso a hum cordão de Mestre, onde se acha gravado de hum lado o nome Hebraico do Gr.·. Ar.·. do U.·., depois bate á porta por tres, e cinco, ou sete e nove.

O Muito-Grande diz:)

O Muito-Grande.—I.·. 1° Grande Vig.·., sabei quem bate.

(O 1° Grande Vig.·. depois de se ter informado, na forma usada, diz:)

O 1° Grande Vig.·.—O Recipiendario fez as indagações necessarias, e achou o objecto do vosso pedido.

O Muito-Grande.—Franqueai-lhe a entrada.

(As portas se abrem; o Recipiendario entra com o Delta na mão, e quando chega ao Occidente, exclama mostrando-o: *Elhanam!*

Todos os II.·. fazem o signal de extase contemplando o triangulo.)

O Muito Grande.—Meu I.·., não podemos

bastantemente recompensar o vosso zelo. Aproximai-vos.

(O Recipiendario, acompanhado dos dous Purificadores chega ao Oriente pelos passos do gráo, e entrega o Delta ao Muito-Grande. O Muito-Grande dirige a palavra a todos os II.·., e diz:)

O Muito-Grande.—Sabeis, meus II.·., de que importancia he a palavra innominada; depositemo-la neste subterraneo; incrustemo-la sobre este pedestal, que será para sempre o pedestal da sciencia; escondamo-la aos olhos dos Profanos.

(Os Purificadores levantão a pedra cubica; o Muito-Grande põe o triangulo sobre o pedestal, e os Purificadores o tornão a cubrir com a pedra cubica. Feito isto, o Muito-Grande tira a corda que enlea o Recipiendario, e lhe diz:)

O Muito-Grande.—Eu vos desato dos laços dos vicios, para que para o futuro nada possa embaraçar-vos na carreira das virtudes e da verdade.

(Os Purificadores fazem pôr o Recipiendario de joelhos. Hum delles apresenta ao Muito-Grande a pia, e outro a trolha, que o Muito-Grande mergulha no mixto, depois a passa sobre a testa do Recipiendario, dizendo:)

O Muito-Grande. — Oxalá que as tuas vistas sejão puras.

(Nesta occasião, como nas mais, os Purificadores limpão como huma toalha ao Recipiendiario.

O Muito-Grande passa a trolha sobre os labios do Recipiendario, dizendo:)

O Muito-Grande. — Que a tua boca só se abra para proferir palavras uteis a teus II.·.

(Passa-lhe a trolha sobre o coração descoberto dizendo:)

O Muito Grande. — Que nunca te argua a consciencia, e que todas as tuas acções se dirijão ao conhecimento da verdade.

(O Muito-Grande diz, depois de se ter levantado o Candidato:)

O Muito-Grande. — Conduzi o I.·. á mesa dos pães.

(Os Purificadores para ali o conduzem.)

O Muito-Grande. — Meu I.·., bebei com os vossos II.·. na mesma taça, e parti juntamente o mesmo pão, para vos ensinar que os Maçons se fortificão pela união e pela communidade dos soccorros reciprocos.

(Os dous Purificadores partem o mesmo pão com o Recipiendario, comem juntos, e bebem na mesma taça. Isto feito o conduzem ao Muito-Grande, que lhe mette no dedo annular da mão esquerda, hum annel de ouro, dizendo:)

O Muito-Grande. — Meu I.·., este annel he huma prova da alliança que tendes feito comnosco; que as vossas intenções sejão sempre puras, e só mudem quando elle mesmo mudar de natureza.

Vamos agora ao Templo, meus II.·., admirar-lhe as formosuras, e dar graças ao G.·. Ar.·. do U.·.

(Os Purificadores conduzem o Recipiendario ao Occidente a passos lentos. Durante este tempo tirão o pedestal e a pedra cubica.

Quando o Recipiendario chega ao Occidente, os VV.·. batem cada hum huma pancada repetida pelo Muito-Grande. A este signal, se

faz brilhar as luzes tirando os transparentes; levantão o véo do Oriente, o que deixa ver o Candelabro com os seus sete ramos e todas as riquezas do interior. Na mesma occasião huma doce musica se faz ouvir.)

O Muito-Grande. — II.·. Purificadores, fazei chegar o I.·. ao Oriente, para alli receber o complemento da sua recepção.

(O Recipiendario, andando com passos livres, chega ao Oriente, acompahado dos dous Purificadores; o Muito-Grande entra com o Recipiendario no interior, e lhe entrega o que he necessario para accender o Candelabro dos sete ramos.

O Recipiendario faz tres giros em torno do candelabro, e accende successivamente cada alampada, a saber:

No primeiro giro, as tres mais altas.

No segundo giro, as duas seguintes mais altas.

No terceiro giro, as das extremidades.

Feito isto, o Muito-Grande e o Recipiendario sahem do interior, e o Muito-Grande toma o seu lugar, faz pôr todos os II.·. a pé e á ordem. O Recipiendario de joelhos ao pé do altar,

á mão sobre a espada, repete o seu juramento. Finalmente, o Muito-Grande põe sobre a cabeça do Recipiendario huma espada nua, e bate em cima della por tres, cinco, sete, e nove, dizendo:)

O Muito-Grande. — Em nome do Grande-Oriente de....., no seu Grande Capitulo, e pelos poderes que me forão conferidos pelo Capitulo de...., vos recebo, meu Irmão, Grande-Eleito Escocez, no Soberano Capitulo de...., na sua segunda Ordem.

(Depois o Muito-Grande o faz levantar, condecorando-o com o cordão e a faxa, e o reveste com o avental; e depois lhe diz:)

O Muito-Grande. — Meu I.·., nós temos neste gráo, como nos precedentes, huma palavra, hum signal, e hum toque:

SIGNAL.

O signal se chama d'extase; faz-se com os braços extendidos até a altura do hombro, estando as mãos abertas em esquadria, a cabeça inclinada sobre o hombro esquerdo, e o pé esquerdo para a retaguarda. Substitue-se-

lhe o signal de faxa, que se faz levantando a mão direita, a palma na altura do hombro esquerdo, e deixando-a cahir ao longo do corpo até ao quadril direito. Este signal serve para saudar e pedir a palavra.

CONTRA-SIGNAL.

O contra-signal he o do ventre cortado. Faz-se, levando a mão direita ao quadril esquerdo, e retirando-a horisontalmente á direita.

TOQUE.

O toque se faz tomando-se mutuamente a mão direita, que hum e outro voltão tres vezes, dizendo: B. N. S.

MARCHA.

A marcha se executa por tres, cinco, sete, e nove, como já o haveis feito.

PASSOS.

Estes passos significão a descida da escada; fazem-se de lado, porque faltaria o espaço. Fazem-se, a saber: tres de lado, principiando

com o pé esquerdo; cinco começando com o pé direito; sete com o esquerdo, e tres vezes tres, começando primeiramente com o pé direito, depois com o esquerdo, seguidamente com o direito, e no ultimo formando esquadria.

PALAVRA SAGRADA.

A palavra sagrada he S.·. H.·. P.·. He este o nome inexplicavel que serve para exprimir o nome das quatro letras, ou *tetra grammaton.*

PALAVRA DE PASSE.

A palavra de passe he E.·., que significa *Graças a Deos.*

A ordem he o começo do signal de faxa.

Ninguem se põe á ordem durante as ceremonias.

Ide agora, meu I.·., fazer-vos reconhecer por todos os II.·., começando pelos Grandes VV.·., e dar-lhes o que acabais de receber.

(Os Purificadores conduzem o Recipiendario ao 1° e 2° VV.·., e a todos os II.·.

Isto feito, o Muito-Grande dá huma pancada, e cessa a musica.)

PROCLAMAÇAÕ.

O Muito-Grande. — II.·. Grandes VV.·., Grandes-Officiaes Sublimes Mestres, reconhecereis para o futuro o I.·.*****, como Grande Eleito e Membro do Collegio dos Escocezes no Capitulo de...., na sua segunda ordem.

(Os VV.·. repetem o annuncio.

Todos os II.·., guiados pelo Muito-Grande, applaudem por tres, cinco, sete, e nove, seguidos do triplice *houzé*. O novo iniciado agradece, e cobre-se o applauso.

O Muito-Grande dirige ao Recipiendario o seguinte discurso:)

O Muito-Grande.—Tudo está mudado a vossos olhos, meu Irmão; novos emblemas se offerecem de todas as partes; sua explicação se vos torna mais sensivel. Não desanimeis; fazei cada día novos esforços, e descobrireis necessariamente o verdadeiro fim.

Tomai lugar entre nós, e prestai attento ouvido á instrucção que vos vai ser dada.

(Hum dos Purificadores faz collocar o novo

recebido ao Meio-dia, em primeiro lugar depois dos Officiaes.

O Orador faz hum discurso, ao qual accrescenta a historia do gráo.)

INSTRUCÇAÕ.

P. Quem vos conduzio aqui, meu I.·. ?

R. O amor do meu dever, e o desejo d'attingir a alta sciencia.

P. Que tendes que vos faça digno della ?

R. Hum coração puro, zeloso partidista da virtude e da verdade.

P. Onde trabalhastes ?

R. Em huma abobada subterranea.

P. Onde estava construida esta abobada subterranea ?

R. Foi construida secretamente debaixo da parte mais mysteriosa do Templo.

P. Para que servia esta abobada secreta ?

R. Para conter hum precioso deposito.

P. Em que lugar se achava elle ?

R. O Delta precioso sobre o qual estavão gravados os verdadeiros caracteres da palavra innominada, foi incrustado em hum pedestal de marmore collocado no meio da abobada, e coberto com a pedra cubica.

P. Qual era a pedra cubica?

R. Huma pedra d'agatha talhada em forma quadrangular, contendo as palavras secretas da Arte Real.

P. Como se decifrão as letras que ali se achão incrustadas?

R. Lendo-as segundo os principios da arte.

P. Como fostes introduzido?

R. Por tres, cinco, sete, e nove.

P. Que vos aconteceu?

R. Passei por provas rigorosas.

P. A que prova vos sugeitárão?

R. Com a ponta sobre o coração e o ferro sobre a garganta, fiz voluntariamente o sacrificio das paixões.

P. Basta isto para ser admittido?

R. Depois de me ter purificado, me mandárão proceder a huma indagação para merecer a minha admissão.

P. Fostes feliz na vossa indagação?

R. Por hum particular favor e huma luz imprevista, fiz a descuberta do precioso deposito: entrei tendo-o na mão, e no estado em que me achava quando fiz a descuberta.

P. Qual era o objecto da vossa indagação?

R. O conhecimento da arte de aperfeiçoar

o que está imperfeito, e chegar ao thesouro da verdadeira moral.

P. Qual foi foi a vossa recompensa?

R. O laço dos vicios foi sobre mim despedaçado; passárão-me sobre a testa e sobre os labios a toalha impregnada de hum mixto preparado; participei do banquete dos Grandes Eleitos; recebi o penhor de huma nova alliança, e finalmente fui admittido em hum lugar de luz e de gloria, onde terminei os meus trabalhos.

P. De que era composto este mixto?

R. De leite, azeite, vinho, e farinha.

P. Que significão estas cousas?

R. Doçura, prudencia, força, e formosura, qualidades essenciaes aos Grandes Eleitos.

P. Como se chamão as Lojas dos Grandes Eleitos Escocezes?

R. Lojas das altas Sciencias; e seus trabalhos, sublimes.

P. Como se consegue chegar ali?

R. Com a firmeza no coração e no rosto, caracteristicos dos homens irreprehensiveis.

P. Qual he o seu primeiro dever?

R. Observar com respeito as Leis da Maço-

neria, praticar a mais sã moral, e soccorrer seus irmãos.

P. Quantas luzes tendes?

R. Tres vezes nove.

P. Que representão ellas?

R. As alampadas inextinguiveis collocadas na abobada secreta.

P. Porque razão o nome d'abobada secreta na abertura, se muda no de abobada sagrada no encerramento?

R. Porque collocado o deposito, ella só he conhecida debaixo deste ultimo titulo.

P. Onde viajão os Grandes Eleitos?

R. Por toda a terra, para espalharem a verdadeira Sciencia.

P. Que idade tendes?

R. Nove annos.

P. Porque o numero de oitenta e hum he honrado entre nós?

R. He porque de todos os numeros, he este o que offerece mais combinações Maçonicas, e porque nos termos da arte, elle he o triplo do Cubo, ou o maior quadrado.

ENCERRAMENTO.

P. D'onde vindes?

R. Venho de procurar.

P. Que trazeis?

R. O precioso deposito.

R. Onde o puzestes?

R. Em hum lugar secreto e impenetravel.

P. Como conseguistes chegar ali?

R. Por tres, cinco, sete, e nove.

P. Para que serve este deposito?

R. Para tornar a achar, em caso d'alteração, os verdadeiros caracteres da palavra innominada e todas as palavras secretas da Maçoneria.

P. Que levais d'aqui?

R. O premio do meu zelo, e hum maior desejo de exerce-lo.

P. Qual he o seu objecto?

R. A gloria do Gr. Ar. do U.·.

P. Que idade tendes?

R. Nove annos.

P. Que horas são?

R. He meia noite e a hora de terminarmos os nossos trabalhos.

O Muito-Grande. — Como he meia noite e a hora de terminarmos os nossos trabalhos, II.·. 1° e 2° Grandes VV.·., annunciai que vou fechar a Loja dos Sublimes Grandes Eleitos, no Capitulo de ****, pelos numeros costumados, e que a abobada sagrada vai fechar-se.

(Os VV.·. repetem o annuncio.)

O Muito-Grande.— A mim, meus Irmãos !

(Todos os II.·., guiados pelo Muito-Grande, fazem o signal de faxa, e applaudem por tres, cinco, sete, e nove, seguidos pelo triplice *houzé*.)

O Muito-Grande. — II.·. 1° e 2° Grandes VV.·., a abobada sagrada esta fechada, e os trabalhos dos Grandes Eleitos no Capitulo de ****, na sua segunda ordem.

(Os VV.·. repetem o annuncio.
O Muito-Grande dá huma pancada.
Todos deixão os seus ornatos, e se retirão em paz.)

TERCEIRA ORDEM.

GRÁO

DE CAVALHEIRO DO ORIENTE.

SALA DO ORIENTE.

O PRESIDENTE se denomina	*Soberano Mestre.*
O 1° VIGILANTE . » . .	1° *General.*
O 2° VIGILANTE . » . .	2° *General.*
O ORADOR . . . » . .	*Grande-Orador.*
O SECRETARIO . . » . .	*Gram-Mestre dos Despachos.*
O MESTRE DE CER.·. » . .	*Gram-Mestre do Palacio.*
TODOS OS IRMÃOS . » . .	*II.·. Cavalheiros.*
O RECIPIENDARIO . » . .	*Zorobabel.*

SALA DO OCCIDENTE.

O PRESIDENTE se denomina	*Muito Ill.·. Mestre.*
O 1° VIGILANTE . » . .	*Illustre* 1° *Vigilante.*
O 2° VIGILANTE . » . .	*Illustre* 2° *Vigilante.*

REGULADORES

DOS

GRAOS MYSTERIOSOS.

TERCEIRA ORDEM.

Cavalheiro do Oriente.

SOBERANO-MESTRE.

ABERTURA.

SALA DO ORIENTE.

(Todos os Cavalheiros estarão nos seus lugares, á excepção do que preside, e que só entra depois de se ter annunciado batendo com o pé huma pancada sobre o pavimento, junto á porta.

O 1° General diz:)

O 1° Gen.·.—Cavalheiros, o Soberano Mestre nos reune em Conselho; estejamos atten-

tos a tudo quanto vai dizer-nos e propôr-nos. Ei-lo que chega.

(O Sob.·. Mes.·. entra, e vai para o seu lugar acompanhado pelos dous Guardas da Torre, que voltão aos seus logo que o Sob.·. Mes.·. toma assento.

O Sob.·. Mes.·. bate huma pancada com os copos da espada, e sauda a todos os Cavalheiros.

Os Cavalheiros, guiados pelos GG.·. respondem pondo a mão direita sobre o coração, e inclinando o corpo.)

P. 1° Gen.·., qual he o primeiro dever de hum Cavalheiro?

R. He precaver á segurança do Conselho, e a que nelle só possão entrar Cavalheiros.

O Sob.·. — 1° e 2° GG.·., inspeccionai.

(Os dous Generaes vão examinar as portas da Torre, e vêem se os guardas estão vigilantes. Quando voltão aos seus lugares, dizem:)

Os GG.·. — As guardas cercão o Palacio, o Conselho está em segurança.

P. E basta isto?

R. He necessario ainda saber se todos os

que estão presentes são dignos de assistirem ao Conselho.

O Sob.·. Mes.·. — Certificai-vos, 1° e 2° GG.·.

(Certificão-se, e dão conta ao Sob.·. Mes.·. dizendo:)

Os GG.·. — Todos os membros presentes são bons Cavalheiros.

P. Em que tempo estamos?

R. Na revolução das dez semanas de annos de cativeiro.

(O Sob..·. Mes.·. diz:)

O Sob.·. Mes.·. — 1° e 2° GG.·., como he assim, annunciai que o Conselho vai abrir-se.

(Os dous Generaes fazem o annuncio.

O Sob.·. Mes.·. bate sete pancadas com os copos da espada, pondo hum intervallo entre a quinta e as duas ultimas.

Os dous GG.·. repetem a mesma bateria.

O Sob.·. Mes.·. diz:)

O Sob.·. Mes.·. — A mim, Cavalheiros!

(Todos os Cavalheiros, guiados pelo Sob.·. Mes.·., applaudem por cinco e dous, dizendo juntamente tres vezes: *Honra aos Cavalheiros!*

O Sob.·. Mes.·. — O Conselho está aberto, e os trabalhos do Capitulo de****, na sua terceira ordem.

(Os GG.·. repetem o annuncio.
O Sob.·. Mes.·. bate, e diz;)

O Sob.·. Mes.·. — A vossos lugares, Cavalheiros!

(O Secretario faz a leitura da prancha dos ultimos trabalhos, depois do que são introduzidos os VVis.·. se os houver.)

O Sob.·. Mes.·. — Vós todos, Cavalheiros, Membros do meu Conselho! O motivo pelo qual vos reuno hoje, he para que me deis os vossos conselhos sobre hum sonho maravilhoso que tive esta noite. E a vós Gram-Mestre do Palacio, que possuis o dom sublime de os explicar, vou expôr-vos o que vi no meu somno.

(O Gram-Mestre do Palacio responde;)

O Gram-Mestre. — Sob.·.-Mes.·., não he effeito de huma sabedoria natural de que me possa vangloriar, e que não possa achar-se no resto dos homens; mas algumas vezes apraz ao Grande-Ar.·. do U.·. espalhar sobre os fracos humanos esta sciencia sobrenatural, quan-

do, por meio das visões, se digna manifestar os seus decretos.

O Sob.·. Mes.·. — Gram-Mes.·. do Palacio, reconheço o espirito que vos anima ; eis o que vi: era hum leão embravecido prestes a lançar-se sobre mim para devorar-me; fugi e-pavorido; huma luz viva que sahia de huma gloria brilhante deslumbrou meus olhos ; meus predecessores Nabuchodonosor e Balthazar, me apparecêrão carregados de cadêas; huma voz formidavel se fez ouvir, e me disse: « Dá a liberdade aos cativos, ou a tua corôa passará a mãos estranhas.» Desde este instante perdi a tranquilidade. Deveis ajudar-me com vossos conselhos, para deliberar prudentemente.

(O Gram-Mestre do Palacio responde:)

O Gram-Mestre. — Eis, Sob.·. Mes.·., o que significa esta apparição. A voz que ouvistes he a do Grande-Ar.·., he a que ha longo tempo vos annunciou á terra ; a que fez marchar a victoria á vossa frente, e vos faz dominar no Oriente. Os cativos a que vos ordenou desseis a liberdade, são aquelles que ha seis semanas d'annos gemem na escravidão. O Grande-Ar.·. vos ordena os punhais no mes-

mo estado em que d'antes estavão; que seus bens lhes sejão entregues, sua cidade reedificada, e seu Templo reconstruido no antigo esplendor.

As cadêas de que estavão carregados os vossos predecessores, vos figurão que se elles forão nas mãos do Grande-Ar.·. o instrumento de que se servio para o castigo do seu povo, tambem forão punidos pelos excessos a que se entregárão; finalmente o leão prestes a devorar-vos, vos presagia o fim que vos espera, se fordes surdo á voz do Grande-Ar.·.

O Sob.·. Mes.·. — Elle fallou, e deve ser obedecido.

(Levanta-se, e todo o Conselho; e nesta postura diz:)

O Sob.·. Mes.·. — Acabe o cativeiro.

(Abaixa a ponta da sua espada, e a levanta com velocidade, para significàr liberdade.

Os dous GG.·. e os Cavalheiros apresentão juntamente a ponta das espadas, e abaixão para terra em signal de adhesão á vontade do Soberano Mestre, depois levantão-se com presteza.

Os Cavalheiros, guiados pelo Sob.·. Mes.·. tomão os seus lugares.)

RECEPÇAÕ.

(O Recipiendario, guiado pelo Mes.·. de Ceremonias, suspira á porta do Templo para fazer-se sentir. Os guardas abrem metade da porta, e vendo hum homem de luto, a tornão a fechar; hum delles o diz ao 2° Gen.·., que o diz ao 1°, e este ao Sob.·. Mes.·., desta maneira :)

O 1° Gen.·. — Sob.·. Mes.·., hum homem de luto quer penetrar no Conselho.

O Sob.·. Mes.·. — Informai-vos quem he; tomai as maiores precauções, e dai-me huma exacta conta.

(O 1° Gen.·. o diz ao 2°, e este aos Guardas da Torre. Hum delles abre metade da Torre, e diz ao Recipiendario :)

P. Que quereis?

R. Fallar ao Sob.·. Mes.·., se he possivel.

P. Quem sois?

R. O primeiro d'entre os meus iguaes, Maçon livre por estado, e cativo por desgraça.

P. Qual he o vosso nome?

R. Zorobabel.

P. Que motivo aqui vos traz?

R. As lagrimas e miseria de meus II.·.

P. Que vindes aqui fazer?

R. Venho, em nome do Grande-Ar.·., implorar a bondade e a justiça do Sob.·.

P. Sobre que?

R. Venho pedir graça para os meus compatriotas que gemem na escravidão ha dez semanas de annos.

P. Que graça pedis?

R. Que, com o favor do Céo, a clemencia do Sob.·. nos conceda a liberdade, e nos permitta ir reedificar o Templo do Grande-Ar.·.

(O Guarda lhe diz:)

Vou fazer chegar as vossas queixas e os vossos pedidos ao Sob.·.

(Isto he dito ao 2° General, que o repete ao 1° Gen.·., e este diz:)

O 1° Gen.·.—Sob.·. Mes.·., Zorobabel cativo, o primeiro dentre os seus iguaes, quer comparecer ao pé do Trono: vem sollicitar do Soberano-Mes.·. a liberdade para seus compa-

triotas, e a de reedificar o Templo do Grande-Ar.·.

O Sob.·. Mes.·.— Pois que tão justos motivos aqui o conduzem, conceda-se-lhe a liberdade de apparecer com a face descoberta.

(O 1° Gen.·. diz ao 2° Gen.·.)

O 1° Gen.·.— 2° Gen.·., o Sob.·. permitte ao cativo que appareça com a face descoberta.

(O 2° General o diz aos Guardas.)

A porta da torre se abre, o Mestre de ceremonias entra com o Recipiendario, tira-lhe o véo que lhe cobre a cabeça, e o conduz entre os dous Generaes em face do Trono, onde o faz prostrar.)

O Sob.·. Mes.·.— Zorobabel, tenho resentido como vós o peso do vosso cativeiro; estou prompto a livrar-vos delle concedendo-vos immediatamente a liberdade, se me quizerdes communicar os segredos da Maçoneria, pelos quaes eu tive sempre a maior veneração.

(Zorobabel responde:)

Zorobabel.— Hum dos principios da nossa ordem he a igualdade, o que não póde ter lugar aqui: a vossa cathegoria, os vossos titulos

e grandeza não são compativeis com a nossa fraternidade. Os juramentos que prestei, e que não posso violar, me impedem vos descortine os nossos mysterios. Se a minha liberdade hé por tal preço, prefiro o cativeiro.

O Sob.·. Mes.·. — Pensais na recusa que me fazeis? De vós só depende a liberdade da vossa Nação, e a liberdade de levantar os muros do vosso Templo. A minha intenção he de coroar-vos, como aos grandes da minha Côrte, e de entregar-vos todas as riquezas tomadas á vossa Patria pelos meus predecessores. Gram-Mes.·. de Ceremonias, percorrei com Zorobabel as salas do Palacio; fazei-lhe notar todas as riquezas que só delle dependem para serem recobradas.

(O Mestre de Ceremonias lhe faz dar hum giro inteiro, e depois lhe diz:)

O Mestre de Ceremonias. — Sob.·. Mes.·., sua alma he superior á seducção.

O Sob.·. Mes.·. — Podeis ver hum tal espectaculo sem emoção? persistis em recusar vossos bens e liberdade?

Zorobabel. — Sim, Soberano-Mes.·.

(O Sob.·. Mes.·. diz, com hum tom firme:)

O Sob.·. Mes.·. — Vou ver se o vosso corpo

he tão forte como a vossa alma. Guardas, fazei-o passar pelo fogo.

(Dous guardas trazem hum brazeiro aceso, que põe diante do Recipiendario.

O Mestre de Ceremonias lhe faz extender por cima as duas mãos, mas de forma que se não possa queimar).

O Sob.·. Mes.·.— Vêde o rigor das penas que vos ameação, se persistis na vossa recusa; só vos dou este instante para determinar-vos. Respondei.

Zorobabel.—Não posso trahir os meus juramentos.

(O Sob.·. Mes.·., dirigindo a palavra ao Conselho, diz:)

O Sob.·. Mes.·.— Generaes e Cavalheiros, tanta força me surprehende, e augmenta a estima que consagro á sua Ordem, não posso effeituar as ameaças que só tentei como provas. Sois de voto que seja posto em liberdade.?

(O 1° Gen.·., e todos Cavalheiros, dão com as espadas o signal de consentimento.

O Sob.·. Mes.·. faz o mesmo signal, e diz:)

O Sob.·. Mes.·.—Que Zorobabel seja livre e toda a sua Nação.

(O Mestre de Ceremonias tira as cadêas do Recipiendario.

O Sob.·. Mestre diz:)

O Sob.·. Mes.·.—Ide para o vosso paiz; eu vos permitto restabelecer o templo destruido pelos meus antepassados, e ordeno que vos sejão entregues todos os vossos thesouros. Sede reconhecido como chefe de vossos iguaes. Quero que toda ajuda e socorro vos sejão fornecidos, como a mim mesmo, em todos os lugares da vossa passagem, e que vos seja dado dos meus thesouros, aquillo com que possais offerecer em sacrificio sobre o vosso altar bois, carneiros, cordeiros, e tudo quanto fôr necessario para render homenajem ao Grande-Ar.·. do U.·., e implorar a sua protecção sobre mim e sobre o meu povo. Aproximai-vos, e vinde receber os sinaes particulares da amizade e estima que tendes merecido.

(O Mestre de Ceremonias o conduz ao pé do Trono onde lhe faz pôr hum joelhô em terra.

O Sob.·. Mestre diz:)

O Sob.·. Mes.·.— Eu vos armo com esta es-

pada, para sinal distinctivo entre os vossos iguaes, e vos creo Cavalheiro.

(Bate com a sua espada sobre cada huma das espaduas do Recipiendario, e o abraça. Dá-lhe depois o avental, e a fita verde que lhe passa do hombro esquerdo ao quadril direito, dizendo:)

O Sob.·. Mes.·.—Adoptei estas condecorações á imitação dos obreiros do vosso Templo. Ainda que estes distinctivos não sejão acompanhados de algum mysterio, entretanto só os concedo por honra aos Grandes da minha Côrte. Desde este dia pois gozai das mesmas vantagens. Eu vos ponho entre as mãos dos Generaes que teráõ cuidado da vossa partida e da do vosso povo, e vos forneceráõ o que vos fôr necessario para vos conduzirdes ao lugar onde deveis restabelecer o Templo: assim o ordeno.

(O Mestre de Ceremonias conduz o Recipiendario para o meio dos Generaes. O 1° Gen.·. toma a mão do Recipiendario, e o leva á torre, onde o deixa, entretanto que os Cavalheiros passão em silencio para a sala do Occidente, e mudão as decorações.)

SALA DO OCCIDENTE.

(Logo que todos os II.·. estão nos seus lugares, o Mestre de Ceremonias vai buscar á Torre o Recipiendario, e o conduz á entrada da ponte, despede-se delle, convidando-o a que continue o seu caminho.

Muitos Cavalheiros acompanhão ao Recipiendario para fazerem numero.

Os Cavalheiros que exercêrão as funcções de guardas deixão as suas lanças, e armados de espadas vão para a ponte, a fim de disputar a passagem ao Recipiendario, e figurar hum combate. O Recipiendario se defende: durante o combate perde a fita e o avental; mas conservando a sua espada consegue, depois de ter passado a ponte, chegar á porta da sala do Occidente, onde bate por tres, cinco, sete e nove.

O 2° Vig.·. bate sete pancadas com os copos da espada, repetidas pelo 1° Vig.·., e depois pelo Muito-Illustre-Mes.·., a quem o 1° Vig.·. annuncia que se bate como Grande-Eleito-Escocez. O Muito-Illustre-Mes.·. diz:)

O Muito-Illustre-Mes.·. — Illustre 1° Vig.·., fazei ver quem bate.

(O 1° Vig.·. o diz ao 2°, que indaga da mesma sorte quem he.

O I.·. Experto que está no atrio, abre metade da porta, e pergunta quem bate.

O Recipiendario responde:)

O Recipiendario. — Quero ver meus irmãos, os desventurados restos escapados ao cativeiro para dar-lhes a noticia da minha libertação.

(O I.·. Experto o diz ao 2° Vig.·., que o communica ao 1°, e este ao Muito-Illustre-Mes.·. nestes termos:)

O 1° Vig.·. — He hum de nossos II.·. cativos, que traz a noticia da sua libertação.

(O Muito-Illustre-Mes.·. diz:)

O Muito-Illustre-Mes.·. — Meus II.·., a noticia que traz o cativo parece veridica; já se passárão as seis semanas de annos; chegou o dia da reedificação; não desprezemos hum tão precioso auguro.

Ill.·. 1° Vig.·., perguntai-lhe seu nome, sua patria, sua idade, e que nova traz.

(O 1° Vig.·. o diz ao 2°, e este ao I.·. Exper-

to, que pergunta ao Recipiendario, abrindo metade da porta:)

P. Qual he o vosso nome?

R. Zorobabel.

P. Qual he a vossa patria?

R. O paiz além do rio, ao Occidente da Assyria.

P. Que idade tendes?

R. Dez semanas de annos.

P. Que noticia trazeis?

R. A liberdade e a permissão de reconstruir o Templo.

(O I.·. Experto o annuncia ao 2° Vig.·., que o diz ao 1°, e este ao Muito-Illustre-Mes.·. nos seguintes termos:)

O 1° Vig.·. — Zorobabel, do paiz além do rio, ao Occidente da Assyria, idade de seis semanas de annos, traz a noticia da liberdade e permissão da reconstrucção do Templo.

(O Muito-Illustre-Mes.·. diz:)

O Muito-Illustre-Mes.·. — Sim, meus II.·., o cativeiro cessa, e nosso somno acaba. O cativo he o Principe da tribu que deve levantar o nosso Templo; seja admittido entre nós, e

reconhecido para guiar e sustentar nossos trabalhos.

(As portas abrem-se; o Recipiendario he conduzido pelo Mestre de Ceremonias para entre os VV.·.. Os II.·. que acompanhárão o Recipiendario tomão os seus lugares.

O 1° Vig.·. diz :)

O 1° Vig.·. — Eis Zorobabel que deseja ser admittido no seio da fraternidade.

(O Muito-Illus.·. Mestre diz :)

O Muito-Illus.·. Mestre. — Zorobabel, contai-nos a interessante historia da vossa libertação.

(O Recipiendario responde :)

O Recip.·. — Cyrus tendo-me permittido comparecer ao pé do Trono, deixou-se tocar pela narração de nossas miserias, e concedeu-nos a liberdade e a permissão de reconstruir o Templo; ordenou que me entregassem todas as suas riquezas, armou-me com esta espada para soccorro e defesa de meus II.·., e me honrou com o nome de Cavalheiro. Parti escoltado segundo a ordem que elle tinha dado; mas fui atacado por inimigos com quem me encontrei, e

que me quizerão disputar a passagem do rio, e a pesar de alcançar a victoria, perdi os sinaes distinctivos que me tinha dado o nosso libertador.

(O Muito-Illustre Mestre diz:)

O Muito-Illus.·. Mestre.—Meu irmão, a perda que fizestes vos annuncia o nada da grandeza e da pompa mundana. Nossos principios, fundados sobre a igualdade, não podem ser conhecidos pelo Principe vosso libertador: assim, somente perdestes os signaes profanos desse Principe. Mas antes que vos communique os segredos que têem sido conservados entre o resto de nossos II.·., exigimos de vós algumas seguranças.

(O Muito-Illus.·. Mestre lhe faz as perguntas seguintes, ás quaes póde accrescentar as que julgar convenientes·)

P. Qual he o vosso gráo?

R. O de Grande Eleito.

P. Dai-me o signal deste gráo.

R. (Dá-lho.)

P. Dai a palavra e o toque ao I.·. 1.º Vig.·.

R. (Dá-lhos.)

(Depois das perguntas, o Muito-Illustre-Mestre diz :)

O Illus.·. Mestre. — Penso que Zorobabel he digno de ser admittido entre nós : consentis?

(Os II.·. dão o signal de consentimento, levantando a mão, e extendendo o braço na altura do hombro.

O Muito-Illustre-Mestre diz :)

O Illus.·. Mestre.—I.·. Mestre de Ceremonias, fazei avançar o Recipiendario pelos tres passos de Mestre, para vir prestar o juramento que requeremos.

(O Mestre de Ceremonias o conduz ao pé do Trono.)

JURAMENTO.

« O que promette o homem dotado dos cin-
« co sentidos, e sem ser provocado por força
« ou poder estranho, temor ou violencia hu-
« mana, deve ser huma obrigação eterna, e
« não póde perjurar sem tornar-se improbo :
« assim eu me obrigo a nunca revelar a Profa-
« no algum os segredos dos Cavalheiros, nem
« mesmo aos II.·. dos gráos inferiores, sem que
« para tal tenha expresso poder, e quero ser

« considerado como falso I.·. e ente desprezivel, « se contravier ao juramento que prestei de « minha livre vontade. Assim o Grande Archi- « tecto me ajude. »

(O Muito-Illustre-Mestre o levanta, e lhe diz:)

O Illus.·. Mestre. — Meu I.·., a destruição do Templo sugeitou os Maçons a desgraças tão rigorosas, que tememos não tenhão o seu cativeiro e as suas desgraças contribuido a corrompe-los e relaxa-los em seus deveres; he esta a razão por que, esperando o instante promettipo para a reedificação, retirados em lugares secretos e particulares onde conservamos fielmente alguns despojos do antigo Templo, nelles só introduzimos aos que se fazem conhecer, tanto pelos seus sinaes como polos seus costumes, verdadeiros e legitimos Maçons, a quem então communicamos os mysterios da nossa reunião; mas exigimos delles que tragão comsigo em pagamento, algumas das peças dispersas do antigo Templo. A liberdade que nos obtivestes, e os esforços que tendes feito para vos unirdes a nós, fallão mui alto em vosso favor, para que nada vos occultemos. Vêde o

estado a que estamos reduzidos, e os trabalhos que temos a fazer para reparar o nosso esplendor perdido. I.·. Mestre de Ceremonias, fazei dar ao Recipiendario os tres passos retrogrados de Mestre, para exprimir-lhe a destruição dos nossos trabalhos.

(Os tres passos conduzem o Recipiendario para o meio dos VV.·., onde deve ver hum montão de ruinas.

Collocado o Recipiendario entre os VV.·., o Muito-Illustre diz :)

O Illus.·. Mestre. — Tal he a desolação em que existe a obra do mais grande dos Maçons: os muros arruinados, o altar abatido, os ornamentos devastados, e entre os obreiros, o temor e a desconfiança. Mas em fim desponta huma nova era, nossas esperanças renascem, nossos ferros estão quebrados, nossas perdas vão ser reparadas, o nosso luto acaba, e vamos recomeçar nossos trabalhos.

I.·. Mestre das Ceremonias, fazei que o Recipiendario visite os trabalhos exterior e interiormente.

(Durante o tempo que o Recipiendario faz os giros dos trabalhos exteriores, accende-se o

grupo das luzes, mudão-se os pannos pintados de encarnado, em outros pintados de verde, deixando-se com tudo os festões carmezins; corre-se a cortina que deixa ver o altar no fundo, e a Gloria em todo o seu esplendor: todos os Cavalheiros estão em pé, com a espada em huma mão e a trolha na outra.

O Muito-Illus.·. Mestre se põe por detraz do altar do fundo.

SEGUNDA ENTRADA.

(O Mestre de Ceremonias bate como Cavalheiro sete pancadas com o pé sobre o pavimento, por cinco e dous.

Os VV.·. dão cada hum huma pancada repetida pelo Muito-Illustre-Mestre. O 2° V.·. diz ao 1°, e este ao Muito-Illustre-Mestre:)

O 1° Vig.·. — Bate-se á porta como Cavalheiro do Oriente.

(O Muito-Illust.·. Mestre diz:)

O Illus.·. Mestre. — Fazei ver quem bate.

(O 1° Vig.·., depois de se informar conforme o uso diz:)

O 1° Vig.·. — He Zorobabel que pede para entrar.

(O Muito-Illus.·. Mestre diz :)

O Illus.·. Mestre. — Franqueai-lhe a entrada.

(Abrem-se as portas, e o Recipiendario he introduzido entre os VV.·.

O Muito-Illustre-Mestre diz :)

O Illus.·. Mestre. — Meus Irmãos, a reedificação do Templo he agora o nosso principal objecto ; Zorobabel, huma tão grande obra vos estava reservada, e o juramento que acabais de prestar nos assegura a sua execução. Temos necessidade de hum Chefe que nos guie em nossos trabalhos, e seja ao mesmo tempo o nosso defensor ; a espada de que estais armado, e que soubestes conservar, nos garante o successo de nossos trabalhos. Vinde agora receber os attributos do vosso novo estado, e o conhecimento de nossos mysterios.

(O Mestre de Ceremonias conduz o Recipiendario ao pé do altar, pelos passos do gráo.

O Muito-Illus.·. Mestre desce do seu lugar, e posto diante do Recipiendario, que deve pôr

o joelho em terra, lhe entrega huma trolha, dizendo :)

O Illus.·. Mestre. — Fostes condecorado com o titulo de Cavalheiro do Oriente, e eu vos condecoro com o titulo de Cavalheiro Maçon. Esta trolha he o seu symbolo, trabalhareis d'ora em diante com a espada em huma mão e a trolha na outra.

(O Muito-Illus.·. Mestre lhe põe a faxa dizendo :)

O Illustre-Mestre. — Esta faxa deve acompanhar-vos em todas as Lojas ; ella he o sinal da Cavallaria a que fostes admittido.

(O Muito-Illus.·. Mestre lhe põe o seu avental, dizendo :)

O Illus.·. Mestre. — Este avental designa a nossa libertação, e nossos antigos trabalhos repostos em vigor.

(O Muito Illus.·. Mestre lhe dá a roseta verde, dizendo :)

O Illus.·. Mestre. — Para conservar a memoria do vosso libertador, adoptamos esta roseta que suspendereis na fita do vosso gráo precedente.

(O Muito-Illus.·. Mestre lhe dá a joia, dizendo:)

SINAL.

O sinal se faz pondo a mão direita sobre o hombro esquerdo, d'onde se deixa cahir ao longo do corpo, em spiral, até a anca direita; ao que se responde, pondo a mão direita sobre a anca esquerda, e depois levando-a á anca direita, tambem em sinal.

TOQUE.

O toque he pôr a mão direita na espada, para tira-la da bainha como se se quizesse combater; depois faz-se hum movimento voltando o corpo, e passando o pé direito por detraz do esquerdo, levantando o braço esquerdo, a mão extendida como se se quizesse repellir alguem, de sorte que os dous II.·. nesta posição encontrem as duas mãos entrelaçando os dedos huns nos outros, e immediatamente se abração.

PALAVRA SAGRADA.

A palavra he *Judas*, a que se responde *Benjamin*.

PALAVRA DE PASSE.

A palavra de passe he *Hia vaurum hammem*, que significa — *Elles passardõ o rio.*

ORDEM.

A ordem he, depois de ter tirado a espada, abaixar a sua superficie perpendicularmente ao longo do corpo, até que o punho fique na altura da anca.

A marcha he por sete, como ja executastes. Ide agora, meu Irmão, fazer-vos reconhecer aos II.·. Vigilantes.

(O Mestre de Ceremonias o conduz, e depois de ter sido reconhecido, o faz assentar em huma cadeira entre os VV.·., para ouvir o discurso e a instrucção.

Depois do discurso, o Muito-Illustre-Mestre, dirige a palavra ao Recipiendario, e lhe diz:)

O Illustre-Mestre. — Meu I.·., vamos proclamar-vos, e pôr-vos no lugar que vos compete entre os vossos iguaes.

Illustres II.·. VV.·., annunciai a todos os

I.·. que reconheção para o futuro o I.·.**** como Membro do Conselho dos Cavalheiros do Oriente do Capitulo de*****, na sua terceira ordem.

(Feita a proclamação pelos VV.·., o Muito-Illustre Mestre diz:)

O Illus.·. Mestre. — Illustres II.·. VV.·., e vós todos Cavalheiros, consentis que Zorobabel presida a vossos trabalhos?

(Todos os Cavalheiros fazem com as suas espadas, o sinal de consentimento.

O Muito-Illustre-Mestre faz o mesmo sinal, e diz:)

O Illus.·. Mestre. — I.·. Cavalheiro, ide occupar o lugar do Mestre de nossos trabalhos.

(O Mestre de Ceremonias conduz o Recipiendario pelos passos de Cavalheiro.

O Muito-Illustre-Mestre lhe toma a mão, e o põe sobre o Trono; e depois de se ter retirado para o lado, diz:)

O Illustre-Mestre. — II.·. Cavalheiro, meus II.·., eis o Mestre que presidirá a nossos trabalhos.

(Todos os II.·. saudão com as espadas, dizendo : *Honra aos Cavalheiros !*

O Recipiendario sauda tambem com a sua espada, dizendo : *Honra aos Cavalheiros !*

Terminados os trabalhos, o Muito-Illustre-Mestre fica ao pé do novo Mestre, e faz o encerramento dos trabalhos.

INSTRUCÇÃO.

P. Sois Cavalheiro ?

R. Recebi este caracter.

P. Fazei-vos conhecer melhor.

R. Começai, e acabarei.

P. Judas ?

R. Benjamim.

P. Como chegastes a este gráo ?

R. Pela humildade e paciencia.

P. A quem vos dirigistes ?

R. A'quelle de quem dependia a nossa libertação.

P. Concedeu elle o vosso pedido ?

R. Depois de me ter experimentado, concedeu-me a liberdade, e a de todos os meus II.·., e me honrou com o titulo de Cavalheiro do Oriente.

P. Que fizestes depois de ter obtido a liberdade?

R. Retirei-me para a minha Patria, a fim de nella achar o resto de meus II.·.

P. Onde vos recebêrão elles?

R. Em hum Conselho reunido sobre as ruinas do Templo.

P. Como estava illuminado o Conselho?

R. Com dez grupos de sete luzes.

P. Que significa este numero de luzes.

R. O tempo do cativeiro.

P. Qual era a vossa obra?

R. Trabalhar na reedificação do Templo do Grande Architecto.

P. Como tendes alli trabalhado?

R. Com a espada em huma mão, e a trolha na outra.

P. Porque plano foi reconstruido o Templo?

R. Pelo plano do Templo destruido.

P. Onde se forão buscar os materiaes?

R. As pedras forão tiradas das pedreiras de Tyro, e as madeiras das florestas do Libano, por ser necessario que o Templo se assemelhasse em tudo ao primeiro.

P. Que applicação se deve fazer?

R. Que a Maçoneria deve ser unica, e não

póde soffrer mudança alguma sem alterar os seus principios.

P. Que forma tinhão as cadêas dos cativos?

R. Erão triangulares.

P. E porque?

R. Os vencedores conhecendo o respeito que os vencidos consagravão ao *Delta*, derão esta forma ás cadêas para mais mortifica-los.

P. Que significão as palavras de reconhecimento?

R. O nome da classe dos que trabalhão na reedificação.

P. Porque temos adoptado a côr verde mar?

R. Em memoria do acontecimento, por gratidão, e na esperança do restabelecimento.

P. Em que estado achastes os Maçons quando chegastes ás ruinas do Templo?

R. Em luto e abatimento, estado de todas as Lojas entregues á confusão e á desordem.

P. Que significão as columnas lançadas por terra, os instrumentos e os moveis fóra de seus lugares?

R. Que toda a Loja composta de Irmãos indiscretos e viciosos, perde a harmonia, seu principal ornato, e não póde tardar a destruir-se.

P. Que significão os obstaculos encontrados na passagem da ponte ?

R. O desejo ardente que deve ter todo o bom Maçom d'instruir-se, e as difficuldades que deve esforçar-se por vencer, para chegar á descoberta da verdade.

P. Que significa a resistencia que fizerão os novos constructores contra seus inimigos, durante o tempo da reedificação ?

R. Os esforços com que todo o bom Maçon deve oppôr-se á introducção dos vicios e abusos.

P. Que arte professais ?

R. A Maçoneria.

P. Que Edificios construis ?

R. Templos e Tabernaculos.

P. Em que lugar os contruis ?

R. Por falta de terreno, nós os edificamos no coração.

P. Que idade tendes ?

R. Dez semanas d'annos.

ENCERRAMENTO.

P. I.·. 1.° Vigilante, quem sois ?

R. Maçon livre, e Cavalheiro.

P. Como trabalhais ?

R. Com a espada em huma mão, e a trolha na outra.

P. D'onde vindes ?

R. Do Oriente.

P. Que trazeis ?

R. A liberdade de trabalhar.

P. Qual he a vossa obra ?

R. O restabelecimento do Templo do Grande Architecto.

P. Que idade tendes ?

R. Dez semanas d'annos.

P. Em que tempo estamos ?

R. No instante da reedificação.

(O Muito-Illustre Mestre diz :)

O Illustre-Mestre. — Como o tempo está chegado, como temos liberdade de trabalhar, e que só nos resta executar o que temos deliberado, annunciai, Illustres II.·. 1.° e 2.° VV.·. que o Conselho dos Cavalheiros vai fechar-se, e os trabalhos do Capitulo de * * * *, na sua terceira ordem.

(Os VV.·. fazem o annuncio, e depois o Muito-Illustre-Mestre diz :)

O Ill.·. Mestre. — A mim, meus II.·.

(Todos os Cavalheiros, guiados pelo Muito-Illustre Mestre, fazem o signal, e applaudem por cinco e dois, dizendo: *Honra aos Cavalheiros!*

O Muito-Illustre-Mestre bate sete pancadas com os os copos da sua espada, por cinco e dous. Os VV.·. repetem a bateria.

O Muito-Illustre Mestre diz :)

O Illustre-Mestre. — O Conselho está fechado, e os trabalhos do Capitulo de ****, na sua terceira ordem.

(Os VV.·. repetem o annuncio.

O Muito-Illustre-Mestre bate huma pancada com os copos da espada, e todos se retirão em paz.)

QUARTA ORDEM.

GRÁO

DE ROZA-CRUZ.

O PRESIDENTE se denomina *Muito Sabio e Perfeito-Mestre.*

O 1° VIGILANTE. . » . . *Muito Excellente, e Perfeito I.·. 1° Vig.·.*

O 2° VIGILANTE. . » . . *Muito Excellente, e Perfeito I.·. 2° Vig.·.*

OS OFFICIAES . . » . . *Muito Poderosos, e Perfeitos.*

OS CAVALHEIROS . » . . *Respeitabilissimos, e Perfeitos II.·. Cavalheiros.*

REGULADORES

DOS

GRAOS MYSTERIOSOS.

QUARTA ORDEM.

Roza-Cruz.

MUITO SABIO E PERFEITO-MESTRE.

ABERTURA.

(O Muito-Sabio dá huma pancada repetida pelos VV.·., e diz:)

O Muito Sabio. — Muito Excellentes e Perfeitos Irmãos Cavalheiros, ajudai-me a abrir o Capitulo de R.·. ✝

(Os VV.·. repetem, dizendo:)

Os VV.·. — Respeitabilissimos e Perfeitos Cavalheiros, ajudemos ao Muito-Sabio a abrir o Capitulo de R.·. ✝

(Depois o Muito-Sabio diz:)

P. Muito Ex.·. e Per.·. I.·. 1° Vig.·., qual he o vosso dever?

R. Muito-Sabio, he saber se o Capitulo está bem coberto, e se todos os II.·. presentes são Cavalheiros R.·. ✝

O Muito-Sabio.—Muito EEx.·. e PP.·. II.·. 1° e 2° VV.·., certificai-vos.

(O 2° Vig.·., toma os sinaes, palavra, e toque, a palavra de passe do Mestre de Ceremonias; depois diz:)

O 2° Vig.·.—Vêde, Muito Poderoso I.·., se o Capitulo está coberto.

(O Mestre de Ceremonias sahe para cumprir esta ordem, e quando volta, dá conta ao 2° Vig.·. Ao mesmo tempo os VV.·., cada hum na sua respectiva columna, vão tomar a cada I.·. os sinaes, palavra, e toque do gráo, e dão conta ao Muito-Sabio.

Quando voltão aos seus lugares, o Mestre de Ceremonias tendo dado conta ao 2° Vig.·., este dá huma pancada de malhete sobre o do 1° Vig.·., e lhe diz:)

O 2° Vig.·. — Muito Ex.·. e Per.·. I.·. 1° Vig.·., o Capitulo está bem coberto.

(O 1° Vig.·. bate com o seu malhete huma pancada sobre o 2° Vig.·., repetida pelo Muito-Sabio, e diz:)

O 1° Vig.·. — Muito-Sabio e Per.·. Mes.·., o Capitulo de R.·. † está bem coberto.

P. Muito-Ex.·. e Per.·. I.·. 1° Vig.·., que horas são?

R. He o instante em que o véo do Templo se rasgou, que as trevas se espalhárão por toda a terra, que a luz se escureceu, que as columnas e as ferramentas da Maçoneria se despedaçárão, que a Estrella flammejante desapareceu, que a pedra cubica gotejou sangue e agua, e que a palavra se perdeu.

(O Muito-Sabio diz:)

O Muito-Sabio. — Como a Maçoneria soffreu huma tal tribulação, empreguemos todas as nossas forças a novos trabalhos para ser recobrada a palavra perdida; e a fim de conseguilo, abramos o Capitulo de R.·. †

(Os VV.·., cada hum na sua columna, dizem:)

Os VVig.·.—Muito EEx.·. e PP.·. II.·. Cavalheiros, o Muito-Sabio vai abrir o Capitulo de R.·. †; reunamo-nos a elle.

O Muito-Sabio, bate por seis e hum.)

Os VV.·. repetem a bateria.

O Muito-Sabio diz:)

O Muito-Sabio.—Façamos o nosso dever.

(O Muito-Sabio faz o signal de pergunta, e todos os II.·. o de resposta. Põe depois a espada na mão direita, e no signal do bom Pastor, de sorte que a espada se ache no braço esquerdo, com a ponta ao alto. Os II.·., guiados pelo Muito-Sabio, se voltão para o Oriente, fazem huma genuflexão, e tornão aos seus lugares.

O Muito-Sabio diz:)

O Muito-Sabio.—O Capitulo de R.·. † está aberto, e os trabalhos do Sob.·. Capitulo de***, na sua quarta ordem.

(Os VV.·. repetem.

Applaude-se por seis e hum, dizendo sete vezes *houzé!* (*)

(*) Não se bate nas mãos na primeira Camara, e nunca se deve entrar ou sahir sem fazer huma genuflexão.

O Muito-Sabio bate huma pancada repetida pelos VV.·., e todos os II.·. se assentão sobre banquetas da altura de hum escabelo.)

RECEPÇAÕ.

(O Muito-Sabio diz:)

P. Muito-Ex.·. e Per.·. I.·. 1° Vig.·., qual he o objecto da nossa reunião?

R. Muito-Sabio, a propagação da Ordem, e a perfeição de hum Cavalheiro do Oriente que pede para ser admittido entre nós.

(O Muito-Sabio faz a leitura do requerimento do Candidato. Delibera-se sobre o dia da sua admissão. Durante esse intervallo o Mestre de Ceremonias vai busca-lo; mas deve esperar que a sua requisição seja decretada.

Quando se abre a porta, o Candidato deve pôr-se de joelhos para receber o seu requerimento. O Muito-Sabio o entregará a hum Cavalheiro, que lho deitará por terra: torna-se a fechar a porta, e o Candidato nelle achará o dia e hora da sua recepção.

Logo que entre o Mestre de Ceremonias, se ha algum Candidato cujo dia esteja fixado pa-

ra aquella Sessão, o Muito-Sabio lhe ordena que vá preparar o Recipiendario.

O Mestre de Cer.·. vai ter com o Recipiendario na Camara das reflexões, o sauda, e condecora-o como Cavalheiro do Oriente, e diz:)

O Mestre de Cer.·. — Todos os nossos Templos estão demolidos, nossas ferramentas e nossas columnas despedaçadas, e a palavra sagrada perdida; e a pesar de todos as nossas indagações, ignoramos os meios de a tornar a achar. Quereis ajudar-nos a procura-la?

(O Recipiendario tendo consentido, elle lhe diz:)

O Mestre de Cer.·. — Segui-me.

(E o conduz á porta do Capitulo, com a cabeça descoberta, e bate como Cavalheiro do Oriente.

Os VV.·. annuncião.

O Muito-Sabio diz:)

O Muito-Sabio. — Vede quem bate.

(Os VVig.·. sabem quem he.

O Mestre de Cer.·. responde ao I.·. Experto do interior, que diz:)

P. Que quereis?

R. He hum I.·. Cavalheiro do Oriente, errante nos bosques e montanhas, que perdeu a palavra na segunda destruição do Templo, e que deseja com o vosso socorro tornar a acha-la.

(Os VV.·. fazem o annuncio na forma do uso.

O Muito-Sabio diz.)

O Muito-Sabio. — Franqueai-lhe a entrada.

(Todos os Cavalheiros assentados como já foi dito, têem a mão esquerda sobre a garganta, a direita sobre o rosto, e as pernas cruzadas.

O Recipiendario collocado entre os VV.·., e o Mestre de Cer.·. a seu lado, o 1° Vig.·. batendo huma pancada repetida pelo 2° Vig.·. e pelo Muito-Sabio, diz:)

O 1° Vig.·. — Muito-Sabio, apresento-vos hum Cavalheiro do Oriente que procura a palavra.

(O Muito-Sabio diz:)

O Muito-Sabio. — Meu Ir.·. a confusão se introduzio em as nossas obras; não está em nosso poder o trabalhar; deveis te-lo notado pela consternação que aqui divisais. Neste instante reina a maior desordem na superficie da terra; o véo do Templo se rasgou (*a estas palavras corre-se huma cortina preta que cobre o altar*;) as trevas se espalhão sobre a terra; a luz está escurecida; as ferramentas e as columnas despedaçadas; a Estrella flammejante desappareceu; a pedra cubica goteja sangue e agoa, e a palavra está perdida. Vós vedes que não nos he possivel dar-vos a palavra: entretanto o nosso designio não he de ficármos na ociosidade; fazemos diligencias por acha-la por meio de huma nova Lei: estais na resolução de nos seguir?

O Recipiendario responde: *Sim.*

O Mestre de Ceremonias o faz viajar por espaço de trinta e tres annos, pelo Septentrião, Oriente, Meio-dia, e Occidente, para que aprenda as bellezas da nova Lei.

As viajens se reduzem a sete giros.

Cada vez que o Recipiendario passa diante do altar, faz huma genuflexão. Nos ultimos giros, o Mestre de Ceremonias lhe mostra cada

columna, a medida que vai passando diante dellas, e lhe faz repetir os seus nomes.

Terminadas as viajens, o Recipiendario he posto entre os VV.·., e o 1º Vig.·. dá huma pancada, e diz:)

O 1º Vig.·.—Muito-Sabio e Perfeito Mestre, o Recipiendario terminou as suas viajens.

(O Muito-Sabio dirigindo a palavra ao Recipiendario, lhe diz:)

P. Meu I.·., que aprendestes nestas viajens?

(O Mestre de Ceremonias dicta a resposta ao Recipiendario.)

R. Muito-Sabio e Perfeito Mestre, achei tres virtudes para guiar-me d'ora em diante: Fé, Esperança, e Caridade; ensinai-me se ha outras a seguir.

(O Muito-Sabio diz:)

O Muito-Sabio. — Não, meu Irmão, estas columnas e estas inscripções são positivamente os principios da nossa Ordem e de nossos novos mysterios.

Approximai-vos, e vinde jurar comnosco de nunca mais vos apartardes desta Lei.

(O Mestre de Ceremonias conduz o Recipiendário ao altar, onde o faz pôr de joelhos. Faz-lhe tirar as suas luvas e pôr as mãos sobre o livro da sabedoria, sobre o qual está huma espada, o Recipiendario abaixará a cabeça.

O Muito-Sabio põe o malhete sobre as mãos do Recipiendario; e neste estado o faz prestar o seu juramento.

Todos os Cavalheiros estão á ordem, e no sinal do bom Pastor.)

JURAMENTO.

« Prometto, debaixo de palavra de honra, e « ratificando os juramentos que prestei nos « gráos precedentes, de nunca revelar os se- « gredos dos Cavalheiros da Aguia, com a « denominação de R.·. †, a I.·. algum dos « gráos inferiores, nem a Profano qualquer, « sob pena de ser para sempre privado da pa- « lavra, e d'existir perpetuamente nas trevas; « que hum regato de sangue corra sem cessar « do meu corpo; que soffra as maiores ago- « nias d'alma; que as espinhas mais pican- « tes me sirvão de travesseiro; que o fel e o « vinagre me sirvão de bebidas, e que o sup-

« plicio da cruz termine finalmente a minha « sorte se jamais contravier as Leis que me « vão ser prescriptas. Prometto igualmente de « nunca revelar o lugar, ou a pessoa por quem « fui recebido. Assim o Grande-Architecto do « Universo me ajude.

(Depois do juramento, o Muito Sabio diz :)

O Muito-Sabio. — Tudo está consummado.

(Todos os II.·. cobrem o rosto com as mãos, e se assentão.

O Mestre de Ceremonias tira ao Recipiendario o seu vestido de Cavalheiro do Oriente.

O Muito Sabio lhe enfia huma tunica, dizendo :)

O Muito-Sabio. — Este vestido vos denota a nossa crença, e deve lembrar-vos, pelos seus ornatos, o que faz o ponto principal de nossos mysterios.

(O Muito-Sabio lhe ata o avental, dizendo :)

O Muito-Sabio. — Este avental preto he o sinal do sincero arrependimento dos males que têem causado todas as nossas desgraças. Deve

servir-vos para reconhecer aquelles d'entre nos que procurão recobrar a verdadeira palavra.

(O Muito-Sabio lhe põe a fita , dizendo :)

O Muito-Sabio. — Esta fita deve servir-vos de sinal de luto , até que a palavra seja recobrada. Ide para o Occidente , e nos ajudareis a procura-la.

(O Muito-Sabio dá sete pancadas repetidas pelos VV.·., todos os Cavalheiros se levantão, e se poem no sinal do bom Pastor , com a espada na mão direita.

O Muito-Sabio faz as perguntas seguintes aos VV.·.)

P. Que motivo nos reune ?

R. Muito-Sabio e perfeito-Mestre , a pedra cubica goteja sangue e agua pela relaxação dos Maçons nas suas obras , e pelo perigo que corre a Maçoneria exposta sobre o cume de huma alta montanha.

P. Que significa este mysterio ?

R. A perda da palavra que com o vosso soccorro esperamos achar.

P. O que he necessario para o conseguir-os ?

R. Abraçar a nova Lei, e estar plenamente convencido das tres virtudes que são as suas columnas, base e principios.

P. E quaes são ellas?

R. Fé, Esperança, e Caridade.

P. Como acharemos nós estas tres columnas?

R. Viajando e errando na escuridade mais profunda.

(O Muito-Sabio diz :)

O Muito-Sabio. — Viajemos, meus irmãos, do Occidente ao Septentrião, do Oriente ao Meio dia, e sobre tudo não percamos de vista os sentimentos que nos guião.

(Todos os II.·. viajão em silencio, segundo as suas cathegorias, e fazem sete vezes o giro do Capitulo, com o Muito-Sabio á frente, depois os VV.·., os Officiaes Dignitarios, os Membros do Capitulo, o Recipiendario, e o Mestre de Ceremonias.

No terceiro giro, o Muito-Sabio entra na Camara encarnada;

No quarto os Vigilantes;

No quinto os Officiaes Dignitarios;

No sexto, todos os Cavalheiros, excepto o Recipiendario e o Mestre de Ceremonias, que fazem só o setimo giro, depois do qual se chegão para a porta do Capitulo onde o Mestre de Ceremonias bate como Cavalheiro R.·. ✝.

O I.·. Experto do atrio interior abre metade da porta, e vendo o Recipiendario que vai entrar, lhe diz:)

O I.·. Esperto. — Não podeis entrar, se me não derdes a palavra.

(O Recipiendario responde:)

O Recip.·. — Eu sou hum I.·. que procura a palavra com o socorro da nova Lei e das columnas da Maçoneria.

(A estas palavras, o I.·. Experto fecha a porta.

O Mestre de Ceremonias lhe tira a fita e avental, e lhe diz:)

O Mestre de Cer.·. — Estes distinctivos não são bastantemente humilhantes para achar a palavra; he necessario passar por provas ainda mais humilhantes.

(Cobre-o com hum pano preto salpicado

com cinzas, para que elle nada possa ver, e lhe diz:)

O Mestre de Cer.·.—Vou conduzir-vos ao lugar mais tenebroso, donde a palavra deve sahir triumphante com gloria e vantagem da Maçoneria. Depositai em mim a vossa confiança.

(Conduz o Recipiendario a huma Camara preparada com algumas elevações, em subidas e descidas, repetidas o mais que fôr possivel. Leva-o depois á porta aberta da Camara que representa os horrores de hum lugar de penas e de soffrimentos. Sobre a soleira da porta levanta a frente do panno que o cobre, e lhe faz dar em silencio tres giros á roda da sala, tornando-o a trazer á soleira da porta onde lhe deixa cahir o pano dizendo-lhe):

O Mestre de Cer.·.—Os horrores que acabais de presenciar nada são em comparação do que soffrereis, se desgraçadamente não observardes a nossa Lei.

(Conduz depois o Recipiendario á porta do Capitulo, dizendo-lhe:)

O Mestre de Cer.·.—Lembrai-vos de responder ás perguntas que vos forem feitas, e sem as

quaes não podeis conseguir o gráo que desejais.

P. Donde vindes?

R. Da Judéa.

P. Por que Cidade passastes?

R. Por Nazareth.

P. Quem vos conduzio?

R. Raphael.

P. De que tribu sois?

R. De Judas.

(O Mestre de Cer.·. faz que o Recipiendario bata sete pancadas como Cav.·. R.·. ✝.

Depois das ceremonias costumadas para annunciar e abrir, e para saber quem he que quer entrar, o Mestre de Ceremonias responde ao I.·. Experto, que abre metade da porta:)

O Mestre de Cer.·. — He hum Cavalheiro que depois de ter percorrido os espaços mais profundos, espera dar-vos a palavra como fructo das suas indagações.

(O I.·. Experto annuncia ao 2° Vig.·.

Os VV.·., depois de terem cada hum dado a sua pancada, e o 2° Vig.·. repetido o annuncio ao 1° Vig.·., este diz:)

O 1° Vig.·. — Muito-Sabio e Per.·. Mes.·., he

hum Cavalheiro que depois de ter percorrido os mais profundos espaços, espera dar-vos a palavra como fructo de suas indagações.

O Muito-Sabio. — Seja introdzuido no Occidente, e nós o interrogaremos.

(Esta ordem chega pelas mesmas vias ao I.·. Experto, abrem-se as portas, e o Recipiendario he introduzido no Occidente.

Os VV.·. dão cada hum huma pancada, depois das quaes o 2° Vig.·. diz ao 1° Vig.·., e este ao Muito-Sabio:)

O 1° Vig.·. — Muito-Sabio e Per.·. Mes.·., eis hum Cavalheiro Maçon que vem ajudar-nos a achar a palavra, e que deseja ser Maçon perfeito.

(O Muito-Sabio faz então as seguintes perguntas:)

P. Donde vindes?

R. Da Judéa.

P. Por que Cidade passastes?

R. Por Nazareth.

P. Quem vos conduzio?

R. Raphael.

P. De que tribu sois?

R. De Judas.

P. Dai-me as letras iniciaes destes quatro nomes?

R. J.·. N.·. R.·. J.·.

P. Que significão estas quatro letras juntas?

R. Jes.·. de Naz.·. &c.

O Muito-Sabio. — Meus II.·., a palavra foi recobrada: que a luz lhe seja concedida.

(Os VV.·. lhe tirão promptamente o pano preto.)

O Muito-Sabio. — A mim, meus II.·.

(Applaude-se por sete, dizendo outras tantas vezes *houzé.*)

O Muito-Sabio. — Meu I.·., eu vos felicito por se haver recuperado a palavra que vos faz adquirir o gráo de Perfeito Maçon. Não he bastante have-lo adquirido e merecido, he necessario ser sempre digno de o conservar, e delle tirar fructos para o futuro. Oxalá o possais gozar por longo tempo entre nós, meu I.·., e alcançar, por huma vida digna de hum Cavalheiro R.·. ✝ a recompensa daquelles que tiverem marchado nos caminhos da virtude. Approximai-vos, meu I.·., para que eu vos communique os mysterios da Perfeita Maçoneria.

(O Mestre de Cer.·. o conduz ao Oriente, aonde tendo chegado, o Muito-Sabio lhe tira a cazula, e lhe dá os sinaes, o toque, e a palavra dizendo:)

O Muito-Sabio. Temos neste gráo, meu I.·., como nos outros, sinaes, palavras, e toque, para nos reconhecermos.

Ha dous sinaes, hum de pergunta, outro de resposta:

PRIMEIRO SINAL.

O primeiro he levantar os olhos ao Céo e levar ao mesmo tempo as mãos á altura da testa, os dedos entrelaçados e as palmas das duas mãos voltadas contra o rosto, deixando-as cahir assim sobre o ventre.

SEGUNDO SINAL.

O segundo he levantar a mão direita á altura da testa, mas a hum lado, com o polegar e os outros dedos fechados, excepto o index, com o qual se mostra o Céo, levantando igualmente os olhos.

O primeiro sinal se chama sinal de admiração.

O segundo nos ensina que tudo vem do alto, e que ha hum unico ser, origem pura da verdade.

SINAL DE SOCCORRO.

Temos hum terceiro sinal, que só se emprega segundo as circunstancias; póde-se chamar o sinal de soccorro. Faz-se cruzando a perna direita por detraz da esquerda. Responde-se cruzando a perna esquerda por detraz da direita.

TOQUE.

O toque se faz cruzando as mãos sobre o peito hum do outro; o que se chama toque de boa fé, ou do bom Pastor. O que pede põe a mão direita sobre o peito esquerdo do outro, e este faz o mesmo. Depois o que pede, põe a outra sobre o peito esquerdo do outro, que faz outro tanto. Se o sinal começa pela direita, responde-se pela esquerda; se pela esquerda, responde-se pela direita.

PALAVRA SAGRADA.

A palavra he J.·. N.·. R.·. J.·., que se dá por interrogação, como já foi dito.

PALAVRA DE PASSE.

A palavra de passe he *Emmanuel*, a que se esponde P.·. P.·.

ORDEM.

A ordem he ter os braços cruzados, e as mãos apoiadas sobre os peitos oppostos.

Ide, meu I.·., fazer-vos reconhecer pelos II.·. VV.·., e tornai junto a mim.

(Isto feito, o Mestre de Ceremonias o conduz ao Oriente, onde todos os II.·. o rodeião. O Recipiendario se põe de joelhos, e o Muito-Sabio lhe deita ao pescoço a fita donde pende a joia, dizendo:)

O Muito-Sabio.—Em nome do Grande-Oriente de ****, no seu Grande Capitulo, e pelos poderes que recebi do Soberano Capitulo de ****, eu vos faço e constituo Cavalheiro da Aguia, perfeito Maçon livre, debaixo do titulo de R.·. ✝, para que gozeis no presente e para sempre dos privilegios ligados a este sublime gráo.

Nunca deshonreis esta fita, que hum perfeito Maçon deve levar a toda a parte. A ro-

seta que della pende chamará a vossa lembrança sobre a perda da palavra, a joia vos fará conhecer, pelo seu Symbolo, que a Maçoneria allegorica encerra verdades que são sabidas do perfeito Maçon. A forma da joia vo-lo fará conhecer melhor do que todas as minhas explicações, espero que nunca mais perdereis a sua memoria.

(Põe-lhe a lamina da sua espada sobre o hombro direito, e depois sobre o esquerdo, levanta-o, e o abraça; depois lhe diz:)

O Muito-Sabio. — Temos tambem neste grao hierogyphicos que só de nós são conhecidos; elles vos serão communicados, mas não abuseis.

Não temais d'ora em diante as vicissitudes do tempo: que as columnas nunca vos faltem, meu irmão, e que o Grande Architecto vos ajude.

I.·. Mestre de Ceremonias, conduzi o I.·. Cavalheiro para entre os Vigilantes.

(Isto feito, o Muito-Sabio, diz:)

O Muito-Sabio. — Muito Excellentes e Perfeitos II.·. VV.·., annunciai a todos os Respeitaveis e Perf.·. II.·. Cavalheiros que d'ora em

liante reconheção o I.·. N...., como Cavalheiro la Aguia, Perfeito Maçon livre, sob o titulo le R.·. †, e Membro do Soberano Capitulo le * * * * na sua quarta ordem.

(Os VV.·., annuncião.
Depois disto o Muito-Sabio diz :)

O Muito-Sabio. — Applaudamos, meus II.·.

(Todos os Cavalheiros applaudem por sete, dizendo outras tantas vezes *houzé*.
O Recipiendario pede para agradecer, o seu applauso he coberto ; e depois o Muito-Sabio diz :)

O Muito-Sabio. — Meu I.·. tomai lugar entre nós.

(O Mestre de Ceremonias o faz assentar no seu lugar.
O I.·. Orador faz hum discurso, depois do qual o Muito-Sabio começa a instrucção.)

INSTRUCÇAÕ.

P. Sois R.·. †?

R. Muito-Sabio e Perfeito Mestre, tenho essa fortuna.

P. Onde fostes recebido?

R. Em hum Capitulo onde reinava a decencia e a humildade.

P. Quem vos recebeu?

R. O mais humilde de todos.

P. Que entendeis por esta palavra?

R. Que nas nossas reuniões só nos distinguimos pela humildade e obediencia.

P. Como fostes recebido?

R. Com todas as formalidades requeridas em tão grande objecto.

P. Como fostes apresentado em Capitulo?

R. Com todos os meus sentidos livres, e de minha plena vontade.

P. Que vistes quando entrastes?

R. Minha alma ficou extasiada ao aspecto do que vi; o silencio, a situação dos Cavalheiros tudo me fez conceber huma grande idéa do que ia saber.

P. Que fizerão de vós depois da introducção?

R. Fizerão-me viajar.

P. Que aprendestes nas vossas viajens?

R. Vi os tres sustentaculos do nosso Edificio, ensinárão-me os seus nomes que repeti, e que para sempre gravei em meu coração.

P. Quaes são estes nomes ?

R. Fé, Esperança, e Caridade.

P. Logo que acabárão as vossas viajens, ficárão perfeitos os vossos trabalhos ?

R. Não: o Muito-Sabio ordenou que me conduzissem aos pés daquelle perante quem tudo se prostra, para ali prestar o meu juramento.

P. E como o prestastes ?

R. No mais respeitoso estado, o coração penetrado de quanto dizia, e na firme resolução de observar restrictamente tudo quanto tinha promettido.

P. Que fizerão de vós ao depois ?

R. Revestirão-me com os sinaes de dôr e d'arrependimento ; ensinárão-me a significação de cada cousa, e em memoria do que a fazia ; depois todos os Cavalheiros fizerão huma viajem commemorativa, a qual nos fez passar da tristeza á alegria logo que percorremos obscuros caminhos, tenebrozos e cheios d'horror ; mas a firmeza com que cada hum de nós supportou as fadigas, nos adquirio a recompensa que desejavamos.

P. Que procuraveis nesta viajem ?

R. A verdadeira palavra perdida pela relaxação dos Maçons.

P. Tornastes a acha-la ?

R. A nossa perseverança nos faz recobra-la.

P. Quem vos deu a palavra ?

R. Não he permittido a ninguem dar-nos a palavra ; mas tendo reflectido no que vi e ouvi, achei-a por mim mesmo, com ajuda daquelle que he seu autor.

P. Dai-ma.

R. Não posso ; interrogai-me sobre as minhas viajens, meu nome, minha Patria, e diligenciai fazer como eu fiz.

P. D'onde vindes ?

R. Da Judea.

P. Porque cidade passastes ?

R. Por Nazareth.

P. Quem vos conduzio ?

R. Raphael.

P. De que tribu sois ?

R. De Judas.

P. Nada colligi das vossas respostas, meu I.·.

R. Fazei como eu fiz ; reuni as letras iniciaes de cada palavra, achareis o objecto de nossas viajens e de nossos mysterios.

P. J.

R. N.

P. R.

R. J.

P. Nada mais vos derão ?

R. A palavra de passe, que he E.·., sinaes, e hum toque para fazer-me reconhecer.

P. Dai-me o primeiro signal ?

R. (Faz o sinal.)

P. Dai-me a resposta.

R. (Dá-lha.)

P. Dai-me o toque.

R. (O que o recebeu diz : He justo Muito Sabio.)

P. Qual he a ordem do gráo ?

R. O bom Pastor.

P. Que fizerão de vós , depois de vos terem dado os meios de fazer-vos reconhecer ?

R. O Muito-Sabio e todos os Cavalheiros, me constituirão Cavalheiro da Aguia, Perfeito Maçon livre, debaixo do titulo de R.·. †; condecorárão-me com a fita encarnada e com a joia, e depois de me terem feito conhecer a todos os II.·. Cavalheiros , tomei lugar no Capitulo.

P. Que se fez depois?

R. O Muito-Sabio nos fez huma exhortação; tratou dos negocios do capitulo da maneira costumada, e todos os Cavalheiros se retirárão em paz.

†
† †

ENCERRAMENTO.

(O Muito-Sabio dá sete pancadas receptidas pelos VV.·.

Todos os Cavalheiros estão em pé, á ordem, e com a espada na mão.)

P. Muito-Ex.·. e Per.·. I.·. 1° Vig.·., que horas são?

R. Muito-Sabio, he a hora do Per.·.Maçon.

P. E qual he a hora do Per.·.Maçon?

R. He o momento em que se recobrou a palavra; em que a pedra cubica se mudou em rosa mystica; que a Estrella flammejante tornou a apparecer em todo o seu esplendor; que nossas ferramentas retomárão a sua forma; que a luz brilhou a nossos olhos; que as trevas se dissipárão, e que a nova Lei Maçonica deve começar a reinar d'ora em diante em nossos trabalhos.

(O Muito-Sabio diz:)

O Muito-Sabio. — Sigamos pois esta Lei, porque ella he a consequencia de todas as maravilhas que deslumbrárão nossos olhos.

Muito-Ex.·. e Per.·. II.·. VV.·., annunciai que o Capitulo vai fechar-se.

(Os VV.·. fazem o annuncio.

Todos os Cavalheiros mettem a espada na bainha.

O Muito-Sabio sahe do seu lugar, guarda o seu malhete, faz huma genuflexão, e vai abraçar a todos os Cavalheiros que se arranjão em alas sobre a linha do Meio-dia. Começa pelo primeiro Vigilante, dizendo: *Paz profunda.*

O Chefe de fila faz outro tanto ao que se acha mais perto delle, dá-lhe o beijo, e assim os outros, até que todos se tenhão abraçado. Isto feito, todos fazem huma genuflexão.

O Muito-Sabio diz:)

O Muito-Sabio: Ex.·. e Per. II.·. Cavalheiros, o Soberano Capitulo de R.·. ✝, e os trabalhos do Capitulo de****, na sua quarta ordem, estão fechados. Façamos o nosso dever.

(Todos os II.·. fazem o sinal, depois huma genuflexão, e applaudem, guiados pelo Muito-Sabio, por sete, dizendo outras tantas vezes *houzé.*)

NOTA. Os Cavalheiros esperão em silencio que os venhão advertir para a Ceremonia do Banquete, se o houver.

BANQUETE.

(Achando-se todos os Cavalheiros arranjados á roda da mesa do banquete, o Muito-Sabio diz:)

O Muito-Sabio: — Grande Architecto do Universo, tu que precaves as necessidades de todos os seres, benze a nutrição que vamos tomar, para que ella séja para tua maior gloria, e nossa satisfação.

(O Muito-Sabio toma o pão, parte-o, e o dá ao Cavalheiro que está á sua direita, e assim corre a roda. Faz o sinal com o index, e come; depois toma hum copo cheio de vinho, faz o sinal com o index, e bebe; logo que o tem feito, passa-o ao Cavalheiro da direita, o qual faz o contra-sinal, e o toma. Este faz o mesmo que praticou o Muito-Sabio. O copo e o pão tendo da mesma maneira feito o giro da mesa, voltão ao Muito-Sabio, que deita o resto do pão e do vinho no fogo, dizendo:)

O Muito-Sabio. — Tudo está consummado.

(Todos os II.·. postos á ordem, e guiados pelo Muito-Sabio, fazem o sinal.

O Muito-Sabio dá o osculo de paz, e diz:)

O Muito-Sabio. — A paz seja comvosco!

(Todos se retirão em silencio.)

FIM DO CADERNO DE VENERAVEL.

Rio de Jan. Typ. Imp. e C. de Seignot-Plancher e C. 1854.

REGULADORES

DO

Rito Francez.

GRÁOS MYSTERIOSOS.

PRIMEIRO VIGILANTE.

Rio de Janeiro.

1834.

REGULADORES

DO

Rito Francez.

GRÁOS MYSTERIOSOS.

PRIMEIRO VIGILANTE.

TYP. IMP. E CONST. DE SEIGNOT-PLANCHER E Cª,
Rua d'Ouvidor, N. 95.

REGULADORES

DOS

GRÁOS MYSTERIOSOS,

OU DAS

QUATRO ORDENS SUPERIORES

do Rito Francez.

SEGUNDA PARTE.

PRIMEIRO VIGILANTE.

RIO DE JANEIRO.

1834.

PRIMEIRA ORDEM.

GRÁO

DE ELEITO SECRETO.

REGULADORES

DOS

GRAOS MYSTERIOSOS.

PRIMEIRA ORDEM.

Grão de Eleito Secreto.

GRANDE INSPECTOR.

ABERTURA.

P. Qual he o primeiro dever de hum I.·. Grande-Inspector Eleito?

R. Sapientissimo, he certificar-se se todos os II.·. são Eleitos.

O Sap.·. — Certificai-vos, Grande e Severo Inspector.

(Depois de ter-se certificado na forma usual, e tendo o Sev.·. Inspector feito o annuncio, o Grande-Inspector diz :)

O Gr.·. Insp.·. — Sap.·., todos os II.·. presentes são Eleitos.

P. Qual he o segundo dever de hum Eleito?

R. He ver se os trabalhos estão cobertos.

Sap.·. — Certificai-vos, I.·. Gr.·. Insp.·.

(Depois de ter-se certificado na forma usual, o Gr.·. Insp.·. diz:)

O Gr.·. Insp.·. — Sapientissimo, os trabalhos estão cobertos.

P. Sois Eleito Secreto?

R. Huma caverna me he conhecida, huma alampada me esclareceu, e huma fonte estancou a minha sede.

P. Que horas são?

R. A estrella da manhã nos annuncia que o Sol vai levantar-se, e que he tempo de começarmos a obra.

O Sap.·. — Pois que este justo designio, &c. — A mim, meus II.·.

(O Sev.·. Insp.·., quando volta das suas indagações, annuncia-se pela bateria de Mestre. O Gr.·. Insp.·. diz ao Sapientissimo:)

O Gr.·. Insp.·. — Sap.·., bate-se como Mestre á porta do Conselho.

O Sap.·. — Qual he o Mestre, &c. que bate, I.·. G.·. Insp.·. ?

(O Gr.·. Insp.·. examina quem he, e diz :)

O Gr.·. Insp.·. — Sap.·., são os Eleitos enviados á pesquiza que se apoderárão de hum dos obreiros do Templo, e o trazem.

(Repetindo a ordem do Sap.·., o Gr.·. Insp.·. diz :)

O Gr.·. Insp.·. — Franqueai-lhe a entrada.

(O Candidato he introduzido e collocado ao Occidente. O Gr.·. Insp.·. lhe põe o punhal sobre o coração, prestes atraspassa-lo. Quando o Recipiendario chega ao altar pelos nove passos dos quaes tres são d'Aprendiz, tres de Companheiro e tres de Mestre, para prestar o juramento na attitude conveniente, o Sap.·. lhe põe o seu punhal sobre a testa, e o Gr.·. Insp.·. lhe põe o seu sobre as costas.

De volta ao Occidente, o Gr.·. Insp.·. faz assentar o Recipiendario entre elle e o Severo Insp.·.

Quando o Sap.·. proclama o Candidato, o Gr.·. Insp.·. repete a proclamação, dizendo :)

O Gr.·. Insp.·.—I.·. Sev.·. Insp.·., II.·. Eleitos secretos, reconhecereis para o futuro ao I.·. N****, como membro do Conselho dos Eleitos Secretos e do Capitulo de ****, na sua primeira ordem.

INSTRUCÇAÕ.

P. Sois Eleito Secreto?

R. Conheço huma caverna, huma alampada me illuminou, e huma fonte applacou a minha sede.

P. Que tendes feito nesta qualidade?

R. Fui encarregado de huma commissão importante de que recebi o premio.

(Mostra a sua fita.)

P. Qual era o vosso projecto?

R. Vingar o crime.

P. Qual era a vingança permittida aos Maçons?

R. A justa punição dos assassinos de seu respeitavel Mestre, com ordem expressa do Rei.

P. Em que lugar se formou o projecto de vingança?

R. Em hum Conselho Secreto.

P. A que hora?

R. Na obscuridade da noite.

P. Quando partistes?

R. Antes do dia.

P. Quem vos illuminava?

R. A Estrella d'alva.

P. Por onde começastes?

R. Pela destruição de dous culpados.

P. Onde os descobristes?

R. Fugindo a travez de rochedos escarpados.

P. Fostes mais longe?

R. Penetrei no interior de huma horrivel caverna.

P. Quem achastes ali?

R. O traidor que acabava d'entrar, e se dispunha ao repouso.

P. Que aconteceu?

R. Cheio de medo ao aspecto de hum Mestre, a si mesmo se fez justiça.

P. Que vos restava fazer?

R. Nada porque estava completa a vingança.

P. Que horas erão então?

R. O sol acabava d'occultar-se.

P. Que idade tendes?

R. Nove semanas sobre sete annos, por

causa das nove semanas que se passárão antes da punição do crime.

P. Que significa a formula da vossa recepção?

R. O que se passou na formação e na execução do Projecto.

P. D'onde procedem as oito luzes, e huma maior, separada do resto?

R. Representão os nove Eleitos; a maior indica o seu Chefe.

P. O que denotão as outras seis luzes?

R. Os seis Mestres que se lhes reunirão com o titulo d'Eleitos, depois da sua volta.

P. O que significão as côres da Camara do Conselho?

R. O preto significa a atrocidade do crime; as chamas exprimem o nosso ardor na vingança, e o vermelho denota que ella só póde extinguir-se no sangue dos culpados.

P. Que significão as inscripções que se vêem sobre os pilares em que estão postas as cabeças?

R. Que o Céo, juiz das acções dos homens, he o mais certo vingador, e que nunca deixa o crime impune.

P. Que significa o cão?

R. Que o menor indicio serve muitas ve-
es para descobrir o culpado.

P. Que significa a caverna ?

R. Que nada ha tão obscuro e tão occul-
o, que possa pôr os perversos ao abrigo dos
upplicios ou dos remorsos.

P. Que significa o braço com hum punhal
na mão?

R. Que os nossos devem estar sempre prom-
ptos a ferir tudo quanto offende ou fere a vir-
ude.

P. Que significa a Estrella d'alva e as ou-
tras oito ?

R. A hora da partida e o numero dos Elei-
tos. Ao mesmo tempo significa que mui cedo
se deve principiar quando se trata de fazer hu-
ma boa acção.

P. Que significa a escada talhada na rocha,
e difficil ?

R. Que he necessario transpôr os lugares
mais escrabosos para conseguir a destruição do
vicio.

P. Que significa a alampada?

R. Que recebemos huma luz imprevista
nos procedimentos dictados pelo Grande-Archi-
tecto.

P. Que significa a fonte achada inopinadamente?

R. Que a Providencia nunca abandona em as urgentes necessidades.

ENCERRAMENTO.

P. Que vos resta a fazer?

R. Nada, pois que tudo está completo.

P. Que idade tendes?

R. Nove semanas sobre sete annos, por causa de nove semanas que se passárão antes da punição do crime.

P. Que horas são?

R. He a hora em que sahi da caverna, e a hora em que o Sol acaba de occultar-se.

O Sap.·. — Como o Sol, &c..... vai encerrar-se. — A mim, meus II.·.

(Todos os II.·., guiados pelo Sap.·., fazem o sinal, e applaudem.

O Sap.·. faz a bateria, e diz;)

O Sap.·. — O Conselho dos Eleitos está fechado.

(Bate huma pancada, e todos deixão as suas insignias, e se retirão em paz.)

SEGUNDA ORDEM.

GRAO D'ESCOCEZ.

REGULADORES

DOS

GRAOS MYSTERIOSOS.

SEGUNDA ORDEM.

Grão d'Escocez.

GRANDE PRIMEIRO VIGILANTE.

ABERTURA.

P. I.·. 1° Grande-Vig.·., estamos nós cobertos?

(O 1° Gr.·. Vig.·. certifica-se, e diz:)

R. Muito-Grande, nós estamos cobertos.

P. O que vos conduzio aqui, meu I.·.?

R. O amor do meu dever, e o desejo de attingir a alta Sciencia.

P. Que tendes que vos torne digno della?

R. Hum coração puro, zeloso partidista da virtude e da verdade.

P. Onde trabalhais?

R. Em huma abobada subterranea.

P. Qual he o objecto dos vossos trabalhos?

R. O conhecimento da arte de aperfeiçoar o que está imperfeito, e de chegar ao thesouro da verdadeira moral.

P. Qual foi a vossa recompensa?

R. Fui admittido em hum lugar de luz e de gloria, onde terminei os meus trabalhos.

P. Que idade tendes?

R. Nove annos.

P. Que horas são?

R. Meio-dia.

P. Que entendeis por isto?

R. Que o Sol, no seu zenith, illumina a nossa obra.

(O Muito-Grande diz:)

O Muito-Grande.—Como o Sol está, &c.... mysterios costumados.

(O 1° Vig.·. repete, dizendo:)

O 1° Vig.·.—I.·. 2° Grande Vig.·., Grandes Officiaes Sublimes Mestres, previno-vos que o Muito-Grande vai abrir a Sublime Loja dos

Grandes Eleitos no Capitulo de****, pelos mysterios costumados.

(O 2° Vig.·. repete o annuncio.

Isto feito, o Muito-Grande dá tres pancadas de malhete, o 1° Vig.·. cinco, o 2° Vig.·. sete, e o Muito-Grande nove.)

O Muito-Grande — 1° e 2° Grandes VV.·. fazei-me chegar a palavra.

(Os VV.·. executão a ordem, e voltão aos seus lugares.

Então todos os II.·., guiados pelo Muito-Grande, fazem o signal de facha, e applaudem por tres, cinco, sete, e nove, exclamando tres vezes *houzé.*)

O Muito-Grande.·. — II.·. 1° e 2° Grandes VV.·., annunciai que a abobada secreta está aberta, assim como os trabalhos dos Grandes Eleitos no Capitulo de****, na sua 2ª ordem.

(Os VV.·. repetem o annuncio, hum depois do outro.

O Muito-Grande.·. bate, e diz:)

O Muito-Grande. — A vossos lugares, meus II.·.

SEGUNDA ENTRADA.

(Na segunda entrada do Recipiendario, o 1° Vig.·., depois de saber quem bate á porta do Capitulo, dá huma pancada de malhete, e diz:)

1° Vig.·.—Muito-Grande, o Recipiendario fez as indagações necessarias, e achou o objecto do vosso pedido.

O Muito-Grande.—Franqueai-lhe a entrada.

(Depois da recepção, o Muito-Grande proclama o Recipiendario.

O 1° Vig.·. repete a proclamação, dizendo:)

O 1° Vig.·.—I.·. 2° Grande Vig.·., Grandes-Officiaes Sublimes Mestres, reconhecereis para o futuro o I.·.***, na qualidade de Grande-Eleito e Membro do Collegio dos Escocezes do Capitulo de****, na sua segunda ordem.

(O 2° Vig.·. repete.

Feita a proclamação segundo o uso, applaude-se.)

INSTRUCÇAÕ.

P. Quèm vos conduzio aqui, meu I.·.?

R. O amor do meu dever, e o desejo de attingir a alta sciencia.

P. Que tendes que vos faça digno della?

R. Hum coração puro, zeloso partidista da virtude e da verdade.

P. Onde trabalhastes?

R. Em huma abobada subterranea.

P. Onde estava collocada a abobada subterranea?

R. Foi construida secretamente debaixo da parte a mais mysteriosa do Templo.

P. Para que servia esta abobada secreta?

R. Para conter hum precioso deposito.

P. Em que lugar estava elle?

R. O Delta precioso, sobre o qual estavão gravados os verdadeiros caracteres da palavra innominada, foi incrustado em hum pedestal de marmore collocado no meio da abobada, e coberto com a pedra cubica.

R. Qual era a pedra cubica?

R. Huma pedra de agatha talhada em for-

ma quadrangular, contendo as palavras secretas da Arte Real.

P. Como se decifrão as letras, que ali se achão incrustadas?

R. Lendo-as segundo os principios da arte.

P. Como fostes introduzido?

R. Por tres, cinco, sete, e nove.

P. Que vos aconteceu?

R. Passei por provas rigorosas.

P. A que prova vos sugeitárão?

R. Com a ponta sobre o coração e o ferro sobre a garganta, fiz voluntariamente o sacrificio das paixões.

P. Basta isto para ser admittido?

R. Depois de me ter purificado, me mandárão fazer huma indagação para merecer a minha admissão.

P. Fostes feliz na vossa indagação?

R. Por hum particular favor e huma luz imprevista, fiz a descoberta do precioso deposito: entrei tendo-o na mão, e no estado em que me achava quando fiz a descoberta.

P. Qual era o objecto da vossa indagação?

R. O conhecimento da arte de aperfeiçoar o que está imperfeito, e chegar ao thesouro da verdadeira moral.

P. Qual foi a vossa recompensa?

R. O laço dos vicios foi sobre mim despedaçado; passárão-me sobre a testa, sobre os labios e o coração, a trolha impregnada de hum mixto preparado; participei do banquete dos Grandes Eleitos; recebi o penhor de huma nova alliança; e finalmente fui admittido em hum lugar de luz e de gloria, onde terminei meus trabalhos.

P. De que era composto este mixto?

R. De leite, azeite, vinho, e farinha.

P. Que significão estas cousas?

R. Doçura, prudencia, força, e formosura; qualidades essenciaes aos Grandes Eleitos.

P. Como se chamão as Lojas dos Grandes Eleitos Escocezes?

R. Lojas de altas sciencias; e seus trabalhos, sublimes.

P. Como se chega ali?

R. Com a firmeza no coração e no rosto, caracteristicos dos homens irreprehensiveis.

P. Qual he o seu primeiro dever?

R. Observar com respeito as Leis da Maçoneria, praticar a mais sã moral, e soccorrer seus II.·.

P. Quantas luzes tendes?

R. Tres vezes nove.

P. Que representão ellas?

R. As alampadas inextinguiveis, collocadas na abobada secreta.

P. Por que razão o nome de abobada secreta na abertura, se muda no de abobada sagrada no encerramento?

R. Porque collocado o deposito, ella só he conhecida debaixo deste ultimo titulo.

P. Onde viajão os Grandes Eleitos?

P. Em todas as partes da terra, para espalharem a verdadeira sciencia.

P. Que idade tendes?

R. Nove annos.

P. Porque razão o numero oitenta e hum está em honra entre nós?

R. Porque de todos os numeros he este o que offerece mais combinações Maçonicas, e porque nos termos da arte, elle he o triplo do cubo, ou o maior quadrado.

ENCERRAMENTO.

P. Donde vindes?

R. Fui procurar.

P. E que trazeis?

R. O deposito precioso.

P. Onde o puzestes?

R. Em hum lugar secreto e impenetravel.

P. Como conseguistes chegar ali?

R. Por tres, cinco, sete e nove.

P. Para que serve este deposito?

R. Para tornar a achar, no caso de alteração, os verdadeiros caracteres da palavra innominada, e todas as palavras secretas da Maçoneria.

P. Que levais daqui?

R. O premio do meu zelo, e hum maior desejo de exerce-lo.

P. E qual he o objecto?

R. A gloria do Grande Ar.·. do U.·.

P. Que idade tendes?

R. Nove annos.

P. Que horas são?

R. Meia noite, hora de encerrar nossos trabalhos.

O Muito-Grande. — Como he meia noite, &c.... vão ser encerrados.

O 1° Vig.·. — I.·. 2° Grande Vig.·., Grandes-Officiaes Sublimes Mestres, previno-vos que o Muito-Grande vai fechar a sublime Loja dos Grandes Eleitos no Capitulo de****, pelos numeros costumados.

(Depois do annuncio, o Muito Grande diz:)

O Muito Grande — A mim, meus II.·.

(Todos os II.·., guiados pelo Muito Grande, fazem o signal de facha, e applaudem por tres, cinco, sete, e nove, seguidos do tripli-ce *houzé*.

Feita a bateria, como na abertura, o Muito Grande diz:)

O Muito Grande — II.·. 1° e 2° Grandes VV.·. &c.... segunda ordem.

O 1° Vig.·. — I.·. 2° Grande Vig.·., Grandes-Officiaes Sublimes Mestres, previno-vos que a abobada sagrada está fechada, e os trabalhos dos Grandes Eleitos no Capitulo de****, na sua segunda ordem.

(O 2° Vig.·. repete o annuncio.)

TERCEIRA ORDEM.

GRÁO

DE CAVALHEILO D'ORIENTE.

REGULADORES
DOS
GRAOS MYSTERIOSOS.

TERCEIRA ORDEM.

Cavalheiro d'Oriente.

PRIMEIRO GENERAL.

ABERTURA.

SALA DO ORIENTE.

(Estando todos os Cavalheiros nos seus lugares, á excepção do que preside, e que só entra depois de ter sido annunciado, batendo huma pancada com o pé sobre o pavimento, junto á porta, o primeiro General diz:)

1° General. — Cavalheiros, o Sob.·. Mes.·. nos reune em Conselho, estejamos attentos a tudo quanto vai dizer-nos e propôr-nos. Ei-lo que chega.

(O Sob.·. Mestre bate, e sauda a todos os Cavalheiros, que, guiados pelo General, respondem pondo a mão direita sobre o coração, e inclinando o corpo. Depois o Soberano Mestre diz:)

P. Primeiro General, qual he o primeiro dever de hum verdadeiro Cavalheiro?

R. Sob.·. Mes.·., he precaver á segurança do Conselho, e a que nelle só possão entrar Cavalheiros.

O Sob.·. Mestre.—1° e 2° Generaes, fazei a inspecção.

(Os dous Generaes vão examinar as portas da Torre, e vêem se os guardas estão vigilantes. Voltão depois aos seus lugares, e então o 2° Gen.·. diz ao 1° Gen.·., e este ao Soberano Mestre:)

1° Gen.·.—As guardas cercão o Palacio, o Conselho está em segurança.

P. Basta isto?

R. He necessario ainda saber se todos os que aqui estão são dignos de assistir ao Conselho.

O Sob.·. Mestre.—Certificai-vos, 1° e 2° Generaes.

(Certificão-se. O segundo Gen.·. dá conta ao 1°. que diz:)

1° Gen.·. — Sob.·. Mes.·., todos os Membros presentes são bons Cavalheiros.

P. Em que tempo estamos?

R. Na revolução das dez semanas de annos de cativeiro.

O Sob.·. Mestre. — 1° e 2° GG.·., como he assim, annunciai que o Conselho vai abrir-se.

(O 1° Gen.·. diz:)

O 1° Gen.·. — Segundo General, Cavalheiros, o Sob.·. Mestre vos previne que o Conselho vai abrir-se.

(O Sob,·. Mestre bate sete pancadas com os copos da espada, por cinco e dous.

Os Generaes repetem a bateria.

O Sob.·. Mestre, diz:)

O Sob.·. Mestre. — A mim, Cavalheiros!

(Todos os II.·., guiados pelo Sob.·. Mestre, applaudem, e dizem juntos huma vez: Honra aos Cavalheiros!

O Sob.·. Mestre diz:)

Sob.·. Mestre.—Ó Conselho está aberto, &c... terceira ordem.

(O 1° Gen.·. diz:)

O 1° Gen.·. — 2° Gen.·., Cavalheiros, o Conselho está aberto, e os trabalhos do Capitulo de****, na sua 3ª ordem.

(O 2° Gen.·. repete o annuncio.
O Sob.·. Mestre bate e diz:)

O Sob.·. Mestre. — A vossos lugares, Cavalheiros!

(Os Generaes repetem o annuncio.
O Sob.·. Mestre, depois de ter dito: *Acabe o cativeiro*, abaixa a ponta da sua espada, e a levanta com presteza, para significar *liberdade*.
Os dous Generaes, dirigindo os Cavalheiros apresentão a ponta das suas espadas, abaixão-na para o chão, em sinal de adhesão, e as levantão com presteza.
Os Cavalheiros, guiados pelo Sob.·. Mestre, tomão os seus lugarês.)

RECEPÇAÕ.

(Hum dos Guardas da torre diz ao 2° Gen.·.)

Hum homem de luto, &c.... no Conselho.

(O 2° Gen.·. diz ao 1° Gen.·., e este ao Sob.·. Mestre:)

O 1° Gen.·.—Hum homem de luto quer penetrar no Conselho.

O Sob.·. Mestre.—Informai-vos, &c.ª.... huma exacta conta.

O 1° Gen.·. (*ao segundo*) — Informai-vos quem he; tomai as maiores precauções, e daime huma exacta conta.

O 2° Gen.·. (*ao primeiro*)—Zorobabel cativo, o primeiro d'entre seus iguaes, quer comparecer perante o Trono, e vem sollicitar da clemencia do Soberano Mestre a liberdade para os seus compatriotas, e a de reedificar o Templo do Grande Architecto.

(O 1° Gen.·. repete o annuncio ao Soberano Mestre.)

O Sob.·. Mestre. — Pois que justos motivos, &c.... Seja concedida.

O 1° Gen.·. — 2° Gen.·., Cavalheiros, o Soberano Mestre permitte ao Cativo que appareça com a face descoberta.

(O 2° Gen.·. repete o annuncio.)

O Sob.·. Mestre. — Zorobabel, &c. Que seja posto em liberdade.

(Os Cavalheiros, guiados pelos Generaes, dão com as espadas o sinal de consentimento.

O Recipiendario armado, he conduzido entre os Generaes pelo Mestre de Ceremonias; o 1° Gen.·. lhe toma a mão, e o conduz á Torre, onde o deixa, entretanto que os Cavalheiros passão em silencio para a Sala do Occidente, e mudão a decoração.)

SALA DO OCCIDENTE.

(O Recipiendario bate á porta por tres, cinco, sete, e nove pancadas.)

O 2° Vig.·. (*ao primeiro*) — Bate-se á porta como Grande-Eleito Escocez.

(O 1° Vig.·. repete o annuncio, e bate com os copos da sua espada sete pancadas.
O 2° Vig.·. repete as sete pancadas.
O Illustre-Mestre as repete tambem.)

O Illus.·. Mestre. — Illustre 1° Vig.·., fazei saber quem bate.
O 1° Vig.·. —(*ao segundo*)— Illustre 2° Vig.·., fazei ver quem bate.

(O 2° Vig.·. examina quem he e dá conta ao 1° Vig.·., que diz:)

O 1° Vig.·. — Muito Illustre Mestre, he hum de nossos II.·. cativos que traz a noticia da sua liberdade.

(O Muito Ill.·. Mestre diz:)

Illus.·. Mestre. — Meus II.·., a noticia que o, &c..... precioso auguro, &c.....
Perguntai lhe seu nome, &c. e que traz.

(O 1° Vig.·. repete ao I.·. 2° Vig.·., que, depois destar informado, dá conta ao 1° Vig.·., que diz ao Muito Illus.·. Mestre:)

O 1° Vig.·. — Zorobabel, do Paiz além do Rio, ao Occidente da Assyria, d'idade de seis

semanas d'annos, traz a noticia da liberdade, e a permissão de reconstruir o Templo.

(O Recipiendario he introduzido entre os dous VV.·.)

O 1° Vig.·. — Eis Zorobabel, que deseja ser admittido no seio da fraternidade.

(Depois das perguntas do uso, o Muito Illus.·. Mestre diz :)

Illus.·. Mestre. — Penso que Zorobabel he digno de ser admittido entre nós ; consentis ?

(Os Cavalheiros guiados pelos VV.·., fazem o sinal de consentimento, com a mão levantada, e o braço extendido na altura do hombro.

SEGUNDA ENTRADA.

(O Mestre de Ceremonias bate com o pé sete pancadas no pavimento, como Cavalheiro, por cinco e dous. O Segundo Vig.·. faz o annuncio segundo o uso.

O Muito Illustre Mestre diz :)

O Illus.·. Mestre. — Fazei saber quem bate, meu I.·..

(O 1° Vig.·. depois de ter sabido quem he, diz:)

O 1° Vig.·. — Muito Illus.·. Mestre, he Zorobabel que pede para entrar.

(Depois da instrucção e do discurso, o Ill.·. Mestre faz a proclamação.
O 1° Vig.·. a repete, dizendo:)

O 1° Vig.·. — Illus.·. 2° Vig.·., Cavalheiros, reconhecereis para o futuro o I.·. N...., como Membro de Conselho dos Cavalheiros do Oriente, do Capitulo de****, na sua terceira ordem.

(O 2° Vig.·. repete o annuncio.
Feita a proclamação da maneira costumada, o Muito Illus.·. Mestre diz:)

Illus.·. Mestre. — Illustres II.·. VV.·., II.·. Cavalheiros, consentis que Zorobabel presida a nossos trabalhos?

(Todos os Cavalheiros, guiados pelos VV.·., fazem com as suas espadas o sinal de consentimento.

INSTRUCÇAÕ.

P. Sois Cavalheiro ?

R. Recebi este caracter.

P. Fazei-vos conhecer melhor.

R. Começai, e acabarei.

P. Judas.

R. Benjamim.

P. Como chegastes a este grão ?

R. Pela humildade e paciencia.

P. A quem vos dirigistes ?

R. A'quelle de quem dependia a nossa libertação.

P. Concedeu o vosso pedido ?

R. Depois de me ter experimentado, concedeu-me a liberdade, e a de todos os meus II.·., e me honrou com o titulo de Cavalheiro do Oriente.

P. Que fizestes depois de ter obtido a liberdade ?

R. Retirei-me para a minha Patria, a fim de nella achar o resto de meus II.·.

P. Onde vos recebêrão elles ?

R. Em hum Conselho reunido sobre as ruinas do Templo.

P. Como estava illuminado o Conselho ?

R Com dez grupos de sete luzes.

P. Que significa este numero de luzes ?

R. O tempo de cativeiro.

P. Qual era a vossa obra ?

R. Trabalhar na reedificação do Templo do Grande Architecto.

P. Como tendes ali trabalhado ?

R. Com a espada em huma mão, e a trolha na outra.

P. Por que plano foi reconstruido o Templo?

R. Pelo plano do Templo destruido.

P. Onde se forão buscar os materiaes ?

R. As pedras forão tiradas das pedreiras de Tyro, e as madeiras das florestas do Libano, por ser necessario que o Templo se assemelhasse em tudo ao primeiro.

P. Que applicação se deve fazer ?

R. Que a Maçoneria deve ser unica, e não póde soffrer mudança alguma sem alteração nos seus principios.

P. Que formas tinhão as cadêas dos cativos?

R. Erão triangulares.

P. Porque ?

R. Os vencedores, conhecendo o respeito que os vencidos consagravão ao *Delta*, de-

rão esta forma ás cadêas para mais mortifi-
ca los.

P. Que significão as palavras de reconheci-
mento ?

R. O nome da classe dos que trabalhão na
reedificação.

P. Porque adoptámos a côr verde mar ?

R. Em memoria do acontecimento, por gra-
tidão, e na esperança do restabelecimento.

P. Em que estado achastes os Maçons quan-
do chegastes ás ruinas do Templo ?

R. Em luto e abatimento, estado de todas as
Lojas entregues á confusão e á desordem.

P. Que significão as columnas lançadas por
terra, e os instrumentos e os moveis fóra de
seus lugares ?

R. Que toda a Loja composta de irmãos in-
discretos e viciosos, perde a harmonia, seu prin-
cipal ornamento, e não póde tardar a des-
truir-se.

P. Que significão os obstaculos encontrados
na passagem da ponte ?

R. O desejo ardente que deve ter todo o bom
Maçon de instruir-se, e as difficuldades que de-
ve esforçar-se a vencer, para chegar á desco-
berta da verdade.

P. Que significa a resistencia que fizerão os novos constructores contra seus inimigos, durante o tempo da reedificação?

R. Os esforços com que todo o bom Maçon deve oppôr-se á introducção dos vicios e abusos.

P. Que arte professais?

R. A Maçoneria.

P. Que Edificio construis?

R. Templos e Tabernaculos.

P. Em que lugar os edificais?

R. Por falta de terreno, nós os edificamos no coração.

P. Que idade tendes?

R. Dez semanas d'annos.

ENCERRAMENTO.

P. I.·. 1° Vig.·., quem sois?

R. Maçon livre e Cavalheiro.

P. Como trabalhais?

R. Com a espada em huma mão, e a trolha na outra.

P. Donde vindes?

R. Do Oriente.

P. Que trazeis?

R. A liberdade de trabalhar.

P. Qual he a vossa obra ?

R. Restabelecer o Templo do Grande Architecto.

P. Que idade tendes ?

R. Dez semanas d'annos.

P. Em que tempo estamos ?

R. No instante da reedificação.

O Muito Illus.·. Mestre.—Como o tempo está, &c..... terceira ordem.

(Os VV.·. repetem o annuncio.)

O 1° Vig.·. — Illustre 2° Vig.·., Cavalheiros, o Conselho dos Cavalheiros vai fechar-se e os trabalhos do Capitulo de ****, na sua terceira ordem.

(O Muito Illustre Mestre diz :)

O Mui.·. Illus.·. Mestre.—A mim, meus II.·.

(Todos os Cavalheiros guiados pelo Illus.·. Mestre, fazem o sinal, applaudem por cinco e dous, e dizem huma vez: *Honra aos Cavalheiros* !

O Muito Illus.·. Mestre bate com os copos da espada por cinco e dous, repetidos pelos VV.·. e diz :)

O Muito Illus.·. Mestre. — O Conselho está fechado, &c..... terceira ordem.

(Os VV.·. repetem o annuncio.)

O 1° Vig.·. — Illustre 2° Vig.·., Cavalheiros, o Conselho está fechado, e os trabalhos do Capitulo de ****, na sua terceira ordem.

(O 2° Vig.·. repete o annuncio.
O Muito Illus.·. Mestre dá huma pancada, e todos se retirão em paz.)

QUARTA ORDEM.

GRÁO

DE ROZA-CRUZ.

QUARTA ORDEM.

GRÃO

DE ROZA-CRUZ.

REGULADORES
DOS
GRAOS MYSTERIOSOS.

QUARTA ORDEM.

Roza-Cruz.

EXCELLENTE E PERFEITO PRIMEIRO VIG.·.

ABERTURA.

(O Muito-Sabio dá huma pancada que he repetida pelos VV.·., e diz:)

O Muito-Sabio. — Muito-Excell.·. e Per.·. II.·., ajudai-me a abrir o Capitulo de R.·. †.

(Os VV.·. repetem o convite, dizendo cada hum na sua columna:)

O 1° Vig.·. — Muito-Excell.·. e Perf.·. II.·., ajudemos o Muito-Sabio a abrir o Capitulo de R.·. †.

(Depois o Muito-Sabio diz:)

P. Muito-Excellente e Perf.·. I.·. 1° Vig.·., qual he o vosso cuidado?

R. Muito-Sabio, he saber se o Capitulo está bem coberto, e se todos os II.·. presentes são Cavalheiros R.·, †.

(O Muito-Sabio diz:)

O Muito-Sabio — Muito-Excell.·. e Perfeitos II.·. 1° e 2° VV.·., certificai-vos.

(O 2° Vig.·. toma os sinaes, palavras, toque, e palavra de passe do Mestre de Ceremonias, e depois lhe diz:)

O 2° Vig.·. — Muito-Perfeito I.·., vêde se o Capitulo está bem coberto.

(O Mestre de Ceremonias sahe para executar o que lhe foi ordenado, e quando volta dá conta ao 2° Vig.·.

Ao mesmo tempo os VV.·. cada hum na sua columna, vão tomar a todos os II.·. as palavras, toques, e sinaes do gráo, e dão conta ao Muito. Sabio, por intermedio do 1° Vig.·., que diz:)

O 1° Vig.·.— Muito-Sabio, todos os II.·. presentes são Cav.·. R.·. ✝.

(O Mestre de Ceremonias, quando volta, dá conta ao 2° Vig.·., que bate huma pancada de malhete sobre o do 1° Vig.·., e lhe diz :)

O 2° Vig.·. — Muito-Excell.·. e Perf.·. I.·. 1° Vig.·., o Capitulo de R.·. ✝ está bem coberto.

(O 1° Vig.·. bate huma pancada de malhete sobre o do 2°, e o Muito-Sabio tendo respondido, o 1° Vig.·. diz a este ultimo :)

O 1° Vig.·. — Muito-Sabio , o Capitulo de R.·. ✝ está bem coberto.

P. Muito-Excell.·. e Perf.·. I.·. 1° Vig.·., que horas são ?

R. He o instante em que o véo do Templo foi rasgado , que as trevas se espalhárão sobre a superficie da terra , que a luz se obscureceu , que as columnas e as ferramentas da Maçoneria forão despedaçadas , que a Estrella flammejante desappareceu, que a pedra cubica suou sangue e agua , e que a palavra se perdeu.

O Muito-Sabio.—Pois que a Maçoneria &.... Capitulo de R.·. ✝.

(Os VV.·. cada hum na sua respéctiva columna, dizem :)

Os VV.·. — Muito-Excell.·. e Perf.·. II.·. Cavalheiros, o Muito-Sabio vai abrir o Capitulo de R.·. ✝; reunamo-nos a elle.

(O Muito-Sabio dá sete pancadas de malhete por seis, e huma separada.

Os VV.·. repetem a bateria.

O Muito-Sabio, depois de ter feito o sinal, &c., diz :)

Muito-Sabio. — O Capitulo de R.·. ✝ está aberto, e os trabalhos do Capitulo de ****, na sua quarta ordem.

(Os VV.·. repetem o annuncio.

Applaude-se por sete, dizendo outras tantas vezes *houzé* (*).

O Muito-Sabio dá huma pancada com o malhete, repetida pelos VV.·., e todos os II.·. tomão os seus lugares sobre banquetas da altura de hum escabello.)

(*) Não se bate na primeira Camara.

RECEPÇAÕ.

(O Muito-Sabio diz :)

P. Muito-Excell.·. e Perf.·. I.·. 1° Vig.·., qual he o objecto da nossa reunião ?

R. Muito-Sabio, a propagação da ordem, e a perfeição de hum Cavalheiro do Oriente que pede ser admittido entre nós.

(O Mestre de Ceremonias, acompanhado pelo Recipiendario, bate como Cavalheiro do Oriente.

O 2° Vig.·., depois de avisado pelo I.·. Experto, diz ao 1° Vig.·. :)

O 2° Vig.·. — Muito-Excell.·. e Perf.·. I.·. 1° Vig.·., bate-se á porta do Capitulo como Cavalheiro do Oriente.

O 1° Vig.·. — Muito-Sabio, bate-se á porta do Capitulo como Cavalheiro do Oriente.

O Muito-Sabio. — Fazei ver quem bate.

(O I.·. Experto diz ao Recipiendario.)

P. Que quereis ?

(O Mestre de Ceremonias responde :)

R. He hum Cavalheiro do Oriente, &c.... tornar a acha-la.

(O I.·. Experto o diz ao 2° Vig.·., e este ao 1°, que diz :)

O 1° Vig.·. — Muito-Sabio, he hum I.·. Cavalheiro do Oriente, errante nos bosques e montanhas, que perdeu a palavra na segunda destruição do Templo, e que deseja, com o vosso soccorro, tornar a acha-la.

O Muito-Sabio. — Franqueai-lhe a entrada.

(Executada a ordem, e o Recipiendario collocado entre os dous VV.·., o 1° Vig.·. dá huma pancada repetida pelo 2° Vig.·. e pelo Muito-Sabio, e diz a este ultimo :)

O 1° Vig.·. — Muito-Sabio, eu vos apresento hum Cavalheiro do Oriente que procura a palavra.

(Acabadas as viajens, e o Recipiendario collocado entre os dous VV.·., o 1° Vig.·. bate e diz :)

O 1° Vig.·. — Muito-Sabio e Perf.·. Mestre, o Recipiendario terminou as suas viajens.

(Depois do juramento e de ter-se vestido o Recipiendario, o Muito-Sabio faz aos VV.·. as perguntas seguintes:)

P. Que motivo nos reune?

R. Muito-Sabio e Perfeito Mestre, a pedra cubica derrama sangue e agua pela relaxação dos Maçons em suas obras, e pelo successo da Maçoneria exposta sobre o cume de huma alta montanha.

P. Que significa este mysterio?

R. A perda da palavra que com vossa ajuda pretendemos achar.

P. Que he necessario fazer para tal conseguir?

R. Abraçar a nossa Lei, estar plenamente convencido das tres virtudes que são as suas columnas, a base, e os principios.

P. Quaes são ellas?

R. Fé, Esperança, e Caridade.

P. Como acharemos estas tres columnas?

R. Viajando e errando na obscuridade a mais profunda.

(Todos os II.·. viajão em silencio, segundo as suas cathegorias, e fazem sete vezes o giro do Capitulo.

No terceiro giro, o Muito-Sabio entra na Camara encarnada.

No quarto giro os VV.·., e depois os outros.

Depois de todos os Cav.·. terem entrado na Camara encarnada, o Meste de Ceremonias faz dar ao Recipiendario sete pancadas como R.·.†.

O 2° Vig.·. bate huma pancada com o malhete, repetida pelo 1° Vig.·., a quem diz:)

O 2° Vig.·. — Muito-Excell.·. e Perf.·. I.·. 1° Vig.·., bate-se á porta como Cavalheiro R.·.†.

(Depois de ter-se certificado na forma do uso, o 2° Vig.·. diz ao 1° Vig.·.:)

O 2° Vig.·. — He hum Cavalheiro que &c. . . .

O 1° Vig.·.—Muito-Sabio, he hum Cavalheiro que depois de ter percorrido os espaços os mais profundos, espera dar-vos a palavra por fructo das suas indagações..

O Muito-Sabio. — Seja introduzido no Occidente, e nós o interrogaremos.

(Executada a ordem conforme o uso, e o Recipiendario collocado entre os VV.·., o 2° Vig.·. diz ao 1°, e este ao Muito-Sabio:)

O 1° Vig.·. — Muito-Sabio e Perfeito Mestre,

eis hum I.·. Maçon, que vem ajudar-nos a achar a palavra perdida, e que deseja ser Maçon perfeito.

(Depois das perguntas do estilo o Muito-Sabio diz :)

O Muito-Sabio. — Meus II.·., a palavra foi recobrada, a luz lhe seja concedida.

(Os VV.·. tirão promptamente o véo que cobre o Recipiendario.

Depois do Recipiendario receber do Muito-Sabio as instrucções que lhe devem ser dadas, e estar collocado entre os dous VV.·., o Muito-Sabio faz a proclamação.

O 1° Vig.·. a repete, dizendo:)

O 1° Vig.·. — Muito-Excel.·. e Perf.·. I.·. 2° Vig.·., Excel.·. e Per.·. II.·. Cav.·., reconhecereis para o futuro o I.·. N****, como Cavalheiro da Aguia, Perfeito Maçon livre. debaixo do titulo de R.·. ✝, e Membro do Soberano Capitulo de****, na sua quarta ordem.

(Todos os II.·., guiados pelo Muito-Sabio, applaudem por sete, e exclamão outras tantas vezes *houzé*.)

INSTRUCÇAÕ.

P. Sois R.·. ✝?

R. Muito-Sabio e Perfeito Mestre, tenho essa fortuna.

P. Onde fostes recebido?

R. Em hum Capitulo onde reinavão a decencia e a humildade.

P. Quem vos recebeu?

R. O mais humilde de todos.

P. Que entendeis por esta palavra?

R. Que nós nas nossas reuniões só nos distinguimos pela humildade e obediencia.

P. Como fostes recebido?

R. Com todas as formalidades requeridas em tão grande objecto.

P. Como fostes recebido no Capitulo?

R. Com todos os meus sentidos livres, e de minha plena vontade.

R. Que vistes ao entrar.

R. Minha alma ficou extasiada ao aspecto do que vi; o silencio, a situação dos Cavalheiros, tudo me fez conceber huma grande idéa do que ia saber.

P. Que vos fizerão depois da introducção?

R. Fizerão-me viajar.

P. Que aprendestes nas vossas viagens?

R. Vi os tres sustentaculos do nosso Edificio; ensinárão-me os seus nomes que repeti, e que para sempre gravei em meu coração.

P. Quaes são estes nomes?

R. Fé, Esperança, e Caridade.

P. Logo que acabárão as vossas viagens, ficárão os vossos trabalhos perfeitos?

R. Não; o Muito-Sabio ordenou me conduzissem aos pés daquelle perante quem tudo se prostra, para ali prestar o meu juramento.

P. E como o prestastes?

R. No mais respeitoso estado, o coração penetrado de quanto dizia, na firme resolução de observar restrictamente tudo quanto tinha promettido.

P. Que fizerão de vós ao depois?

R. Revestirão-me com os sinaes de dôr e arrependimento; ensinárão-me a significação de cada cousa, e em memoria do que a fazia; depois todos os Cavalheiros fizerão huma viagem commemorativa, a qual nos fez passar da tristeza á alegria, logo que percorremos obscuros caminhos, tenebrosos e cheios de horror; mas a firmeza com que cada hum de nós

supportou as fadigas, nos adquirio a recompensa que desejavamos.

P. Que procuraveis nesta viajem?

R. A verdadeira palavra, perdida pela relaxação dos Maçons.

P. Tornastes a acha-la?

R. A nossa perseverança nos fez recobra-la.

P. Quem vos deu a palavra?

R. Não he permittido a ninguem dar-nos a palavra; mas tendo reflectido no que vi e ouvi, achei-a por mim mesmo, com ajuda daquelle que he seu autor.

P. Dai-ma.

R. Não posso. Interrogai-me sobre as minhas viajens, meu nome, meu paiz, e diligenciai fazer como eu fiz.

P. Donde vindes?

R. Da Judea.

P. Por que cidade passastes?

R. Por Nazareth.

P. Quem vos conduzio?

R. Raphael.

P. De que tribu sois?

R. De Judas.

P. Nada colligi das vossas respostas meu I.·.

R. Fazei como eu fiz, ajuntai as letras ini-

ciaes de cada palavra, e achareis o objecto das nossas viajens e de nossos mysterios.

P. J.

R. N.

P. R.

R. J.

P. Nada mais vos derão?

R. A palavra de passe, que he E.·., sinaes, e hum toque para fazer-me reconhecer.

P. Dai-me o primeiro sinal?

R. (Faz o sinal.)

P. Dai-me a resposta?

R. (Dá-lha.)

P. Dai-me o toque?

R. (O que o recebeu diz: He justo, Muito-Sabio)

P. Qual he a ordem do grão?

R. O bom Pastor.

P. Que fizerão de vós, depois de vos terem dado os meios de fazer-vos reconhecer?

P. O Muito-Sabio e todos os Cavalheiros me constituirão Cavalheiro da Aguia, Perfeito Maçon livre, debaixo do titulo de R.·. ✝; condecorárão-me com a fita encarnada e com a joia; e depois de me terem feito conhecer a todos os Cavalheiros, tomei lugar no Capitulo.

P. Que se fez depois?

R O Muito-Sabio nos fez huma exhortação; tratou dos negocios do Capitulo da maneira costumada, e todos os Cavalheiros se retirárão em paz.

ENCERRAMENTO.

(O Muito-Sabio dá sete pancadas de malhete, repetidos pelos VV.·.

Todos os Cavalheiros estarão em pé e á ordem.)

P. Muito-Ex.·. e Per.·. I.·. 1º Vig.·., que horas são?

R. Muito-Sabio, he a hora do Per.·. Maçon.

P. Qual he a hora do Perfeito Maçon?

R. O momento em que a palavra foi recobrada, que a pedra cubica se mudou em rosa mystica, que a Estrella flammejante tornou a apparecer em todo o seu esplendor, que nossas ferramentas retomárão a sua forma, que a luz se mostrou a nossos olhos com todo o seu brilhantismo, que as trevas se dissipárão, devendo a nova luz Maçonica reinar de ora em diante em nossos trabalhos.

O Muito-Sabio. — Sigamos pois esta Lei &.... ferio nossos olhos. — Muito-Excellentes e Per-

feitos II.·. 1° e 2° VV.·., annunciai que o Capitulo vai fechar-se.

O 1° Vig.·.—Muito-Ex.·. e Perfeitos II.· Cavalheiros, o Capitulo vai fechar-se.

O Muito-Sabio.—Muito-Ex·. e Perfeitos II.·. 1° e 2° VV.·. &c.... Façamos o nosso dever.

O 1° Vig.·.—Muito-Ex.·. e Perfeito I.·. 1° Vig.·. Muito-Ex.·. e Perfeitos II.·. Cavalheiros, o Capitulo de R.·. †, e os trabalhos do Soberano Capitulo de****, na sua quarta ordem, estão fechados. Façamos o nosso dever.

(Todos os II.·. fazem o segundo sinal, depois huma genuflexão, guiados pelo Muito-Sabio, e dizem sete vezes *houzé*.)

NOTA. Os Cavalheiros esperão em silencio que os venhão advertir para a ceremonia do banquete, se o houver.

FIM DO CADERNO DE PRIMEIRO VIGILANTE.

Rio de Jan. Typ. Imp. e C. de Seignot-Plancher e C. 1834.

3

REGULADORES

DO

Rito Francez.

GRÁOS MYSTERIOSOS.

SEGUNDO VIGILANTE.

Rio de Janeiro.

1834.

REGULADORES

DO

Rito Francez.

GRÁOS MYSTERIOSOS.

SEGUNDO VIGILANTE.

TYP. IMP. E CONST. DE SEIGNOT-PLANCHER E C
Rua d'Ouvidor, N. 95.

REGULADORES

DOS

GRÁOS MYSTERIOSOS,

OU DAS

QUATRO ORDENS SUPERIORES

do Rito Francez.

TERCEIRA PARTE.

SEGUNDO VIGILANTE.

RIO DE JANEIRO.

1834.

PRIMEIRA ORDEM.

GRÁO

DE ELEITO SECRETO.

REGULADORES

DOS

GRAOS MYSTERIOSOS.

PRIMEIRA ORDEM.

Grão de Eleito Secreto.

SEVERO INSPECTOR.

ABERTURA.

(Depois da abertura o Sapientissimo diz:)

Sap.·. — Certificai-vos, Grande e Severo-Inspector.

(O Severo-Insp.·. se certifica na forma do estilo, e depois diz:)

Sev.·. Insp.·. — I.·. Grande-Inspector, todos os II.·. do meu valle são Eleitos.

(Depois de ter-se certificado que os trabalhos estão bem cobertos, o Severo Inspector diz:)

Sev.·. Insp.·.—I.·. Grande Insp.·., os trabalhos estão exactamente cobertos.

(Quando o Sap.·. diz :)

Sap.·. —I.·. Sev.·. Insp.·., levai comvosco dous Eleitos, e examinai escrupulosamente o exterior da Camara do Conselho: cumpre ter a certeza de que não podemos ser ouvidos.

(O Sev.·. Insp.·. sahe acompanhado por dous Eleitos ; vão á Camara das reflexões , pegão no Recipiendario , e o preparão como se segue :

O Sev.·. Insp.·. tira-lhe a espada e o chapéo, faz-lhe pôr o seu avental de Mestre, e lhe põe huma corda ao pescoço com a qual se lhe ligão as mãos e o corpo.

Assim preparado , he conduzido á porta do Conselho, escoltado por dous Eleitos, e precedido pelo Sev.·. Insp.·., o qual se annuncia pela bateria do gráo de Mestre.

O Grande-Inspector, por ordem do Sap.·., faz ver quem bate.

O Sev.·. Insp.·., em resposta á pergunta que se lhe faz, diz :)

Sev.·. Insp.·., —São os Eleitos enviados á pes-

quisa que se apoderárão de hum dos obreiros do Templo, e o conduzem.

Sap.·. — Franqueai-lhes a entrada.

(As portas abrem-se, o Sev.·. Insp.·. conduz o Candidato ao Occidente dizendo :)

Sev.·. Insp.·. —Eis hum dos obreiros do Templo que achamos perto d'aqui ; ignoramos os seus designios.

(O Sap.·. faz as seguintes perguntas ao Recipiendario, e o Sev.·. Insp.·. lhe dicta as respostas.)

P. Quem es ?

R. Chamo-me *Joaben*, Maçon da classe dos Mestres.

P. Que queres ?

R. Lançar-me a vossos pés, e pedir-vos a graça de ser o vingador de Hiram.

(Quando o Sap.·. diz : *Joaben*, *vossos votos*, &c.... *será em perigo. Ide*, o Sev.·. Insp.·. toma a mão do Recipiendario, e o faz viajar dando oito voltas lentas e huma precipitada. Na nona volta que he precipitada, terá cuidado em faze-lo passar entre o primeiro e o segundo can-

delabro. As portas se abrem, e o Sev.·. Insp.·. conduz o Recipiendario á Camara obscura, onde muitos Eleitos se lhe reunem para fazerem numero.

O Sev.·. Insp.·. faz entrar o Recipiendario só na Caverna. Entrando deve ver hum quadro figurando a fuga de dous dos traidores perseguidos e apanhados por dous Mestres. Apenas entra, cahe o boneco por terra, com o punhal no coração, e ao mesmo tempo apparece hum transparente, sobre o qual o Recipiendario lê estas palavras: *O crime está punido; toma o punhal do traidor, e sahe.*

Logo que o Recipiendario sahe da Caverna, o Sev.·. Insp.·. dirige a palavra aos Eleitos, e lhes diz:)

Sev.·. Insp.·. — Deixemos os corpos destes scelerados á mercê dos animaes ferozes; contentemo-nos em levar suas cabeças a Jerusalem.

(Os Eleitos se retirão, e tornão a entrar na Camara do Conselho. Deve suppôr-se que trazem comsigo as cabeças dos scelerados.

O I.·. Insp.·. diz ao Recipiendario:)

Grande-Insp.·. — Vós, meu I.·., bebei agua desta fonte.

(Depois de hum momento de silencio, elle lhe diz :)

Grande-Insp.·. — Segui-me.

(Indica-lhe como deve entrar na Camara do Conselho.)

O Sev.·. Insp.·. acompanha o Recipiendario, o qual entra tendo na mão direita o punhal, o braço levantado prestes a ferir, o esquerdo extendido ao longo do corpo, e se colloca no Occidente exclamando : *O crime está punido.*

Depois do I.·. Grande Insp.·. ter feito a proclamação, o Sev.·. Insp :· diz :)

Sev.·. Insp :·—II.·. Eleitos Secretos, reconhecereis para o futuro o I.·. N..., por Membro do Conselho dos Eleitos Secretos e do Capitulo de****, na sua primeira ordem.

INSTRUCÇÃO.

P. Sois Eleito Secreto ?

R. Conheço huma caverna, huma alampada me illuminou, e huma fonte aplacou a minha sede.

P. Que fizestes nesta qualidade?

R. Fui encarregado d'huma Commissão importante, de que recebi o premio.

(Mostra a sua fita.)

P. Qual era o vosso projecto?

R. Vingar o crime.

P. Qual era a vingança permittida aos Maçons?

R. A justa punição dos assassinos de seu respeitavel Mestre, com ordem expressa do Rei.

P. Em que lugar se formou o projecto de vingança?

R. Em hum Conselho secreto.

P. A que hora?

R. Na obscuridade da noite.

P. Quando partistes?

R. Antes do dia.

P. Quem vos illuminava?

R. A Estrella d'alva.

P. Por onde começastes?

R. Pela destruição de dous culpados.

P. Aonde os descubristes?

R. Fugindo a travez de rochedos escarpados.

P. Fostes mais longe?

R. Penetrei no interior de huma horrivel caverna.

P. Quem achastes ali?

R. O traidor que acabava d'entrar, e se dispunha ao repouso.

P. Que aconteceu?

R. Cheio de medo ao aspecto de hum Mestre, a si mesmo se fez justiça.

P. Que vos restava fazer?

R. Nada, porque estava completa a vingança.

P. Que horas erão então?

R. O Sol acabava d'occultar-se.

P. Que idade tendes?

R. Nove semanas sobre sete annos, por causa das nove semanas que se passárão antes da punição do crime.

P. Que significa a formula da vossa recepção?

P. O que se passou na formação e na execução do projecto.

P. Donde procedem as oito luzes, e huma maior, separada do resto?

R. Representão os nove Eleitos, a maior indica o seu Chefe.

P. O que denotão as outras seis luzes?

R. Os seis Mestres que se lhes reunirão com titulo d'Eleitos, depois da sua volta.

P. O que significão as côres da Camara do Conselho?

R. O preto significa a atrocidade do crime; as chamas exprimem o nosso ardor na vingança, e o vermelho denota que ella só póde extinguir-se no sangue dos culpados.

P. Que significão as inscripções que se vêem sobre os pilares em que estão postas as cabeças?

R. Que o Céo, juiz das acções dos homens, he o mais certo vingador, e que nunca deixa o crime impune.

P. Que significa o cão?

R. Que o menor indicio muitas vezes serve para descobrir o culpado.

P. Que significa a Caverna?

R. Que nada ha tão obscuro e tão occulto, que possa pôr os perversos a abrigo dos supplicios ou dos remorsos.

P. Que significa o braço com hum punhal na mão?

R. Que os nossos devem estar sempre promptos a ferir tudo quanto offende ou fere a virtude.

P. Que significa a Estrella d'alva e as outras oito?

R. A hora da partida e o numero dos Eleitos. Ao mesmo tempo significa que mui cedo se deve principiar, quando se trata de fazer huma boa acção.

P. Que significa a escada talhada na rocha, e difficil?

R. Que he necessario transpôr os lugares mais escabrosos para conseguir a destruição do vicio.

R. Que significa a alampada?

R. Que recebemos huma luz imprevista nos procedimentos dictados pelo Grande-Architecto.

P. Que significa a fonte achada inopinadamente?

R. Que a Providencia nunca abandona em as urgentes necessidades.

ENCERRAMENTO.

P. Que vos resta a fazer?

R. Nada, pois que tudo está completo.

P. Que idade tendes?

R. Nove semanas sobre sete annos, por-

causa das nove semanas que se passárão antes da punição do crime.

P. Que horas são?

R. A hora em que sahi da Caverna, e a hora em que o Sol acaba de occultar-se.

Sap.·. — Como o Sol, &c.... vai encerrar-se. — A mim, meus II.·.

(Todos os II.·., guiados pelo Sap.·., fazem o sinal e applaudém.

O Sap.·. faz a bateria, e diz:)

Sap.·. — O Conselho dos Eleitos está fechado.

(Bate huma pancada, e todos deixão as suas insignias e se retirão em paz.)

SEGUNDA ORDEM.

GRAO D'ESCOCEZ.

REGULADORES

DOS

GRAOS MYSTERIOSOS.

SEGUNDA ORDEM.

Grão d'Escoceze.

GRANDE SEGUNDO VIGILANTE.

ABERTURA.

P. Primeiro Grande Vig.·., estamos cobertos?

(Depois de ter-se certificado, o 2° Vig.·. diz:)

R. Grande 1° Vig.·., estamos cobertos.

P. Quem vos conduzio aqui, meu I.·.?

R. O amor do meu dever, e o desejo de attingir a alta sciencia.

P. Que tendes que vos torne digno della?

R. Hum coração puro, zeloso partidista da virtude e da verdade.

P. Onde trabalhais?

R. Em huma abobada subterranea.

P. Qual he o objecto dos vossos trabalhos?

R. O conhecimento da arte de aperfeiçoar o que está imperfeito, e de chegar ao thesouro da verdadeira moral.

R. Qual foi a vossa recompensa?

R. Fui admittido em hum lugar de luz e de gloria, onde terminei os meus trabalhos.

P. Que idade tendes?

R. Nove annos.

P. Que horas são?

R. Meio-dia.

P. Que entendeis por isto?

R. Que o Sol, no seu zenith, illumina a nossa obra.

O Muito-Grande. — Como o Sol está, &c.... mysterios costumados.

(O 1° Vig.·. repete o annuncio.)

O 2° Vig.·. — II.·. Grandes Officiaes Sublimes Mestres, previno-vos que o Muito Grande vai abrir a Sublime Loja dos Grandes Eleitos no Capitulo de****, pelos mysterios costumados.

(Isto feito, o Muito-Grande dá tres pan-adas; o 1° Vig.·. bate cinco; o 2° Vig.·. sete; o Muito-Grande nove.

Depois disto, o Muito-Grande diz:)

O Muito-Grande—II.·. 1° e 2° Grande VV.·., fazei-me chegar a palavra.

(Os VV.·. executão a ordem, e tornão aos seus lugares.

Então todos os II.·., guiados pelo Muito-Gran le fazem o sinal da facha, e applaudem por tres, cinco, sete, e nove, e exclamão tres vezes *Youzé*.)

O Muito-Grande—II.·. 1° e 2° VV.·., annunciai que a abobada secreta está coberta, assim como os trabalhos dos Grandes Eleitos no Capitulo de****, na sua segunda ordem.

(Os VV.·. repetem o annuncio, hum depois do outro.

O Muito-Grande bate e diz:)

O Muito-Grande—A vossos lugares, meus II.·.

SEGUNDA ENTRADA.

(Na segunda entrada do Recipiendario, o 2° Vig.·., depois de estar certo de quem bate, dá huma pancada de malhete, e diz ao 1° Vig.·.)

O 2° Vig.·.—I.·. 1° Grande Vig.·., o Recipiendario fez os estudos necessarios, e achou o objecto que lhe foi pedido.

(O 1° Vig.·. repete o annuncio ao Muito-Grande que diz:)

O Muito-Grande—Franqueai-lhe a entrada.

(Depois da recepção, o Muito-Grande proclama o Recipiendario.
O 1° Vig.·. repete a proclamação.
O 2° Vig.·. diz:)

O 2° Vig.·. — II.·. Grandes Officiaes Sublimes Mestres, reconhecereis para o futuro o I.·. N.... por Grande Eleito e Membro do Collegio dos Escocezes do Capitulo de****, na sua segunda ordem.

(Feita a proclamação, na forma usada, applaude-se.)

INSTRUCÇAÕ.

P. Quem vos conduzio aqui, meu I.·.?

R. O amor do meu dever, e o desejo de attingir a alta sciencia.

P. Que tendes, que vos faça digno della?

R. Hum coração puro, zeloso partidista da virtude e da verdade.

P. Onde trabalhastes?

R. Em huma abobada subterranea.

P. Onde estava collocada a abobada subterranea?

R. Foi construida secretamente debaixo da parte mais mysteriosa do Templo.

P. Para que servia esta abobada secreta?

R. Para conter hum precioso deposito.

P. Em que lugar se achava elle?

R. O Delta precioso sobre o qual estavão gravados os verdadeiros caracteres da palavra innominada, foi incrustado em hum pedestal de marmore collocado no meio da abobada, e coberto com a pedra cubica.

P. Qual era a pedra cubica?

R. Huma pedra de agatha talhada em forma quadrangular, contendo as palavras secretas da Arte Real.

P. Como se decifrão as letras que ali se achão incrustadas?

R. Lendo-as segundo os principios da arte.

P. Como fostes introduzido?

R. Por tres, cinco, sete, e nove.

P. Que vos aconteceu?

R. Passei por provas rigorosas.

P. A que provas vos sugeitárão?

R. Com a ponta sobre o coração e o ferro sobre o pescoço, fiz voluntariamente o sacrificio das paixões.

P. Basta isto para ser admittido?

R. Depois de me ter purificado, me mandárão proceder a huma indagação para merecer a minha inteira admissão.

P. Fostes feliz na vossa indagação?

R. Por hum particular favor e huma luz imprevista, fiz a descoberta do precioso deposito: entrei tendo-o na mão, e no estado em que me achava quando fiz a descoberta.

P. Qual era o objecto da vossa indagação?

R. O conhecimento da arte de aperfeiçoar o que está imperfeito, e chegar ao thesouro da verdadeira moral.

P. Qual foi a vossa recompensa?

R. O laço dos vicios foi sobre mim despe-

daçado; passárão-me sobre a testa, sobre os labios e o coração, a trolha impregnada de hum mixto preparado; participei do banquete dos Grandes Eleitos; recebi o penhor de huma nova alliança, e finalmente, fui admittido em hum lugar de luz e de gloria, onde terminei os meus trabalhos.

P. De que era composto este mixto?

R. De leite, azeite, vinho, e farinha.

P. Que significão estas cousas?

R. Doçura, prudencia, força, e formosura, qualidades essenciaes aos Grandes Eleitos.

P. Como se chamão as Lojas dos Grandes Eleitos Escocezes?

R. Lojas das Altas Sciencias; e seus trabalhos, Sublimes.

P. Como se consegue chegar ali?

R. Com firmeza no coração e no rosto, caracteristicos dos homens irreprehensiveis.

P. Qual he o seu primeiro dever?

R. Observar com respeito as leis da Maçoneria, praticar a mais sã moral, e soccorrer seus I.·.

P. Quantas luzes tendes?

R. Tres vezes nove.

P. Que representão ellas?

R. As alampadas inextinguiveis collocadas na abobada secreta.

P. Por que razão o nome de abobada secreta na abertura se muda no de abobada sagrada, no encerramento?

R. Por que collocado o deposito, ella só he conhecida debaixo deste ultimo titulo.

P. Onde viajão os Grandes Eleitos?

R. Por todas as partes da terra para espalharem a verdadeira sciencia.

P. Que idade tendes?

R. Nove annos.

P. Por que razão o numero oitenta e hum he honrado entre nós?

R. Porque de todos os numeros he este o que offerece mais combinações Maçonicas, e porque nos termos da arte, elle he o triplo do cubo ou o maior quadrado.

ENCERRAMENTO.

P. Donde vindes?

R. Fui procurar.

P. E que trazeis?

R. O deposito precioso.

P. Onde o puzestes?

R. Em hum lugar secreto e impenetravel.

P. Como conseguistes chegar ali?

R. Por tres, cinco, sete, e nove.

P. Para que serve este deposito?

R. Para tornar a achar, no caso de alteração, os verdadeiros caracteres da palavra innominada e todas as palavras secretas da Maçoneria.

P. Que levais daqui?

R. O premio do meu zelo, e hum maior desejo de exerce-lo.

P. E qual he o objecto?

R. A gloria do Grande Architecto do Universo.

P. Que idade tendes?

R. Nove annos.

P. Que horas são?

R. Meia noite, hora de encerrar nossos trabalhos.

O Muito-Grande.—Como he meia noite, &c. vão ser encerrados.

O 2° Vig.·.—II.·. Grandes Officiaes Sublimes Mestres, previno-vos que o Muito-Grande vai encerrar a Sublime Loja dos Grandes Eleitos no Capitulo de****, pelos numeros costumados, e que a abobada sagrada vai fechar-se.

(Depois do annuncio, o Muito-Grande diz:)

O Muito Grande — A mim, meus II.·.

(Todos os II.·., guiados pelo Muito-Grande, fazem o sinal de facha, e applaudem por tres, cinco, sete, e nove, seguido pelo triplice *houzé*.

A bateria dada como na abertura, o Muito-Grande diz.)

O Muito-Grande — II.·. 1° e 2° VV.·., &c.... segunda ordem.

(Os VV.·. repetem o annuncio dizendo:)

2° Vig.·. — II.·. Grandes Officiaes Sublimes Mestres, previno-vos que a abobada sagrada está fechada, e os trabalhos dos Grandes Eleitos no Capitulo****, na sua segunda ordem.

TERCEIRA ORDEM.

GRAO

DE CAVALHEIRO D'ORIENTE.

REGULADORES

DOS

GRAOS MYSTERIOSOS.

TERCEIRA ORDEM.

Cavalheiro d'Oriente.

SEGUNDO GENERAL.

SALA DO ORIENTE.

ABERTURA.

(O Soberano Mestre dá huma pancada, e sauda a todos os Cavalheiros, que guiados pelos Generaes, respondem pondo a mão direita sobre o coração, e inclinando o corpo.

Depois o Soberano Mestre diz:)

P. Primeiro General, qual he o primeiro dever de hum verdadeiro Cavalheiro?

R. Soberano Mestre, he precaver á segurança do Conselho, e a que nelle só possão entrar Cavalheiros.

Soberano Mestre. — 1° e 2° Generaes, inspeccionai.

(Os dous Generaes vão examinar as portas da Torre, e vêem se os Guardas estão vigilantes. Voltão depois aos seus lugares, e então o 2° General diz ao 1° General:)

2° Gen.·. — 1° Gen.·., as guardas cercão o Palacio, o Conselho está em segurança.

P. Basta isto?

R. He necessario ainda saber se todos os que aqui estão são dignos de assistirem ao Conselho.

O Soberano Mestre. — Certificai-vos, 1° e 2° Generaes.

(Certificão-se, e o 2° Gen.·. dá conta ao 1° Gen.·. dizendo:)

2° Gen.·. — 1° General, todos os membros presentes são bons Cavalheiros.

(O 1° Gen.·. annuncia.
O Sob.·. Mes.·. diz:)

P. Em que tempo estamos?

R. Na revolução das dez semanas d'annos de cativeiro.

O Sob.·. Mes.·. — 1° e 2° Gen.·., como he assim, annunciai que o Conselho vai abrir-se.

(O 1° Gen.·. tendo repetido o annuncio, o 2° diz:)

O 2° Gen.·. — Cavalheiros, o Soberano Mestre vos previne que o Conselho vai abrir-se.

(O Sob.·. Mes.·. bate sete pancadas com os copos da espada, por cinco e dous.

Os Generaes repetem a bateria.)

O Sob.·. Mes.·. — A mim, Cavalheiros.

(Todos os II.·., guiados pelo Sob.·. Mes.·., applaudem, e dizem juntos huma só vez: *Honra aos Cavalheiros!*)

O Sob.·. Mes.·. — O Conselho está aberto, &c.... terceira ordem.

(O 1° Gen.·. repete o annuncio.)

O 2° Gen.·. — Cavalheiros, o Conselho está aberto, e os trabalhos do Capitulo de****, na sua terceira ordem.

(O Sob.·. Mes.·. bate e diz:)

Sob.·. Mes.·. a vossos lugares, Cavalheiros.

(Os Generaes repetem o annuncio.

O Sob.·. Mes.·. depois de ter dito: *Acabe o cativeiro*, abaixa a ponta da sua espada, e a levanta com velocidade para significar *Liberdade.*

Os dous Generaes dirigindo os Cavalheiros apresentão a ponta das suas espadas, abaixando-a para o chão, em signal de adhesão, levantando-as depois com velocidade.

Os Cavalheiros, guiados pelo Sob.·. Mes.·., tomão os seus lugares.)

RECEPÇAÕ.

(Hum dos guardas da Torre diz ao 2° General:)

Hum homem de luto, &c.... o Conselho.

(O 2° Gen.·. diz ao 1° Gen.·.)

O 2° Gen. —1° Gen.·., hum homem de luto quer penetrar no Conselho.

(O 1° Gen.·. o diz ao Sob.·. Mes.·., que diz:)

O Sob.·. Mes.·. — Informai-vos &c.... huma exacta conta.

(O 1° Gen.·. tendo repetido o annuncio, o 2° Gen.·. diz aos guardas da Torre:)

O 2° Gen.·. — Informai-vos quem he elle, tomai as maiores precauções, e dai-me huma exacta conta.

(Hum dos guardas da Torre faz o seu relatorio ao 2° Gen.·., que diz:)

2° Gen.·. — 1° Gen.·., Zorobabel cativo, o primeiro entre seus iguaes, quer comparecer perante o Trono; e vem sollicitar da clemencia do Soberano Mestre, a liberdade para os compatriotas, e a permissão de reedificar o Templo do Grande Architecto

O Sob.·. Mes.·. — Pois que justos motivos, &c. seja concedida.

(O 1° Gen.·. diz ao 2°, e este dirigindo-se aos Cavalheiros da sua columna, lhes diz:)

O 2° Gen.·. — Cavalheiros, (*e depois voltando para os guardas da Torre, continua:*) O Sob.·. Mes.·. permitte ao cativo que appareça com a face descoberta.

(O Sob.·. Mes.·. diz:)

O Sob.·. Mes.·.—Generaes e Cavalheiros, tanta força, &c.... Sois de voto que seja posto em liberdade?

(Os Cavalheiros, guiados pelos Generaes, dão com as espadas o sinal de consentimento.)

SALA DO OCCIDENTE.

(O Recipiendario bate á porta por tres, cinco, sete, e nove.

O 2° Vig.·., prevenido pelo I.·. Cobridor que se bate como Grande Eleito, dá sete pancadas com os copos da espada, que sendo repetidas pelo 1° Vig.·. e o Muito Illustre Mestre, diz ao 1° Vig.·.:)

O 2° Vig.·.—Illustre 1° Vig.·., bate-se á porta como Grande Eleito Escocez.

(O Muito Illustre Mestre diz ao 1° Vig.·., que o repete ao 2°, e este ao I.·. Cobridor.)

O 2° Vig.·.— Vêde quem bate.

(Depois da resposta do I.·. Experto, o 2° Vig.·. diz ao 1° Vig.·.)

O 2° Vig.·. — Illustre 1° Vig.·., he hum de nossos II.·. cativos que traz a noticia da sua liberdade.

(Com ordem do Muito Illustre, o 1° Vig.·. diz ao 2° Vig.·., e este ultimo ao I.·. Experto:)

2° Vig.·. — Perguntai-lhe seu nome, qual he o seu Paiz, sua idade, e que novidade traz.

(O I.·. Experto dá conta ao 2° Vig.·., que diz ao 1° Vig.·.:)

O 2° Vig.·. — Zorobabel, do paiz além do Rio, ao Occidente d'Assyria, d'idade de dez semanas d'annos, traz a noticia da liberdade, e a permissão da reconstrucção do Templo.

(Depois das perguntas do costume, o Muito Illustre Mestre diz:)

O Muito Illustre Mestre. — Penso que Zorobabel he digno de ser admittido entre nós. consentis?

(Os Cavalheiros, guiados pelos VV.·., fazem o sinal de consentimento, o braço extendido na altura do hombro, e a mão levantada.)

SEGUNDA ENTRADA.

(O Mestre de Ceremonias bate como Cavalheiro sete pancadas com o pé sobre o pavimento. Os VV.·. annuncião conforme o uso.
O Muito-Illustre Mestre diz :)

O Muito-Illustre Mestre. — Vêde quem bate.

(O 1° Vig.·. o diz ao 2° Vig.·. que depois de se ter certificado, lhe diz :)

2° Vig.·. — He o Recipiendario que quer entrar.

(Depois do discurso e instrucção, o Muito-Illustre Mestre faz a proclamação. Os dous VV.·. a repetem.)

O 2° Vig.·. — Cavalheiros, reconhecereis para o futuro o I.·. N. . . ., por membro do Conselho dos Cavalheiros do Oriente do Capitulo de * * * * na sua terceira ordem.

(Feita a proclamação, o Muito-Illustre Mestre diz :)

O Muito-Illustre Mestre. — Illustres II.·. VV.·.,

II.·. Cavalheiros, consentis que Zorobabel presida a nossos trabalhos?

(Todos os Cavalheiros, guiados pelos VV.·., fazem com as suas espadas o sinal de consentimento.)

INSTRUCÇÃO.

P. Sois Cavalheiro?

R. Recebi este caracter.

P. Fazei-vos conhecer melhor.

R. Começai, e acabarei.

P. Judas.

R. Benjamim.

P. Como chegastes a este gráo?

R. Pela humildade e paciencia.

P. A quem vos dirigistes?

R. A'quelle de quem dependia a nossa libertação.

P. Concedeu elle o vosso pedido?

R. Depois de me ter experimentado, concedeu-me a liberdade e a todos os meus II.·., e me honrou com o titulo de Cavalheiro do Oriente.

P. Que fizestes depois de ter obtido a liberdade?

R. Retirei-me para a minha Patria, a fim de nella achar o resto dos meus II.·.

P. Onde vos recebêrão elles?

R. Em hum Conselho reunido sobre as ruinas do Templo.

P. Como estava illuminado o Conselho?

R. Com dez grupos de sete luzes.

P. Que significa este numero de luzes?

R. O tempo do cativeiro.

P. Qual era a vossa obra?

R. Trabalhar na reedificação do Templo do Grande Architecto.

P. Como tendes ali trabalhado?

R. Com a espada em huma mão, e a trolha na outra.

P. Por que plano foi reconstruído o Templo?

R. Pelo plano do Templo destruido.

P. Onde se forão buscar os materiaes?

R. As pedras forão tiradas das pedreiras de Tyro, e as madeiras das florestas do Libano, por ser necessario que o Templo se assemelhasse em tudo ao primeiro.

P. Que applicação se deve fazer?

R. Que a Maçonaria deve ser unica, e não póde soffrer mudança alguma sem alterar os seus principios.

P. Que forma tinhão as cadêas dos captivos?

R. Erão triangulares.

P. E porque?

R. Os vencedores, conhecendo o respeito que os vencidos consagravão ao Delta, derão esta forma ás cadêas para mais mortifica-los.

P. Que significão as palavras de reconhecimento?

R. O nome da classe dos que trabalhão na reedificação.

P. Porque temos adoptado a côr verde mar?

R. Em memoria do acontecimento, por gratidão, e na esperança do restabelecimento.

P. Em que estado achastes os Maçons quando chegastes ás ruinas do Templo?

R. Em luto e abatimento, estado de todas as Lojas entregues á confusão e á desordem.

P. Que significão as columnas lançadas por terra, os instrumentos e os moveis fóra de seus lugares?

R. Que toda a Loja composta d'Irmãos indiscretos e viciosos perde a harmonia, seu principal ornamento, e não pode tardar a destruir-se.

P. Que significão os obstaculos encontrados na passagem da ponte?

R. O desejo ardente que deve ter todo o bom Maçon d'instruir-se, e as difficuldades que deve esforçar-se a vencer, para chegar á descoberta da verdade.

P. Que significa a resistencia que fizerão os novos constructores contra seus inimigos, durante o tempo da reedificação?

R. Os esforços com que todo o Maçon deve oppôr-se á introducção dos vicios e abusos.

P. Que arte professais?

R. A Maçoneria.

P. Que Edificios construis?

R. Templos e Tabernaculos.

P. Em que lugar os edificais?

R. Por falta de terreno, nós os edificamos no coração.

P. Que idade tendes?

R. Dez semanas d'annos.

ENCERRAMENTO.

P. I.·. 1° Vig.·., quem sois?

R. Maçon livre e Cavalheiro.

P. Como trabalhais?

R. Com a espada em huma mão, e a trolha na outra.

P. D'onde vindes ?

R. Do Oriente.

P. Que trazeis ?

R. A liberdade de trabalhar.

P. Qual he a vossa obra ?

R. Restabelecer o Templo do Grande-Architecto.

P. Que idade tendes ?

R. Dez semanas d'annos.

P. Em que tempo estamos ?

R. No instante da reedificação.

O muito-Illustre Mestre. — Como o tempo está, &c..... terceira ordem.

(Os VV.∴ repetem o annuncio.)

O 2° Vig.∴ — Cavalheiros, o Conselho dos Cavalheiros vai fechar-se e os trabalhos do Capitulo de ****, na sua terceira ordem.

(O Muito-Illustre-Mestre diz :)

O Muito-Illustre-Mestre. — A mim, meus II.∴.

(Todos os Cavalheiros, guiados pelo Muito-Illustre Mestre, fazem o sinal, e applaudem por cinco, e dous, e dizem huma vez : *Honra aos Cavalheiros!*

O Muito-Illustre Mestre bate com os copos da espada por cinco e dous, repetidos pelos VV.∴, e diz:)

O Muito-Illustre-Mestre. — O Conselho está fechado, &c..... terceira ordem.

(Os VVig.∴ repetem o annuncio.)

O 2° Vig.∴ — Cavalheiros, o Conselho está fechado, e os trabalhos do Capitulo de ****, na sua terceira ordem.

(O Muito-Illustre-Mestre bate huma pancada, e todos se retirão em paz.)

QUARTA ORDEM.

GRÁO

DE ROZA-CRUZ.

REGULADORES

DOS

GRAOS MYSTERIOSOS.

QUARTA ORDEM.

Roza-Cruz.

EXCELLENTE E PERFEITO SEGUNDO VIG.·.

ABERTURA.

(O Muito-Sabio bate huma pancada que he repetida pelos VV.·., e diz:)

O Muito-Sabio.—Muito Excellentes e Perfeitos II.·., ajudai-me a abrir o Capitulo de Roza-Cruz.

(Os VV.·. repetem o convite, dizendo cada hum na sua respectiva columna:)

2° Vig.·.—Muito Excellentes e Perfeitos II.·.,

ajudemos o Muito-Sabio a abrir o Capitulo de R.·. †.

(Depois o Muito-Sabio diz:)

P. Muito-Excellente e Perfeito I.·. 1° Vig.·., qual he o vosso dever?

R. Muito-Sabio, he saber se o Capitulo está bem coberto, e se todos os II.·. presentes são Cavalheiros R.·. †.

O Muito-Sabio. — Muito-Excellentes e Perfeitos II.·. 1° e 2° VV.·., certificai-vos.

(O 2° Vig.·. toma os sinaes, palavras e toque, e a palavra de passe do Mestre de Ceremonias, e depois diz:)

O 2° Vig.·. — Vêde, Muito-Perfeito I.·., se o Capitulo está bem coberto.

(O Mestre de Ceremonias sahe para executar a ordem, e quando entra, dá conta do que achou ao 2° Vig.·.

Ao mesmo tempo os VV.·., cada hum na sua columna vão tomar aos II.·. as palavras, sinaes, e toque do grao; e quando voltão aos seus lugares, dão conta ao Muito-Sabio por meio do 1° Vig.·. que diz:)

O 1° Vig.∴ — Muito-Sabio, todos os II.∴ presentes são Cavalheiros R.∴ †.

(O Mestre de Ceremonias logo que entra, dá conta ao 2° Vig.∴ que bate huma pancada de malhete sobre o do 1° Vig.∴, e lhe diz:)

O 2° Vig.∴ — Muito-Excellente e Perfeito I.∴ 1° Vig.∴, o Capitulo de R.∴ † está bem coberto.

(O 1° Vig.∴ dá huma pancada sobre o malhete do 2° Vig.∴; e depois que o Muito-Sabio a repetio, o 1° Vig.∴ lhe diz:)

O 1° Vig.∴ — Muito-Sabio, o Capitulo de R.∴ † está bem coberto.

P. Muito Excellente e Perfeito I.∴ 1° Vig.∴, que horas são?

R. He o instante em que o véo do Templo se rompeu; que as trevas se espalhárão sobre a superficie da terra; que a luz se obscureceu; que as columnas e as ferramentas da Maçoneria forão quebradas; que a Estrella flammejante desappareceu; que a pedra cubica suou sangue e agua, e que a palavra se perdeu.

O Muito-Sabio. — Como a Maçoneria, &c.... Capitulo de R.∴ †.

(Os VV.∴, cada hum na sua Columna, dizem:)

Os VV.∴ — Muito-Excellentes e Perfeitos, II.∴ Cavalheiros, o Muito-Sabio vai abrir o Capitulo de R.∴ ✝; reunamo-nos a elle.

(O Muito-Sabio bate sete pancadas por seis, e huma separada.

O 2° Vig.∴ repete a bateria.

O Muito-Sabio, depois de ter feito o sinal, &c. diz:)

O Muito-Sabio. — O Capitulo de R.∴ ✝ está aberto, e os trabalhos do Capitulo de****, na sua quarta ordem.

(Os VV.∴ repetem o annuncio.

Applaude-se por sete, dizendo outras tantas vezes *houzé* (*).

O Muito-Sabio dá huma pancada repetida pelos VV.∴, e todos os II.∴ tomão seus lugares sobre banquetas da altura de hum escabello.)

(*) Não deve bater-se nas mãos na primeira Camara.

RECEPÇAÕ.

(O Muito-Sabio diz:)

P. Muito-Excellente e Perfeito I.·. 1° Vig.·. qual he o objecto da nossa reunião?

R. Muito-Sabio, a propagação da Ordem, e a perfeição de hum Cavalheiro do Oriente que pede ser admittido entre nós.

(O Mestre de Ceremonias, acompanhado do Recipiendario, bate como Cavalheiro do Oriente.

O 2° Vig.·., depois de avisado pelo I.·. Experto, diz ao 1° Vig.·.)

2° Vig.·. — Muito-Excellente e Perfeito I.·. 1° Vig.·., bate-se á porta do Capitulo como Cavalheiro do Oriente.

(O 1° Vig.·. diz o mesmo ao Muito-Sabio, que lhe responde:)

O Muito-Sabio. — Fazei ver quem bate.

(O 1° Vig.·. o diz ao 2°, e este diz ao I.·. Experto:)

2° Vig.·. — Vêde quem bate.

(O I.·. Experto pergunta ao Recipiendario:)

P. Que quereis?

(O Mestre de Ceremonias responde:)

R. He hum I.·. Cavalheiro do Oriente, &c.... tornar a acha-la.

(O I.·. Experto o diz ao 2° Vig.·., e este ao 1° Vig.·.)

O 1° Vig.·. — Muito-Sabio, he hum I.·. Cavalheiro do Oriente, errante nos bosques e montanhas, que perdeu a palavra na segunda destruição do Templo, e que deseja com o vosso socorro tornar a acha-la.

(O 1° Vig.·. o diz ao Muito-Sabio que responde:)

O Muito-Sabio. — Franqueai-lhe a entrada.

(A ordem executada, e o Recipiendario collocado entre os dous VV.·., o 1° Vig.·. dá huma pancada que repete o 2° Vig.·. e o Muito-Sabio, e depois diz a este ultimo:)

O 1° Vig.·.—Muito-Sabio, eu vos apresento hum Cavalheiro do Oriente que procura a palavra.

(As viajens terminadas, e o Recipiendario collocado entre os VV.·., o 1° Vig.·. bate e diz:)

O 1° Vig.·.—Muito-Sabio e Perfeito Mestre, o Recipiendario acabou as suas viajens.

(Depois do juramento e de estar vestido o Recipiendario, o Muito-Sabio faz aos VV.·. as seguintes perguntas:)

P. Qual he o motivo da nossa reunião?

R. Muito-Sabio e Perfeito Mestre, a pedra cubica derrama sangue e agua, pela relaxação dos Maçons em suas obras, e pelo successo da Maçoneria exposta sobre o cume de huma alta montanha.

P. Que significa este mysterio?

R. A perda da palavra, que com vossa ajuda esperamos tornar a achar.

P. O que he necessario para conseguí-lo?

R. Abraçar a nova Lei; estar plenamente convencido das tres virtudes que são suas columnas, base, e principios.

P. E quaes são ellas?

R. Fé, Esperança, Caridade.

P. Como acharemos nós estas tres columnas?

R. Viajando e errando na obscuridade a mais profunda.

(Todos os II.·. viajão em silencio, segundo suas cathegorias, e fazem sete vezes o giro do Capitulo.

No terceiro giro, o Muito-Sabio entra na Camara encarnada.

No quarto giro, os VV.·., e depois os outros.

Quando todos os Cavalheiro tiverem entrado na Camara encarnada, o Mestre de Ceremonias faz bater ao Recipiendario sete pancadas como Cavalheiro R.·. †.

O 2° Vig.·. dá huma pancada de malhete, repetida pelo 1° Vig.·., a quem elle diz:)

O 2° Vig.·. — Muito-Excellente e Perfeito I.·. 1° Vig.·., bate-se á porta do Capitulo, como Cavalheiro R.·. †.

(Depois de se estar certificado conforme o uso, o 2° Vig.·. diz ao 1° Vig.·.)

O 2° Vig.·. — Muito-Excellente e Perfeito I.·. 1° Vig.·., he hum Cavalheiro que depois de ter

percorrido os espaços mais profundos, espera dar-vos a palavra como fructo dos seus trabalhos.

(O 1° Vig.·. o diz ao Muito-Sabio, que lhe diz:)

O Muito-Sabio.— Seja introduzido no Occidente, e nós o interrogaremos.

(Executada a ordem conforme o uso, e o Recipiendario collocado entre os dous VV.·., o 2° Vig.·. diz ao 1° Vig.·.)

O 2° Vig.·. — Muito-Excellente e Perfeito I.·. 1° Vig.·., eis hum Maçon que vem ajudar-nos a achar a palavra perdida, e que deseja ser perfeito Maçon.

(Depois das perguntas do costume, o Muito-Sabio diz:)

O Muito-Sabio.·. Meus II.·., recobrou-se a palavra; e por isso seja-lhe concedida a luz.

(Os VV.·. tirão promptamente o véo de que estava coberto o Recipiendario.

Depois que o Recipiendario tiver recebido do Muito-Sabio as instrucções que deve ter, e

que se achar collocado entre os VV.·., o Muito-Sabio faz a proclamação.

Os VV.·. a repetem dizendo:)

Os VV.·.—Muito-Excellentes e Perfeitos II.·. Cavalheiros, reconhecereis para o futuro o I.·. N...., na qualidade de Cavalheiro da Aguia, Perfeito Maçon livre, com o titulo de R.·. †, membro do Soberano Capitulo de**** na sua quarta ordem.

(Todos os II.·., guiados pelo Muito-Sabio, applaudem por sete, dizendo outras tantas vezes *houzé*.)

INSTRUCÇÃO.

P. Sois R.·. †?

R. Muito-Sabio e Perfeito Mestre, tenho essa fortuna.

P. Onde fostes recebido?

R. Em hum Capitulo onde reinavão a decencia e a humildade.

P. Quem vos recebeu?

R. O mais humilde de todos.

P. Que entendeis por esta palavra?

R. Que nas nossas reuniões só nos distinguimos pela humildade e obediencia.

P. Como fostes recebido?

R. Com todas as formalidades requeridas em tão grande objecto.

P. Como fostes apresentado em Capitulo?

R. Com todos os meus sentidos, e de minha plena vontade.

P. Que vistes quando entrastes?

R. Minha alma ficou extasiada ao aspecto do que vi; o silencio, a situação dos Cavalheiros, tudo me fez conceber huma grande idéa do que ia saber.

P. Que fizerão de vós depois da introducção?

R. Fizerão-me viajar.

P. Que aprendestes nas vossas viajens?

R. Vi os tres sustentaculos do nosso Edificio; ensinárão-me os seus nomes que repeti, e que para sempre gravei em meu coração.

P. Quaes são estes nomes?

R. Fé, Esperança, Caridade.

P. Logo que acabárão as vossas viagens, os vossos trabalhos ficárão perfeitos?

R. Não; o Muito-Sabio ordenou me conduzissem aos pés daquelle perante quem tudo se prostra, para ali prestar o meu juramento.

P. E como o prestastes?

R. No mais respeitoso estado, o coração

penetrado de quanto dizia, e na firme resolução de observar restrictamente tudo quanto tinha promettido.

P. Que fizerão de vós ao depois?

R. Revestirão-me com os sinaes de dôr e de arrependimento; ensinárão-me a significação de cada cousa, e em memoria do que a fazia; depois todos os Cavalheiros fizerão huma viajem commemorativa, a qual nos fez passar da tristeza á alegria logo percorremos obscuros caminhos, tenebrosos e cheios de horror: mas a firmeza com que cada hum de nós supportou as fadigas, nos adquirio a recompensa que desejavamos.

P. Que procuraveis nesta viajem?

R. A verdadeira palavra perdida pela relaxação dos Maçons.

P. Tornastes a acha-la?

R. A nossa perseverança nos fez recobra-la.

P. Quem vos deu a palavra?

R. Não he permittido a ninguem dar-nos a palavra; mas tendo reflectido no que vi e ouvi, achei-a por mim mesmo, com ajuda daquelle que he seu autor.

P. Dai-ma.

R. Não posso. Interrogai-me sobre as mi-

nhas viagens, meu nome, meu paiz, e diligenciai fazer como eu fiz.

P. Donde vindes?

R. Da Judéa.

P. Por que cidade passastes?

R. Por Nazareth.

P. Quem vos conduzio?

R. Raphael.

P. De que tribu sois?

R. De Judas.

P. Nada coligi das vossas respostas, meu Irmão.

R. Fazei como eu fiz; ajuntai as letras iniciaes de cada palavra, e achareis o objecto de nossas viagens e de nossos mysterios.

P. J.

R. N.

P. R.

R. J.

P. Nada mais vos derão?

R. A palavra de passe, que he E.·., sinaes, e hum toque para fazer-me reconhecer.

P. Dai-me o primeiro sinal.

R. (Faz o sinal.)

P. Dai-me a resposta.

R. (Dá-lha.)

P. Dai-me o toque.

R. (O que o recebeu diz: He justo, Muito-Sabio.)

P. Qual he a ordem do gráo?

R. O bom Pastor.

P. Que fizerão de vós depois de vos terem dado os meios de fazer-vos reconhecer?

R. O Muito-Sabio e todos os Cavalheiros, me constituirão Cav.·. da Aguia, Perfeito Maçon livre, debaixo do titulo de R.·. †; condecorárão-me com a fita encarnada e com a joia; e depois de me terem feito conhecer a todos os Cavalheiros, tomei lugar no Capitulo.

P. Que se fez depois?

P. O Muito-Sabio nos fez huma exhortação; tratou dos negocios do Capitulo da maneira costumada, e todos os Cavalheiros se retirárão em paz.

ENCERRAMENTO.

(O Muito-Sabio dá sete pancadas de malhete, repetidas pelos VV.·.

Todos os Cavalheiros estão em pé, e á ordem.)

P. Muito Excellente e Perfeito I.·. 1° Vig.·., que horas são?

R. Muito-Sabio, he a hora do Perfeito Maçon.

P. Qual he a hora do Perfeito Maçon?

R. He o momento em que se recobrou a palavra; que a pedra cubica se mudou em roza mystica; que a Estrella flammejante tornou a apparecer em todo o seu esplendor; que nossas ferramentas retomárão a sua forma; que a luz se mostrou a nossos olhos com todo o seu brilhantismo; que as trevas se dissipárão, devendo a nova Lei Maçonica reinar d'ora em diante em nossos trabalhos.

O Muito-Sabio.—Sigamos pois esta Lei, &.. ferio nossos olhos.—Muito-Excellentes e Perfeitos II.·. 1° e 2° VV.·., annunciai que o Capitulo vai fechar-se.

(Os VV.·. fazem o annuncio, dizendo:)

Os VV.·. — Muito-Excellentes e Perfeitos II.· Cavalheiros, vai fechar-se o Capitulo de R.·. †.

O Muito-Sabio.—Muito-Excellentes e Perfeitos II.·. Cavalheiros, o Capitulo de R.·. †, e os trabalhos do Soberano Capitulo de****, na sua quarta ordem, estão fechados. Façamos o nosso dever.

(Todos os II.·. fazem o 2° sinal, depois huma genuflexão, guiados pelo Muito-Sabio, e dizem sete vezes *houzé.*)

NOTA. Os Cavalheiros esperão em silencio que os venhão advertir para a ceremonia do Banquete, se o houver.

FIM DO CADERNO DE SEGUNDO VIGILANTE.

Rio de Jan. Typ. Imp. e C. de Seignot-Plancher e C. 1834.

REGULADORES
DO
Rito Francez.

GRÁOS MYSTERIOSOS.

ORADOR.

Rio de Janeiro.

1834.

REGULADORES

DO

Rito Francez.

GRÁOS MYSTERIOSOS.

ORADOR.

TYP. IMP. E CONST. DE SEIGNOT-PLANCHER E C^a,
Rua d'Ouvidor, N. 95.

REGULADORES

DOS

GRÁOS MYSTERIOSOS,

OU DAS

QUATRO ORDENS SUPERIORES

do Rito Francez.

QUARTA PARTE.

ORADOR.

RIO DE JANEIRO.

1834.

PRELADORES

DOS

QUATRO ORDENS SUPERIORES,

OU SEJA

QUARTA PARTE.

ORADOR.

RIO DE JANEIRO.

1854.

PRIMEIRA ORDEM.

GRÃO

DE ELEITO SECRETO.

REGULADORES
DOS
GRAOS MYSTERIOSOS.

PRIMEIRA ORDEM.

Grão de Eleito Secreto.

ORADOR.

DISCURSO HISTORICO.

Acabada a pompa funebre, e principiados de novo os trabalhos, tratou logo Solomão de descobrir os assassinos de Hiram, para os fazer experimentar huma punição proporcionada ao seu crime.

A ausencia dos tres Companheiros, e as suas ferramentas, instrumentos de seus attentados, nenhuma duvida deixavão á cerca dos criminosos. O mais velho dos tres, como o mais culpado, foi designado especialmente pelo nome in-

fame de *Abibalk* (parricida). Hum homem desconhecido se veio apresentar á porta do palacio, e tendo-se feito introduzir secretamente na camara do Rei, revelou-lhe o lugar em que se achavão escondidos os assassinos.

Solomão não quiz confiar a estranho algum huma commissão tão delicada, e reunindo durante a noite o Conselho extraordinario dos Mestres, declarou-lhes que d'entre elles precisava nove para huma commissão importante que exigia coragem e actividade; que elle conhecia o seu zelo e desvelo; que a nenhum queria mostrar preferencia; que só a sorte decidiria, e que o primeiro que ella designasse, seria o chefe da empreza. Fez depois lançar todos os nomes n'hum escrutinio. O primeiro nome que sahio foi de Joaben, e foi este o chefe da empreza. Os outros oito forão eleitos successivamente.

Solomão despedio os Mestres, conservando junto a si os nove Eleitos. Retirou-se com elles ao lugar mais recondito dos trabalhos, e ali lhes expôz a descoberta que acabava de fazer; e concertou com elles as medidas que devião tomar-se para assegurar hum exito feliz. Os Eleitos prestárão juramento de vingar a morte

de Hiram. Tomárão por palavra de reconhecimento o nome do mais criminoso, e sahirão da Cidade antes de romper o dia, a fim de não serem vistos por pessoa alguma, marchando sempre por circuitos e paizes pouco trilhados, e conduzidos pelo desconhecido. Chegárão a 27 milhas de Jerusalem, do lado de Jappa, junto a huma caverna perto do mar, chamada a Caverna de Ben-acar (filho da esterilidade, ou lugar esteril) onde Abibalk, matador do pai, e os seus cumplices vinhão esconder-se. Quasi no fim do dia avistárão dous homens, que com passos precipitados marchavão para a caverna. Bem depressa forão reconhecidos por criminosos, porque apenas descobrirão a tropa, largárão a fugir a travez dos rochedos, e se precipitárão n'hum abismo, onde os Mestres os encontrárão expirando. Joaben, hum pouco desviado dos seus camaradas, reconheceu o caminho do desconhecido, o qual se dirigia para a caverna, guiando-se pelas pegadas de quem antes havia por ali passado. Este zeloso Maçon ali correu só, e penetrou por huma descida escabrosa de nove degráos, cortada na rocha. Ajudado pela luz de huma lampada, avistou o traidor que acabava de entrar e se dispunha ao re-

pouso. Este desgraçado, ao ver o Mestre que logo reconheceu, sacrificou-se a si mesmo, enterrando hum punhal no coração. Joaben se apoderou do punhal do traidor, e sahio da caverna victorioso. Ao sahir, percebeu huma fonte de agoa que rebentava d'entre os rochedos e ali correu para refrescar-se e acalmar a sua agitação. Os Eleitos resolvêrão deixar o corpo expôsto ás bestas ferozes, apoderárão-se das cabeças dos tres sceleraḍos, e puzerão-se a caminho logo que o sol tramontou. Chegárão nessa mesma noite a Jerusalem, onde surprehendêrão agradavelmente Solomão dando-lhe conta da sua expedição. Testemunhou este aos nove Mestres toda a sua satisfação, e quiz que tivessem o nome distinctivo de Eleitos. Juntou-lhes mais seis Mestres que não tinhão feito parte da expedição; o que elevou o numero dos Eleitos a quinze em lugar de nove que erão no principio. Obtiverão por marca de condecoração huma granda facha preta que lhes passava da espadua esquerda ao quadril direito, e da extremidade da qual pendia hum punhal de ouro. As palavras de reconhecimento e os sinaes forão analagos á acção que acabavão de praticar. Com o andar do tempo veio a ser

o seu emprego a inspecção geral, a que os tornava proprios o ardor e a severidade de que havião dado provas. Quando se tratava de processar ou de pronunciar sobre a sorte de algum Maçon, o Rei os convocava extraordinariamente em hum lugar secreto.

O desconhecido, que não passava de pastor, foi amplamente recompensado. Entrou no numero dos Maçons, e com o tempo e quando se achava já sufficientemente instruido chegou a ser Eleito. As cabeças dos scelerados ficárão expostas por tres dias no interior das obras, com o instrumento que tinha servido ao seu attentado: no fim desse tempo forão consumidas pelo fogo, as suas cinzas lançadas ao vento, e suas ferramentas despedaçadas.

O crime e a punição ficárão em segredo.

Solomão quiz que tudo ficasse concentrado entre os Maçons.

Terminada a vingança se curou de pôr fim á sua obra.

SEGUNDA ORDEM.

GRAO D'ESCOCEZ.

SECUNDA ORDEM.

GRAO DESCOGEZ.

REGULADORES
DOS
GRAOS MYSTERIOSOS.

SEGUNDA ORDEM.

Grão d'Escocez.

ORADOR.

DISCURSO HISTORICO.

Punidos os assassinos, estavão concluidos os trabalhos, e só restava ao grande Rei depositar em hum lugar seguro o verdadeiro nome do Gr.·. Ar.·. do U.·., cujos caracteres erão conhecidos desde a sua apparição no monte Horeb, sobre hum triangulo radiante.

Sua pronunciação era ignorada pelo povo; ella se transmittia huma vez por anno; o grande-Sacerdote pronunciava este nome soletrando-o, cercado de todos aquelles que tinhão direi-

to a ouvi-lo. Durante esta ceremonia, ordenava-se ao povo que fizesse grande bulha, para que a palavra não fosse ferir os ouvidos de quem a não devesse conhecer.

Solomão julgou dever deposita-la em hum subterraneo do Templo, como hum typo immutavel. Tinha feito construir debaixo da parte mais mysteriosa do Templo huma abobada secreta no meio da qual collocou hum pedestal triangular, a que deu o nome de pedestal da sciencia; descia-se a ella por huma escada de 24 degráos dividida em patamares de 3, 5, 7, e 9. Esta abobada secreta só era conhecida de Solomão e dos Mestres que nella tinhão trabalhado.

Hiram gravou a palavra sobre hum triangulo do mais puro metal; mas receando perde-la a trazia sempre ao pescoço, com a gravura do lado do peito e o reverso para fóra offerecendo só huma superficie lisa, e do mais perfeito polido. Na occasião do seu assassinato, teve a felicidade de privar-se deste Delta precioso, e de lança-lo em hum poço que havia no canto do Oriente, ao Meio-dia. Solomão testemunhou o receio que tinha de que este precioso triangulo viesse a cahir em mãos profanas, e deu ordem para que fosse procurado.

Tres Mestres tiverão a felicidade de o descubrir. Passando junto ao poço pela volta do meio dia, avistárão no fundo huma cousa que reluzia. Hum delles, ajudado pelos seus camaradas, desceu ao poço, e ali encontrou o objecto de suas pesquizas. Cheios de prazer se apresentárão a Solomão. A' vista do Delta, Solomão, dando hum passo para traz, levantou os braços ao Céo em sinal de admiração e exclamou: *El.·.!* (graças a Deos!)

Mandou chamar immediatamente os quinze Eleitos e os nove Mestres que tinhão trabalhado na construcção do Templo. Acompanhado por elles, e pelos tres que tinhão feito a descoberta, desceu á abobada secreta, fez incrustar o Delta no centro do pedestal e o cobrio com huma pedra agathe, cortada em forma triangular, e sobre a qual fez gravar, na face superior, a palavra substituida; na face inferior, todas as palavras secretas da Maçoneria; e nas quatro faces lateraes as combinações cubicas desses numeros, d'onde lhe veio o nome de Pedra cubica. Solomão fez collocar em frente tres lampadas, tendo cada huma nove torcidas que ardião perpetuamente; communicou-lhes a antiga lei que

prohibia o pronunciar o nome do Gr.·. Arch.·., e depois de haver recebido delles o juramento inviolavel de nunca revelarem o que se acabava de passar, deu-lhe o nome da abobada secreta, e fez fechar a entrada ficando o seu conhecimento só aos 27 Grandes Eleitos e seus successores. Jurárão estes entre si huma eterna alliança, e por prova desta alliança, Solomão lhes deu hum annel do mais puro metal. Subidos ao Templo, admirárão a belleza da obra, e dérão graças ao Gr.·. Arch.·. do U.·.. Morto Solomão, governárão-se por si mesmo seguindo as suas leis, e dedicados sempre á conservação da obra.

O Templo foi destruido pelos Assyrios, mas os Architectos lhe sobreviverão. Edificou-se hum novo Templo, do qual elles se encarregárão. Este segundo edificio pereceu no reinado de Tito; elles ficárão desconhecidos, mas sempre unidos, e novos trabalhos os fizerão conhecer na Palestina. Depois de huma guerra infeliz, formárão diversos estabelecimentos uteis e associações virtuosas. Por toda a parte brilhavão as suas virtudes. Na côrte, no exercito, no conselho dos Reis, no sanctuario da justiça, a sua sciencia servia para torna-los mais sociaveis

ou maîs humanos. Ligados pela fé do juramento, experimentavão as mesmas vicissitudes; erão o sustentaculo da innocencia, os vingadores do crime, as columnas dos Imperios, o flagello dos máos, e as barreiras da impiedade: tal era o objecto dos Maçons Escocezes.

A França, a Inglaterra, a Italia, a Suecia, a Palestina, a Assyria e o Egypto, são tambem outros tantos testemunhos.

A Assyria se recordará constantemente dos feitos gloriosos de hum Bohemon, e da surpreza de Antioque, tomada ao Arabe insolente.

O Egypto se recordará da sua constancia heroica.

Damas foi o baluarte de seus trabalhos.

Os desertos faráõ prova do seu saber profundo.

A Palestina e Jerusalem são testemunhas da entrada de Luiz IX.

Estes lugares virão o soldado desarmado, regar com as suas lagrimas huma terra consagrada pela presença de personagens tão illustres.

A Inglaterra e a Escocia são testemunhas dessas instituiçõcs admiraveis que honrão a virtude, extirpão o vicio, e annuncião a verdade.

A Suecia he testemunha das virtudes de Uldaric, e das dos Cav.', do seu tempo.

Os tumulos são ainda testemunhas de quantos guerreiros Maçons enterrárão comsigo no pó do feretro as marcas da sua confederação.

Quantas associações hospitaleiras devem a sua origem a nossos illustres predecessores! Na verdade dellas só vemos tristes imagens. Tal he a sorte dos estabelecimentos humanos; a mão do tempo se imprime igualmente sobre as Ordens e sobre os metaes. Disso temos hum novo exemplo na Revolução Franceza.

Vêde o que fomos e o que somos hoje.

Admittido, meu I.·., a este gráo superior, trabalhai incessantemente por descobrir a verdade, e provai aos Maçons menos instruidos, que tendes sobre elles a superioridade pelos vossos exemplos, trabalhos, e virtudes.

TERCEIRA ORDEM.

GRÃO

DE CAVALHEIRO D'ORIENTE.

REGULADORES

DOS

GRAOS MYSTERIOSOS.

TERCEIRA ORDEM.

Cavalheiro d'Oriente.

GRANDE ORADOR.

DISCURSO HISTORICO.

O Templo de Solomão e a gloria do povo que o possuia não poderão resistir ao furor dos seus inimigos. As dez tribus que compunhão o Reino de Israel havião sido vencidas, e só restavão as de Judas e de Benjamim, que se defendêrão por algum tempo, mas em fim Nabuchodonosor emprehendeu o arco de Jerusalem no decimo oitavo anno do seu reinado, e no decimo primeiro de Sedecias, vigesimo primeiro Rei da raça de David.

A Cidade Santa foi atacada e defendida com valor inaudito; o assedio foi por muito tempo porfiado e cruel; mas em fim os habitantes consumidos pela fome e fadiga, abatidas as fortificações, a despeito da vigilancia, actividade e zelo dos Maçons, foi a Cidade tomada por assalto ao decimo oitavo dia do assedio.

O inimigo se dirigio ao Templo, onde se havião refugiado os principaes da Cidade com as suas riquezas, assim como Sedecias e toda a sua casa.

Os Maçons livres tentárão huma nova defesa, porém obrigados a ceder á superioridade do numero, rendêrão-se á discrição. Apenas Nabuchodonosor soube esta noticia ordenou ao seu General Nabuzardan que destruisse o Templo desde os alicerces até ao cume, depois de haver recolhido todos os thesouros; que reduzisse a cinzas o palacio, destruisse inteiramente a Cidade, e conduzisse o Rei e o povo cativos a Babylonia (606 annos antes de J.·. C.·.).

Nabuzardan fez a sua entrada triunfante em Babylonia, arrastando apoz si todos os cativos carregados de ferros, sem exceptuar o mesmo Sedecias que morreu tres annos depois.

Erão os anneis de suas cadêas de forma triangular: assim o tinha ordenado o vencedor em ludibrio do respeito que os vencidos consagravão ao Delta.

Grande foi a dôr dos Maçons livres ao ver destruir em hum instante hum edificio, chefe d'obra da mão dos homens, e dirigido pela do Gr.·. Arch.·.; as suas lagrimas só cessárão no grande dia da sua liberdade, quando lhes foi permittido reedificar o Templo sob o modelo do antigo.

Esta graça, depois de dez semanas de annos de cativeiro, lhes foi concedida por Cyro, Principe tão conhecido pela sua humanidade como pelas suas victorias. Este conquistador, senhor de todo o Oriente, teve huma visão, em que lhe pareceu ouvir huma voz que lhe ordenava concedesse a liberdade aos cativos. Daniel, chegando a ser Grande do Imperio, lhe explicou o seu verdadeiro sentido.

Zorobabel, do sangue dos Principes de Judas, tendo obtido entrada no Conselho de Cyro, pedio o resgate da sua nação, e a permissão de reedificar o Templo segundo o plano do antigo. O Rei lhe concedeu tudo com bondade, restituio-lhe os thesouros tirados pelos

seus antecessores, honrou Zorobabel com o titulo de Cav.·. da sua ordem, e mandou que a elle e seus compatriotas se fornecesse todo o soccorro e assistencia.

Zorobabel recebeu do Grande Thesoureiro as riquezas do Templo, e fixou a sua partida para o dia que correspondia ao de 22 de Março, e chegou sem obstaculo á margem do rio que separa a Assyria da Judéa. Ali fez lançar huma ponte para passar o povo que o seguia, mas os de além mar, animados por hum sentimento de ciume, se ligárão para disputar-lhe a passagem. Este Principe, depois de hum sanguinolento combate, conseguio tornar a passagem livre. No combate, perdeu as marcas de honra que Cyro lhe havia outorgado. Armado de huma espada, que só com a vida podia perder, ajudado pelos bravos Maçons que o seguião, alcançou pôr em derrota os inimigos que com a sua fuga deixárão o caminho livre a Zorobabel e aos seus para passarem a Jerusalem.

Depois da destruição desta Cidade muitos dos seus compatriotas, escapados aos furores da guerra, estavão desprezados e miseraveis. Entre elles se achavão alguns Grandes Eleitos,

que em segredo se reunião para chorar a desgraça de seus Irmãos, e praticar as ceremonias da sua Ordem. Estes zelosos Maçons procurárão entre as ruinas, a entrada da abobada secreta que não havia sido descoberta na occasião da destruição do Templo.

Tendo achado a entrada, conseguirão chegar ao pedestal da sciencia, e descobrir a lamina de ouro debaixo da pedra cubica. Determinados a subtrah-la ao perigo que tinha corrido, despedaçárão a lamina triangular, fundirão-a, quebrárão a pedra de agathe, e transmittirão os seus mysterios sómente pela tradição. Animados pela esperança de verem hum dia renovados os seus trabalhos, continuárão a eleger hum chefe para presidir as suas assembléas.

Ananias, que então estava á sua testa, recebeu Zorobabel no seio da fraternidade, sobre as ruinas do Templo, e o declarou chefe da nação. Tratárão logo dos meios de reedificar o Templo.

Principiados os trabalhos, não tardárão a ser inquietados pelos seus inimigos, o que obrigou Zorobabel a conservar-se na defensiva, tomando partido de só fazer trabalhar com

as armas na mão, de sorte que tinhão os operários sempre em huma mão a espada e na outra a trolha.

Reedificado o Templo, recebeu a Ordem dos Architectos hum novo esplendor; mas este Templo de gloria e de paz foi de curta duração. Os Romanos vierão atacar a Judéa, tomárão e arrasárão Jerusalem, queimárão o Templo e anniquilárão a nação (70 annos antes de J.·. C.·.).

Alguns dos Architectos ficárão quasi nos mesmos lugares, onde conservárão, entre hum pequeno numero, e sob o mais austero segredo, os antigos sinaes. Tomando ainda mais precauções só admittirão aos seus conhecimentos homens escrupulosamente experimentados. Ora sob o governo dos Romanos, ora sob o dos Sarracenos, esperavão a feliz revolução que os poria de posse dos dominios de seus pais, e lhes procuraria os meios de reedificar o Templo huma terceira vez.

Mas a dispersão tinha obrigado outros Architectos a fugir para o deserto. Passado algum tempo tornárão a apparecer nas ruinas do antigo Templo, ali se reunirão sob a bandeira da caridade fraternal, e de amor da huma-

nidade, e fundárão hum hospicio no mesmo lugar onde o Templo havia sido destruido, em favor dos peregrinos que vinhão visitar as ruinas de Jerusalem. Erão no principio huma Ordem Religiosa, sujeita a votos de estreita observancia, obrigados ao celibato, e consagrados a soccorrer os pobres, tanto por meio de esmolas como pelo producto das terras que os novos senhores de Judéa lhes permittirão rotear. Tornados porém milicia religiosa, a sua espada lhes deu de direito os dominios que até então possuião de huma maneira tão precaria.

A esperança se reanimou em huns e outros, quando hum certo Pedro Ermitão, fanatico obscuro, mas emprehendedor, veio excitar essa guerra funesta, conhecida pelo nome das Cruzadas.

A esta nova, que as azas da fama bem depressa levárão ás extremidades da terra, os antigos militares retirados pela maior parte nos desertos da Thebaida, deixárão a sua solidão. Desejosos de acharem occasião de se assinalarem, não tardárão em reunir-se áquelles dos seus que tinhão ficado perto de Jerusalem. Elles os encontrárão unidos aos Architectos, tendo todos por fim, ainda que debaixo de

differentes vistas, o restabelecimento do Templo. Pondo de parte todos os prejuizos, adoptárão os mesmos costumes, e disfarçárão sob as mesmas apparencias de huma architectura especulativa, hum designio glorioso. Determinados a reunirem-se ás bandeiras dos Exercitos Cruzados, convierão em que só se submetterião aos chefes que elles mesmos tivessem escolhido.

Os Irmãos militares, como mais experimentados, forão desde logo designados. Concertárão hum formulario fixo, cujos symbolos e allegorias tomadas da construcção do Templo, os conduzissem sempre ao verdadeiro fim, e servissem ao mesmo tempo para desviar a multidão pela difficuldade das superficies, ou a assegurar os individuos pela sua constancia e submissão.

No meio de hum exercito composto de tantos milhares de individuos differentes, cercados de inimigos, mostravão-se timidos e prudentes, e para evitarem toda a surpreza, adoptárão palavras, sinaes e toques para se reconhecerem, mesmo em distancia, e preservarem os seus segredos dos acommettimentos da curiosidade, da traição, e da publicidade.

Tomárão o titulo de Maçons livres, e não

tardárão a reunir-se aos Cruzados, onde forão acolhidos, e onde bem depressa alcançárão distincção.

Os Architectos que tinhão levantado o hospicio sobre as ruinas do antigo Templo, não ficárão ociosos; deixárão hum pequeno numero dos seus occupados nas funcções hospitaleiras, tomárão armas, e sob hum chefe de partido, elevado depois a Grande-Mestre da sua ordem, reunirão-se aos Cruzados.

Depois de huma guerra funesta a tantos homens de valor, vio-se augmentar o seu numero successivamente e engrandecer-se. Chegados ao apice das riquezas e das grandezas, forão elles mesmos despojados e anniquilados. Durante o intervallo das nove Cruzadas, he facil crer que a Ordem se augmentou reunindo sugeitos de todos os paizes.

Depois dos primeiros successos e da partida do exercito, oitenta e hum dos Architectos passárão á Suecia, munidos de recommendações para o Prelado de Upsal, a quem iniciárão nos seus mysterios, para o induzirem a reanimar o fervor dos Principes confederados.

Renovou-se a empreza, mas o successo não

correspondeu ás suas esperanças. Enviárão de novo huma deputação de oitenta e hum a Epsal, encarregado de entregarem ao Prelado o deposito dos seus conhecimentos, encerrado em hum cofre.

O Prelado o recebeu e encerrou em hum tumulo de marmore, sellado com quatro sellos, e em segredo fez praticar huma cova no fundo da Torre das Quatro Coroas; e ajudado dos deputados, ali depositou os preciosos archivos, que em época posterior d'ali forão tirados.

Consummada com successo esta operação, voltárão os nossos Irmãos a Jerusalem; mas tendo a conquista do Sultão do Egypto feito perder toda a esperança de restabelecer o Templo, resolvêrão abandonar a sua patria desgraçada, e ir formar em remotos lugares novos estabelecimentos.

Não tendo ainda a possibilidade, meu Irmão, de reedificar o antigo Templo com materiaes terrestres, collocai-o pelo menos, com materiaes mysticos, no centro do vosso coração. Possa o Gr.·. Arch.·. do U.·. animar o vosso zelo, alimentar as vossas esperanças, e assegurar-lhes o successo!

QUARTA ORDEM.

GRÁO

DE ROZA-CRUZ.

REGULADORES
DOS
GRAOS MYSTERIOSOS.

QUARTA ORDEM.

Roza-Cruz.

ORADOR.

DISCURSO HISTORICO.

Tendo os Maçons, depois da reedificação do Templo, desprezado os seus trabalhos abandonados ao rigor e ás vicissitudes do tempo, e não sendo as suas composições senão obras de corrupção, bem depressa se vio succeder á pericia do operario, á solidez dos metaes, e á belleza da architectura, a desordem, a confusão, e o vicio.

Foi então que o Gr.·. Ar.·. abandonou a edificação dos Templos materiaes á ignorancia e

á temeridade dos mortaes, para por sua sublime e suprema intelligencia construir os espirituaes, cuja existencia nunca cessará; foi então que a verdadeira Maçoneria chegou quasi a ser anniquilada pelos humanos, que as ferramentas forão despedaçadas, que a luz se escureceu, que a Estrella flammejante desappareceu, e que a palavra se perdeu.

Com tudo a vontade daquelle que dirije todas as cousas pôz hum termo a tão desventuroso evento: a luz reappareceu, as ferramentas despedaçadas retomárão a sua forma, a Estrella flammejante voltou com maior fulgor, e a palavra se recuperou.

Esta importante revolução só foi devidamente apreciada pelos Maçons: só elles conhecêrão as tres columnas fundamentaes. Firmes em seus principios, continuárão a cobrir com hum véo emblematico os conhecimentos que não devião prodigalisar ao vulgo. São estes emblemas e estes conhecimentos de que a Maçoneria he depositaria, que ella transmitte de seculo em seculo em suas ceremonias, em suas palavras e caracteres aos homens que disso se tornão dignos.

Os Maçons imperfeitos, isto he, os preten-

didos philosophos modernos, tendo perdido de vista os verdadeiros principios constitutivos deste Universo, ou antes não tendo sido nunca iniciados nos augustos mysterios da natureza, estabelecêrão systemas falsos e em contradicção com os verdadeiros principios. Zoroastro, Trimegisto, Moysés, Solomão, Pythagoras, Platão e muitos outros, são para elles outros tantos enigmas.

Os verdadeiros discipulos desses homens celebres olharáõ sempre com piedade para esse rebanho de cegos, que erra em volta do Templo da verdade sem descobrir a sua entrada. Possão elles, mudando de systema, ceder a esta voz interior e secreta que em nós lhes annuncia tres partes bem distinctas, a material, a espiritual, e a celeste, e comparando o seu ser ao Universo inteiro, reconhecer nelle a união e a combinação desses tres principios!

Tres fins principaes determinão a immensidade dos conhecimentos Maçonicos; da reunião destes objectos nasce aquillo que todo o verdadeiro Maçon procura .... a verdade!

Estes fins são a metaphysica, a moral, e a physica. Os elementos de todos estes conhecimentos sublimes se encerrão nos tres primei-

ros gráos, denominados por isso Gráos Symbolicos.

No primeiro gráo tudo se faz por tres, porque tudo tem relação a tres principios: o nascimento, a existencia, e a morte; o agente, o paciente, e o producto.

No segundo gráo principião a detalhar-se os primeiros productos, as primeiras consequencias dos tres principios, sob o emblema cinco, por que tudo ali tem relação a cinco sciencias ou conhecimentos, a metaphysica, a moral, a astronomia, a agricultura, e a architectura. Estas tres ultimas sciencias e a physica são aquellas, cujo estudo das propriedades das diversas producções da natureza e do mysterio de suas operações determina o conhecimento.

A ordem immutavel do movimento dos corpos celestes, tão admiravel como inconcebivel, foi a escala que guiou o espirito humano e o levou até á intelligencia suprema, elevando a alma dos observadores acima de toda a materia creada, e dando assim nascimento á metaphysica.

O aspecto destas maravilhas que parecem estar suspensas sobre nossas cabeças, determinou as observações de hum pequeno nume-

ro ; a serie de observações transmittidas de seculo em seculo formou a astronomia ; hum genio feliz inspirado pelo Gr.·. Arch.·. do U.·., e determinado pela necessidade, desenvolveu esse sentimento innato de cultivar o solo que se habita, e descobrio o thesouro inesgotavel da agricultura.

A agricultura, aperfeiçoada pela astronomia, tornou-se a base e o principio fecundo das sociedades politicas, cuja existencia necessita das leis e do desenvolvimento da moral. A intemperie das estações, a voracidade dos animaes, a necessidade de pôr em abrigo os fructos do trabalho do homem, forçou o seu genio a levantar hum edificio; a arte da construcção, illustrada pelas observações do genio e do gosto, deu lugar ás theorias das linhas e das superficies da architectura.

Estes diversos conhecimentos pertencem necessariamente a hum pequeno numero de individuos, que durante muitos seculos, se assegurárão a sua posse exclusiva, cobrindo-se para esse fim com hum véo impenetravel, dando assim lugar a essas instituições celebres de que os Sabeos e os Bramas são sublimes restos. Os Magos, os Hyerophantes, e os Druidas, fo-

rão outros tantos ramos desses mesmos iniciados, que o amor e o estudo das sciencias e das letras havião reunido, e que a fouce mortifera do tempo anniquilou. Ninguem duvida que os Hyerophantes levassem estas sciencias ao mais subido grão de perfeição. Forão esses celebres philosophos que nos transmittirão, por huma tradição oral e constante, os symbolos de nossos mysterios.

A architectura, que entre os Egypcios chegou a hum grão de sublimidade que ainda hoje faz a admiração do Universo, pertencia aos seus Sacerdotes, os Hyerophantes.

A necessidade de extender mais ou menos os seus conhecimentos, segundo o merito dos individuos, determinou a divisão das classes, em ensino, instrucção, e estudo. A sua iniciação comprehendia tres partes: a purificação do corpo, que consiste na mortificação dos sentidos e do espirito; a purificação da alma, que consistia em duas partes, a invocação e a instrucção: huma obrigava a assistir aos sacrificios e a outra ás conferencias; e a manifestação, que era menos hum exercicio do que a recompensa dos que tinhão precedido. Durante doze revoluções o candidato examinava tu-

do, e tomava conhecimentos que podia ampliar pelo andar do tempo.

Pythagoras, a exemplo dos Egypcios, entre os quaes tinha adquirido os seus conhecimentos e a sua doutrina, só admittia aos seus trabalhos aquelles de quem se tinha assegurado por meio de experiencias superiores ás forças communs e ordinarias, e deu aos seus discipulos as regras dos Sacerdotes Egypcios. Os philosophos Judaicos, chamados Essenios, se dirigião pelas mesmas regras. Pythagoras impunha a seus discipulos hum silencio de seis annos, durante os quaes só devião escutar, sem nunca poderem fazer a mais leve pergunta. Davão-lhes o nome de Escutadores. No fim desse tempo, se disso erão julgados dignos, permittia-se-lhes a faculdade de fallar, e de proporem as suas duvidas. Tinhão então o nome de Iniciados nas sciencias. Erão os unicos que reconhecia por discipulos, e os fazia no segredo das suas razões, explicando-lhes a causa de tudo que lhes ensinava. No physico, davão conhecimento do nome de cada cousa, o seu emprego e as suas propriedades. No moral, alinhavão o coração para a virtude. Os nomes e as propriedades dos materiaes, torna-

vão-se, nas mãos destes philosophos, outros tantos emblemas, proprios a recordar incessantemente á memoria dos educandos, as lições que lhes tinhão dado. Tudo era allegorico.

Da primeira classe passava-se á segunda. Aprendião-se então os elementos da sciencia dos calculos, das linhas e das superficies. Juntava-se-lhes, com discrição e precaução, a communicação das descobertas e das praticas secretas. Dependia isto do genio e merecimento dos individuos, cujo caracter era o objecto do estudo e da observação continua dos Mestres.

A certeza dos resultados geometricos e dos calculos, tornou-se o principio rico e fecundo da sublime allegoria, pela qual as almas se elevão acima de si mesmo, e tomão o vôo para a sua verdadeira patria, transportando-se ao seio do verdadeiro absoluto, ao seio da verdade.

A terceira classe era, como ainda he, a reunião dos conhecimentos das duas primeiras, com a faculdade de fazer a sua applicação. O Mestre he aquelle que póde ensinar, e Mestre só he o que conhece perfeitamente o Delta, e todas as suas propriedades; que conhece a creação, o crescimento, a perfeição, a unidade da essencia, da substancia e da natureza, cujo

producto he o Delta, principio de todas as verdades.

Todos os conhecimentos Maçonicos e a applicação que delles se podem fazer, se encerrão pois nos tres Gráos chamados Symbolicos; mas foi necessario para facilitar o trabalho dos que aspirão ao conhecimento da verdade, estabelecer classes nas quaes se pudesse dar huma especie de desenvolvimento aos emblemas, que de todas as partes se offerecem em os primeiros gráos, sem comtudo correr inteiramente o véo.

O gráo de R.·. †, da maneira que geralmente se confere, he disso huma prova convincente. Neste gráo tudo he sensivel, tudo patente, tudo se mostra a descoberto. E poderá dahi inferir-se que o emblema cessa de existir? Não; os antigos Maçons, ou fosse por prudencia ou por outros motivos, nos occultárão o ponto mais importante sob caracteres hyeroglyphicos, que hoje só parecem annunciar enigmas. Aquelle que, pelo seu trabalho ou pesquisas, chegar a descobrir o segredo das sublimes verdades que elle encerra, ficará perfeitamente satisfeito; e terá a certeza de haver encontrado a felicidade a que aspira todo o mortal. Seus dias serão felizes, suas mãos pu-

ras, e a indigencia e as infirmidades pouco imperio teráõ sobre elle.

Tenhamos pois coragem, redobremos nossos esforços, e trabalhemos com zelo, constancia, e paciencia. Existe huma classe privilegiada de Maçons Philosophos, dignos desse titulo pela vastidão e sublimidade de seus conhecimentos. Fiquemos convencidos que não foi sem motivos que os professores da arte dos sabios, os verdadeiros Mestres, escolhêrão para chefe aquelle que dotado de hum dom celeste, teve em partilha a sciencia e a sabedoria; e que não foi tambem sem razão que os Philosophos estabelecêrão os seus trabalhos, segundo o plano do Templo celebre, elevado á gloria do Altissimo, pelo mais sabio dos mortaes, Solomão. Esta persuasão deve sustentar o zelo de todos os Maçons, lembrando-lhes que a arte que elles professão deve conduzi-los ao sanctuario da verdade, pela pratica das virtudes, e por hum estudo constante e seguido da natureza e das maravilhas do Gr.·. Ar.·. do U.·.

FIM DO CADERNO DE ORADOR.

Rio de Jan. Typ. Imp. e C. de Se[illegible]ot-Plancher e C. 1834.

REGULADORES
DO
Rito Francez.

GRÁOS MYSTERIOSOS.

ARCHITECTO.

Rio de Janeiro.

1834.

REGULADORES

DO

Rito Francez.

GRÁOS MYSTERIOSOS.

ARCHITECTO.

TYP. IMP. E CONST. DE SEIGNOT-PLANCHER E C.ª,
Rua d'Ouvidor, N. 95.

REGULADORES

DOS

GRÁOS MYSTERIOSOS,

OU DAS

QUATRO ORDENS SUPERIORES

do Rito Francez.

QUINTA PARTE.

ARCHITECTO.

RIO DE JANEIRO.

1834.

PRIMEIRA ORDEM.

GRÁO

DE ELEITO SECRETO.

REGULADORES

DOS

GRAOS MYSTERIOSOS.

PRIMEIRA ORDEM.

Grão de Eleito Secreto.

ARCHITECTO.

DECORAÇÕES.

São precisas tres camaras:

A primeira, chamada Camara de Preparação;

A segunda, Camara do Conselho;

A terceira, Camara escura ou Caverna.

A primeira camara, chamada Camara de Preparação, sera mobilhada com simplicidade. Nas paredes devem estar pendurados alguns quadros com maximas de moral.

Será illuminada por huma só véla amarella n'hum castiçal de páo preto. Collocar-se-ha

o castiçal sobre huma mesa de páo ordinario, e hum banco servirá de cadeira.

O candidato ali será encerrado até o momento da recepção.

MAXIMAS.

O crime não póde ficar impune.

A consciencia he hum Juiz inflexivel.

Sem o poder legitimo, a vingança he hum crime.

A segunda camara, chamada Camara do Conselho, será forrada de preto, semeada de lagrimas encarnadas; o altar de encarnado, bordado de preto; no centro hum punhal lançando nove chamas pretas á maneira de raios e em volta lagrimas pretas.

Collocar-se-hão sobre o altar hum punhal, hum compasso, o livro da sabedoria, hum malhete, e huma fita preta.

N'hum angulo á esquerda do altar, se collocará hum quadro representando tres cabeças sobre estacas, com as ferramentas dos tres companheiros representados pelas tres cabeças. Por cima de cada cabeça haverá huma inscripção. No centro: *crime punido*, e o mar-

tello por baixo da cabeça. A'direita : *o Céo nos julga*, e a regra por baixo. A'esquerda : *a punição he certa*, e a alavanca por baixo da cabeça. Huma cortina occultará estes objectos que só apparecerão em tempo opportuno.

O quadro representará, na parte superior a estrella d'alva entre oito mais pequenas ; no centro huma grande caverna ; no interior huma lampada collocada sobre hum rochedo; do lado do Meio-dia, hum braço com a manga arregaçada na acção de ferir com hum punhal; por baixo, hum cão farejando e pestes a entrar na caverna ; no Septentrião, huma fonte d'agoa rebentando d'entre os rochedos; ao Occidente huma escada ingreme cortada na rocha, e descendo até a caverna. O corpo do quadro será preto, e a moldura encarnada ; e será traçado com giz sobre o assoalho, e apagado logo que termine a recepção. Póde tambem ser substituido por hum quadro pintado sobre pano preto, com o desenho já descripto, e extendido no centro da camara.

A torre da Camara do Conselho será illuminada por seis grandes luzes pregadas nas paredes. No interior, ao entrar á direita, collocar-se-hão nove castiçaes com oito luzes ; a

nona será mais alta e em distancia das outras de dous pés pouco mais ou menos.

O avental será branco, bordado e forrado de preto, no centro terá hum punhal lançando chamas encarnadas, á maneiras de raios; a aba preta, bordada e forrada de encarnado tendo no centro chamas de fogo.

Todos os membros teráõ na mão hum punhal, e huma fita preta passada do hombro esquerdo ao quadril direito. Penderá da extremidade da fita, hum pequeno punhal de punho de ouro e lamina de prata, seguro por huma roseta branca preza em fita encarnada.

A terceira camara deve representar hum deserto de aspecto selvagem: em roda devem estar figurados grandes penedos asperos e destacados, e pedras não lavradas para marcar a carreira de Ben-acar; ao lado huma decoração figurará a entrada de huma caverna; á direita, á entrada da caverna, haverá huma fonte rebentando dentre os rochedos, á esquerda hum cão farejando; no interior e no meio da caverna, huma lampada collocada sobre hum rochedo; ao lado, e no interior, haverá hum

transparente que só apparecerá em tempo opportuno; no fundo, haverá hum manequim representando hum homem na acção de atravessar o coração com hum punhal; á entrada da caverna se figuraráõ dous homens fugindo a travez dos penedos, e dous outros perseguindo-os.

Estes dous homens, prestes a serem agarrados, precipitão-se n'hum abismo.

Se o local o permittir, praticar-se-hão novos degráos para descer á Caverna.

SEGUNDA ORDEM.

GRAO D'ESCOCEZ.

REGULADORES

DOS

GRAOS MYSTERIOSOS.

SEGUNDA ORDEM.

Grão d'Escocez.

ARCHITECTO.

DECORAÇÕES.

São precisas tres camaras.

A primeira, chamada Camara de Preparação;

A segunda, Abobada Secreta;

A terceira, o Templo na sua perfeição.

A primeira camara, chamada Camara de Preparação, será ornada com simplicidade: o Irmão Recipiendario ali esperará em silencio o momento em que viráõ procura-lo.

O Irmão Preparador vestirá o Recipiendario convenientemente.

O vestido será huma veste branca, borda-

da de encarnado, com hum cinto encarnado á grega.

O Recipiendario será privado das suas armas; os cabellos lhe cahiráõ pelas costas, a cabeça e os pés estaráõ descobertos, e dar-se-lhe-há hum calçado conveniente.

A segunda camara, chamada Abobada Secreta, presume-se representar huma abobada subterranea: he pintada em roda de côr encarnada.

No Oriente, no ponto do centro, se collocará hum pedestal triangular de marmore encarnado, ornado de esculturas e molduras de ouro, representando, sobre as duas faces visiveis, do lado direito hum sol radiante, e do outro a estrella flammejante com a letra G.; por detraz hum compasso aberto n'hum quarto de circulo, entre as duas pontas, os algarismos 3, 5, 7 e 9. Sobre o pedestal se collocará huma pedra chamada pedra cubica pontuda, e será figurada com o desenvolvimento de todas as suas faces de côr de agatha.

No meio, e para o centro da columna, se collocará huma mesa quadrada, da ordem do-

rica, sobre a qual estarão doze pães redondos, divididos em duas porções iguaes: por cima dos pães estarão duas urnas, nas quaes se farão queimar alguns perfumes. No meio da mesa se porá huma bacia de ouro cheia de hum mixto preparado de leite, azeite, vinho, e farinha, e huma trolha igualmente de ouro, bem como huma taça do mesmo metal cheia de vinho, e ao lado hum biscoito ou pão.

No Septentrião, em frente da mesa que se acaba de descrever, e sobre o altar chamado dos sacrificios se collocarão hum machado e huma faca.

No Occidente haverá hum vaso grande cheio de agua, ao qual se encostará huma escada para se subir, collocando-se na extremidade huma banqueta onde o Recipiendario possa sentar-se e metter os pés dentro da agua.

Os tres grandes Officiaes estarão munidos de malhetes guarnecidos de veludo encarnado com franjas de ouro, dos quaes se servirão na forma do costume.

As mesas do Thesoureiro e Secretario serão collocadas á direita e á esquerda, como nos gráos precedentes, e cobertos de pano en-

carnado. As luzes serão em numero de vinte e sete, divididas em grupos de nove a saber:

Na columna do meio dia, junto ao Oriente, por tres.

No Occidente, junto ao 1° Vig.·., por oito e hum; junto ao 2° Vig.·. por seis e tres.

Diminuir-se-ha o fulgor das luzes por hum transparente recortado em estrellas collocado em frente de cada grupo, o qual se retirará em tempo opportuno na terceira camara (*).

A terceira camara representará o Templo concluido: esta camara será a mesma que a precedente. Todos os objectos da segunda camara se conservão, menos o pedestal coberto com a pedra cubica, que se fará retirar, quando o ordenarem durante a recepção, bem como os transparentes. No fundo desta camara se arranjará hum recinto fechado com huma cor-

---

(*). As luzes, divididas para o serviço dos trabalhos, não são consideradas symbolicas, e não fazem numero. O Muito Grande terá tantos aneis quantos forem os Resplendarios.

tina tecida com as quatro côres: gradelim, purpura, jacintho e escarlate (*).

Esta cortina se correrá, quando o ordenarem na recepção.

Este recinto será o mais rico e brilhante possivel.

O nome de G.·. A.·. em hebraico ali estará no centro, elevado a huma altura conveniente, e em todo o seu fulgor. Dous Cherubins de ouro cobrirão com as azas o altar do fundo; hum candelabro de ouro de sete braços com sete lampadas promptas para se accenderem, estará collocado immediatamente por detraz do véo.

O quadro será figurado com giz, como já se disse no gráo precedente. Sobre a linha do Meio-dia se desenhará hum poço, no qual cahirá hum raio a prumo; no lado opposto, hum espinhal ardendo e lançando grandes chamas; no meio destes objectos haverá hum compasso coroado sobre hum quarto de circulo; entre as pontas estarão traçados os algarismos 3, 5, 7, e 9.

(*) A não poder encontrar-se este tecido, pode substituir-se por huma cortina encarnada.

No Meio-dia, e para o centro, se figurará huma mesa supportando vasos de ouro.

Ao Norte e defronte do altar dos sacrificios, entre dous e por baixo do compasso, partindo do Occidente, se figurará huma escada de 24 degráos divididos em patamares de 3, 5, 7, e 9, tendo em frente e para o Occidente hum grande vaso. O fundo do quadro será preto; o avental terá fundo branco, bordado e forrado de encarnado, tendo sobre a aba a Estrella flammejante: por baixo e para o centro estará o compasso coroado sobre hum quarto de circulo, com huma medalha no meio representando o Sol. A joia de ouro será o compasso coroado sobre hum quarto de circulo, tendo no centro huma medalha representando de hum lado o Sol, e do outro a Estrella flammejante: penderá de huma fita côr de papoula ondeada, lançada ao pescoço em forma de triangulo. Todos os Membros traráõ huma faxa encarnada com franjas de ouro, passando da espadua direita ao quadril esquerdo, e teráõ a espada na mão.

NOTA. Será bom ter alguns musicos.

TERCEIRA ORDEM.

GRÃO

DE CAVALHEIRO D'ORIENTE.

REGULADORES

DOS

GRAOS MYSTERIOSOS.

TERCEIRA ORDEM.

Cavalheiro d'Oriente.

ARCHITECTO.

DECORAÇÕES.

São precisas tres Camaras:

A primeira, chamada Camara de Preparação;

A segunda, Sala do Oriente;

A terceira, Sala do Occidente.

Entre as duas salas he de mister huma antecamara ou corredor.

A primeira Camara, chamada de Preparação, será ornada com simplicidade. O Recipiendario ali ficará até o momento da recepção. Deve estar vestido com o avental e fita de Es-

cocez, sem outra alguma arma, ornamento ou joia particular. Deve estar com a cabeça descoberta, o pescoço e as mãos ligados com tres cadêas de anneis triangulares, que partem de tres angulos de hum maior annel; devem ter comprimento sufficiente para que possa extender o braço.

Cobrir-se-lhe-ha a cabeça com hum pano côr de cinza. Neste estado o Irmão preparador lhe dirá que representa Zorobabel cativo em Babylonia. Far-lhe-ha cobrir o rosto com as mãos até a porta da Torre, onde os guardas teráõ o cuidado de dar-lhe huma busca rigorosa antes de o apresentarem.

O Recipiendario deve ser introduzido na Torre, no momento da entrada daquelle que preside.

A segunda Camara, chamada Sala do Oriente, representa o Conselho de Cyro reinando em Babylonia, composto do Principe, de sete Officiaes principaes e de todos os Cavalheiros.

Os Officiaes do Conselho, são:

O Soberano Mestre, Presidente, representando. . . . . *Cyro.*

Gr.·. Mes.·. do Palacio, Orador. . *Daniel.*

Gr.·. Mes.·. da Cavallaria, General, 1° Vig.·. . . . . *Sisimas.*

Gr.·. Mes.·. de Milicia, 2° General, 2° Vig.·. . . . . *Sarabuzan.*

Gr.·. Mes.·. da Chancellaria, Guarda-Sello. . . . . *Ratim.*

Gr.·. Mes.·. das Finanças, Thesoureiro. . . . . *Mithridates.*

Gr.·. Mes.·. dos Despachos, Secretario. . . . . *Semelius.*

Gr.·. Mes.·. de Ceremonias, Mes.·. de Ceremonias. . . . . *Abazar.*

A armação deve ser verde, e a sala illuminada por hum numero sufficiente de luzes (o numero não he fixo.)

No Oriente deve haver hum trono elevado sobre dous degráos, e ornados de galões e franjas de ouro.

No Occidente, ao Norte e ao Meio-dia estarão os assentos para os Officiaes e Cavalheiros

Os Officiaes, fazendo funcções de Vigilantes, estarão em linhas distinctas.

Por detraz do trono haverá hum transparente representando o sonho de Cyro, a saber: Hum leão bramindo, prestes a avançar-lhe;

logo acima huma gloria scintillante; no centro nuvens luminosas; do centro da gloria, sahirá huma aguia, levando no bico huma bandeira com as seguintes palavras: *Dai a liberdade aos cativos*; por baixo das nuvens luminosas, Nabuchodonosor e Balthazar, predecessores de Cyro, carregados de ferros; o primeiro ainda na forma de animal. O quadrado do Conselho deve ser formado por hum pequeno muro de madeira ou papelão, de pé e meio de altura fingindo tijolo. Esta muralha deve estar guarnecida por sete torres: tres ao norte, tres ao Meio-dia e huma ao Occidente: as seis dos dous lados seráõ pintadas da côr da muralha e de huma altura proporcionada á sala; a do Occidente deve ter pelo menos sete pés de altura e huma circumferencia proporcionada, com duas portas, huma dentro do quadrado, outra fóra, sem porém admittir luz.

A armação do Occidente deve unir-se exactamente ao lado da Torre, para que se possa entrar e sahir sem que de dentro o vejão. O Trono collocado no Oriente deve estar dentro dos muros.

A porta interior será guardada por dous Cavalheiros, com a lança na mão e a espada na

bainha; sendo possivel devem ser os ultimos iniciados.

Quando os Irmãos estiverem em pé, deverão estar dentro dos muros, e sentados quando estiverem da parte de fóra.

No meio da sala estarão as duas columnas J.·. B.·. deitadas por terra, em relevo, ou figuradas com giz, bem como alguns vasos.

Deve-se estar provido de hum grande esquentador com duas azas, de que se fará uso em tempo opportuno.

Os Officiaes trarão ao pescoço huma fita larga verde ondeada, sem joia. O Mestre terá huma igual fita com huma presilha bordada de ouro, terminando na ponta por huma borla do mesmo metal.

No meio da fita estarão bordados em aspa, huma espada e hum sceptro, coroados por hum pequeno sol bordado a ouro.

Os Cavalheiros trarão huma fita larga verde ondeada, passada em boldrié da esquerda para a direita sem joia.

O avental será branco, bordado de verde, com a aba cahida, na qual estará pintado ou bordado a ouro o nó de Solomão, mal entrelaçado; no centro duas espadas em aspa.

O avental vira-se, e apresenta os attributos de Grande Eleito Escocez.

Na ante-camara que separa as duas salas, se arranjará huma ponte de madeira solida, por baixo da qual se figurará hum rio coberto de cadaveres e ruinas.

A terceira Camara, chamada do Occidente, deve representar os Maçons que se enterrárão nas ruinas de Jerusalem. A armação será encarnada, como a dos Escocezes, a sala será illuminada por dez grupos de luzes de sete cada hum. (Accender-se-ha huma luzem cada grupo, e o resto quando se disser.) Não ha trono, e simplesmente hum assento no topo da sala na occasião da recepção.

Huma cortina no fundo occultará huma gloria radiante e hum altar. Esta cortina só será corrida quando o ordenarem; e ao mesmo tempo huma armação verde substituirá a encarnada, deixando porém os festões encarnados e mudando só os panos da armação, que poderão estar dispostos de maneira que se possão virar ou enrolar huns por baixo dos outros.

O centro da sala representará o Templo de-

molido, e os instrumentos da Maçoneria espalhados e fóra da sua posição natural.

No exterior da sala do Occidente se figuraráõ em pedra os muros de Jerusalem destruidos.

Ao passar nesta sala os Cavalheiros deixaráõ as insignias verdes, e tomaráõ as encarnadas. Distinguir-se-hão os gráos por meio de rosetas na extremidade das fitas. Os Cavalheiros traráõ huma faxa de seda côr de agua, bordada nas duas extremidades com huma franja de ouro.

Esta faxa se traz em forma de cinto, e nas pontas se figura huma ponte com as letras L.·. D.·. P.·.

O Mestre terá por joia tres triangulos não entrelaçados, más por gradação hum dentro do outro: o 1° Vig.·. huma esquadria, o segundo hum nivel.

Os Officiaes teráõ a joia do costume, encerrados em triplices triangulos.

A joia do Cavalheiro he a mesma que a dos Grandes Eleitos Escocezes, juntando-lhe, em tropheo, duas espadas nuas com lamina de aço e em aspa.

Cada Cavalheiro trará huma trolha, com o

punho guarnecido de huma fita encarnada, e atada ao cinto do lado direito.

O Soberano Mes.·. mudará o nome no de Mui Illustre Mes.·.

Os Vigilantes tomaráõ o de Muito Illustres Vigilantes; os Illustres Officiaes, teráõ o titulo dos seus lugares, accrescentando-lhe o de Cavalheiro, e todos os outros Membros, o de Cavalheiro.

QUARTA ORDEM.

GRÁO

DE ROZA-CRUZ.

REGULADORES
DOS
GRAOS MYSTERIOSOS.

QUARTA ORDEM.

Roza-Cruz.

ARCHITECTO.

DECORAÇÕES.

São precisas quatro Camaras.

A primeira he ornada como huma sala ordinaria e serve para preparar o Recipiendario, o qual deve estar vestido de preto, sendo possivel, e com as insignias do gráo precedente.

A segunda Camara onde se faz a abertura dos trabalhos, deve ser armada de preto, semeada de lagrimas brancas; e hum pavimento me-

saico cobrirá toda a sala em quadrados brancos e pretos. Será illuminada por trinta e tres luzes, em tres candelabros de onze braços; cada luz será encerrada n'huma pequena caixa de folha, que só deve deixar escapar a luz por huma circumferencia de huma polegada de diametro aberta sobre o lado da caixa Estas trinta e tres luzes são allegoricas.

Nos tres angulos da Camara haverão tres columnas da altura de hum homem; sobre cada huma se escreverá em caracteres grandes e transparentes o seguinte:

Na do Oriente, *Fé.*

Na do Meio-dia, *Esperança.*

Na do Norte, *Caridade.*

Estas columnas podem servir de candelabros. No fundo da sala haverá hum altar elevado sobre tres degráos, ornado de preto, semeado de chamas brancas; em cima haverá hum quadro figurando tres cruzes; a do centro representará, no meio, a rosa mystica cercada de huma corôa de espinhos; e sobre as outras, haverá huma caveira e dous ossos em aspa; no pé da cruz do centro haverá hum globo proporcionado á grandeza da cruz, cercado de huma serpente; em frente do altar, á direita e a esquerda, se collocará huma vela amarella.

Duas grandes cortinas occultarão este altar, até que se mandem correr no decurso da recepção.

Por baixo dos degráos, á direita, haverá huma pequena mesa coberta de pano preto, sobre a qual se collocará o livro da sabedoria, hum compasso, huma esquadria e hum triangulo, huma fita preta e o vestido de Recipiendario.

O Muito-Sabio senta-se a esta mesa, e todos os Irmãos se sentão indistinctamente. Como se presume estarem sentados no chão, haverá cuidado em que se tenhão banquetas de seis polegadas de altura, collocadas em volta da sala para se sentarem os Irmãos. Os Vigilantes, tambem sentados, estarão collocados como nos gráos precedentes, sem mesa diante de si. O vestido do Recipiendario será de pano de seda branca, bordada em volta com huma fita preta da largura de dous dedos; e em forma de casula curta; no centro deve ter huma cruz de fita côr de papoula, da mesma largura que a preta; deve chegar de alto a baixo e a travez, e ser forrada de branco.

O vestido dos Cavalheiros he igual, mas póde dispensar-se, basta que estejão vestidos de preto.

A fita, nesta Camara, deve ser preta, da largura pelo menos de tres dedos, e trazida ao pescoço. Deve haver no meio da fita huma cruz encarnada. Por baixo e na extremidade haverá huma roseta côr de papoula.

A fita preta, ao pescoço, serve para dispensar a que se traz em bandoleira, tendo tambem huma cruz côr de papoula bordada sobre o peito.

O avental deve ser de pelle branca, bordado de preto, tendo no centro tres rosetas pretas; sobre a aba huma caveira e dous ossos em aspa; no bolso, hum grande J.·.; no centro do avental, hum globo representando o mundo, e o globo enroscado por huma serpente. O Mestre deve trazer huma estrella flammejante ao peito com a letra G.·. no meio, e em volta dos raios as letras F.·. E.·. C.·.

O 1° Vig.·. traz hum triangulo; o 2° Vig.·. a esquadria e o compasso em aspa, e tudo coberto com hum fumo. A joia deste gráo he hum compasso com as pontas n'hum quarto de circulo; a cabeça do compasso he huma rosa aberta, cujo pé se vai perder n'huma das pontas do compasso. No centro do compasso ha huma cruz radiosa, com o pé n'hum quarto

de circulo, e o topo tocando a cabeça do compasso; de hum lado está apoiada nas pontas do compasso, huma aguia com as azas abertas e a cabeça baixa; do outro hum pelicano, rasgando o seio para alimentar os filhos, que por baixo se divisão em hum ninho. Entre a aguia, e o pelicano eleva-se hum ramo de acacia; sobre a cabeça do compasso, que forma huma rosa, ha huma corôa antiga; sobre o quarto do circulo ha, de hum lado, a palavra, e do outro a palavra de passe em letras hieroglyphicas. Esta joia deve ser de ouro ou dourada; o pelicano, a aguia, e a rosa, de prata. O debuxo da Loja he hum quadrado longo, por linhas triplices, nas quaes se escreve nas extremidades: *Sabedoria, Força, Belleza;* nos interiores: *Oriente, Occidente, Septentrião, Meiodia*, e o festão recortado; ao Oriente a abobada sagrada semeada de estrellas com o sol e a lua obscurecidos pelas nuvens; na primeira parte do Oriente huma aguia suspensa no ar, comparada ao poder supremo. No centro do debuxo da Loja ha tres quadrados, com tres circumferencias e tres triangulos dentro, allegoria que representa o Monte Calvario; no cume ha huma pedra cubica, huma rosa

comparada á doçura, e a letra J.·. no meio da rosa que quer dizer *Jchova*, que he a palavra expirante.

O espaço que cerca os quadrados está cheio de trevas; logo abaixo estão todos os antigos instrumentos e ferramenta da maçoneria, as columnas despedaçadas; no exterior da linha oriental ha huma columna que representa os sete nós do perfeito Maçon.

A terceira Camara deve representar hum lular de reprovação. Os objectos que ali se figurão são transparentes, ou pintados sobre os muros. O Recipiendario ali será introduzido depois do primeiro ponto da recepção, e ali ficará até que possa ser introduzido na quarta Camara.

A quarta Camara arma-se de encarnado, e deve ornar-se com o maior esplendor. Os candelabros com as trinta e tres luzes ali seráõ conduzidos e collocados na mesma ordem. Por baixo do docel, haverá huma gloria luminosa, cujo centro representará a estrella flammejante; no meio da estrella haverá o signal, e por baixo se figurará hum tumulo aberto.

A joia se traz descoberta e ao pescoço, em huma fita côr de papoula de tres dedos de largura pelo menos, e em aspa. Na extremidade ha huma roseta preta, a qual se prende á joia. O avental he branco, bordado e forrado côr papoula, assim como a aba, no meio da qual ha hum triangulo contendo tres quadrados, tres circulos e hum J.·. no centro. No meio do avental, pinta-se ou borda-se a joia.

O Mestre chama-se Muito-Sabio e Perfeito Mestre;

Os Vigilantes, Muito Excellentes e Perfeitos;

Os Officiaes, Muito Poderosos e Perfeitos;

E os Cavalheiros, Muito Respeitaveis e Perfeitos.

O debuxo da Loja he hum quadrado longo por linhas quadrupulas, nas quaes se escreve nas extremidades: *Fé*, *Esperança*, *Caridade*, *Oriente*, *Septentrião*, *Occidente*, *Meio-dia*; e o Sol e a Lua brilhando n'hum Céo semeado de estrellas. Na primeira parte do Oriente, huma nuvem com sete cabeças de Anjos; sobre a cruz, huma rosa aberta com a letra G.·.; logo abaixo tres quadrados, sobre os quaes ha tres circumferencias e tres triangulos para formar o cume, allegoria do Monte San-

to em que expirou o filho do G.·. A.·. No cume ha huma estrella flammejante de sete raios luzentes, em todo o seu esplendor, no meio da qual ha a letra G.·. que representa o Filho do Homem ressuscitado em toda a sua gloria. Dos lados, ao Meio-dia, hum pelicano sobre o ninho, sahindo-lhe do seio sete fontes de sangue para alimentar os sete filhos que o cercão, imagem da ternura maternal.

No Septentrião huma aguia suspensa no ar, imagem do Poder Supremo; logo abaixo o tumulo na parte inferior do quadrado; sobre a linha do centro, do Oriente ao Occidente, o compasso, a prancha de traçar, a alavanca, a trolha, a esquadria; sobre a linha do Meio-dia, a pedra cubica, o martello, a regoa, e o nivel; sobre a linha do Septentrião, a pedra bruta, o martello cortante, o malhete, o cinzel, a linha de prumo ou perpendicular; no exterior da linha oriental, a columna e os sete nós do perfeito Maçon.

NOTA. Quando hum Maçon se apresenta para ser recebido Cav.·. R.·. †, deve fazer o requerimento seguinte:

« Supplica humildemente os Irmãos, que « visto o desejo que tem de conseguir a per- « feição Maçonica, hajão por bem estando reu- « nidos, de o admittirem ao numero dos Ca- « valheiros. »

Esperará a resposta. No abrir-se a porta, pôr-se-ha de joelhos para recebe-la. Hum dos Cavalheiros, o que mais perto estiver da porta, fará a sua leitura, onde encontrará o dia e hora indicados para sua recepção.

SALA DO BANQUETE.

Esta sala he a mesma que a do primeiro ponto da recepção. Todos os Cav.∴ precedidos do Sapientissimo, passão a esta sala dous a dous e em silencio.

O ultimo iniciado faz apromptar o necessario para o banquete. Faz vir huma mesa que se cobre com huma toalha branca, e sobre a qual se põe hum pão, hum copo cheio de vinho, tres vélas, e hum esquentador.

Feito isto, vem dar parte de tudo estar prompto, e apresenta ao Sapientissimo e a todos os Cav.∴ huma varinha branca de seis polegadas de comprimento.

Depois da ceremonia, os ultimos iniciados levantão a mesa.

NOTA. Evitar-se-ha empregar hum Irmão Servente.

FIM DO CADERNO DE ARCHITECTO.

Rio de Jan. Typ. Imp. e C. de Seignot-Plancher e C. 1834.

12714